



ALMA NOVA



VASCO DA GAMA

Foram muito significativas e tocantes, na sua aparente modestia, as consagrações nacionais levadas a efeito em Lisboa, durante a última semana do mês de Janeiro, para comemorar o 1.º centenário da morte do grande Almirante dos mares das Índias e estrela maior das nossas glórias náuticas. Quasi todas as nações se associaram às referidas comemorações, por meio dos seus representantes diplomáticos e esquadras, que estiveram surtas no Tejo durante todo o período das festas. A evocação dos altos feitos e aventuras do glorioso protagonista dos "LUSÍADAS", foi motivo para calorosas e nobres afirmações de fé nos destinos portugueses, afirmações que não podemos deixar de aplaudir.

HERÓIS DE ONTEM

VASCO DA GAMA

A CONSAGRAÇÃO DAS POTÊNCIAS
NO 4.º CENTENÁRIO DA SUA MORTE

PALAVRAS PROFERIDAS PELO ENVIADO ESPECIAL DA SANTA-SÉ
■ NA SESSÃO DOS JERÓNIMOS ■

EMINÊNCIA, Monsenhores, Senhoras e Senhores: — Tendo vindo a esta bela e grandiosa capital, nas margens do Tejo, onde nos é dado admirar os sentimentos fraternais de um povo com quem aprendi sempre a amar esta nação:

Tendo vindo das margens do Tibre, que viu San-Pedro e a barca da Igreja, que viu o vé ainda passar perto dele tantas glórias;

E' grande honra para mim, honra que ficará no meu coração, como uma das melhores recordações da minha vida, usar da palavra na vossa presença nesta ocasião, entre todas memoráveis, da celebração do centenário de Vasco da Gama.

Esse centenário interessa ao mesmo tempo a Religião e as Letras e chama, por consequência, a Lisboa todas Potências e todas as Nações que se destacam pela sua fé e pela sua civilização.

Ninguém mais digno de elogios que esse que merece sem discussão os elogios de todo o mundo.

Por isso venho, Eminência, dizer-vos a razão desta imponente refinação, a qual dá o relevo do interesse internacional e da simpatia universal a presença do Corpo Diplomático, a que tenho a honra de presidir, e do qual, com o maior desvanecimento, sou aqui o intérprete.

Mensageiros das mais poderosas nações do mundo, sentimo-nos felizes em tomar parte nas vossas alegrias e em nos associarmos ao vosso legítimo orgulho.

Mas, como Representante do Pontífice Romano, desejo transportar à sua origem o ideal que animou Vasco da Gama e que Portugal sempre conservou.

«Não foi sempre esse ideal como uma Epifânia, uma manifestação de Cristo às nações da terra?»

O vosso poeta Camões, a quem a Espanha fez ultimamente uma comemoração tão espontânea e tão solene, que bem se poderia crer que ela era feita a um filho seu, Camões é grande como a Musa que desafia os séculos, e aparece belo como poucos entre a lira e a espada: mas bem maior é Vasco da Gama, que inflamou o ideal do poeta e mereceu ser cantado por ele.

E bem maior é ainda o povo de Camões e de Vasco da Gama, porque é o povo que guarda no seu coração o imperecível ideal que produziu os grandes poetas, os grandes navegadores.

Quando considero os limites da vossa nação e quando penso nas suas imensas descobertas, tenho a profunda convicção de que Portugal recebeu de Deus a missão dos antigos Patriarcas, para ser chefe de povos e de nações mais numerosas do que as serenas do mar.

Não receio enganar-me, dizendo que os olhos dos meus illustres colegas reflectem o desejo entusiasta das Nações que representam, de proclamar neste centenário as dividas de reconhecimento e admiração do mundo inteiro a Portugal.

Ler a vossa história é ler a história do mundo; e em todas as épocas gloriosas é preciso reconhecer que o género humano vos deve as vantagens que excitam ao máximo as cubiças da Humanidade, descobertas de continentes desconhecidos, refinação de povos cujo número é incalculável, riqueza e bem-estar material que excedem toda a imaginação.

Mas a vossa glória, ó illustre povo Português, é mais alta ainda, porque não é somente uma glória material, mas sobretudo uma glória espiritual e moral.

Nas suas numerosas expedições espalharam os portugueses os princípios da civilização e da fé. Edificando o Império do Novo Mundo sobre os alicerces da religião e da cultura, fizeram o que Deus fez com o primeiro homem, e o homem com os seus filhos: Séres semelhantes a Ele.

O centenário de Vasco da Gama, oh! Portugal culto, Portugal católico, é, acima de tudo, o teu centenário! Po-

des estar orgulhoso de haver dado um tão grande esplendor ao século de Vasco da Gama.

Do Vaticano, onde os acontecimentos nunca passam despercebidos, porque constituem o arquivo do mundo onde o Nosso Grande Papa estudou toda a sua vida e que todos os Papas tem compulsado como arquivos de família, partem como que duas correntes espirituais de que me sinto feliz fazendo aqui menção especial: o 10.º Ano Jubilar e a Exposição Missionária.

Se este Ano Jubilar é celebrado por tantos milhões de cristãos, devemos-lo em grande parte à obra realizada por Vasco da Gama.

Se a Exposição Missionária pôde obter um tão grande êxito e com espanto e admiração dos visitantes lhes pode apresentar os troféus ganhos na imensidade do Oriente por esses pioneiros de Cristo que seguiram Vasco da Gama e os portugueses, devemos-lo também, em grande parte, àquele de quem agora se celebra o centenário.

«Não é digno dos maiores elogios, Eminência, ter mostrado o Desconhecido àqueles que nem sequer sonhavam a sua existência e que assim foram tocados pela graça de Deus e esclarecidos pela sua luz?»

A Nação Portuguesa ouviu a voz do Nosso Senhor: «Ide!» e abriu o caminho aos propagandistas do Evangelho. Ouviu também outra voz: «Ensinai!», e então espalhou no seu caminho a verdade da vida.

Assim, muitos povos, conquistados com sacrifícios generosos, foram adicionados aos rebanhos do Redentor.

Tesouro mais valioso que o ouro e a prata, porque foi por eles que Cristo tudo vendeu, quer dizer, deu todo o seu sangue.

Na alma de Vasco da Gama, incarnação da raça portuguesa, que pode o que podem os fortes, que vê o que vêem os génios, ressoou, mais forte do que nunca, a palavra de Cristo; e ao mesmo tempo que repetia as acções do povo de Roma, repetia também aquelas outras, mais gloriosas e fecundas, dos Apóstolos, previstas e ordenadas por Jesus Cristo, quando pronunciou as palavras que se referem pela primeira vez aos povos descobertos por Vasco da Gama: «Omnes gentes!»

Foram estas recordações e estas glórias que aqui vim solenizar, convosco, Eminência, com o sentimento unanimemente partilhado pelos Chefes de Estado e pelas Potências, que põem assim em destaque, neste dia do centenário, a sincera admiração dos povos.

A presença do elemento diplomático estrangeiro prova e proclama que as glórias de Portugal são as glórias do mundo e que benefícios resultantes da obra de Vasco da Gama se reflectiram em benefícios e glórias para o mundo inteiro. Mas a presença do representante do Papa, como embaixador extraordinário, acrescentando a tantas provas de alta consideração o prestígio de um trono, tão antigo como a Fé de Vasco da Gama, traz a esta solenidade a autoridade moral dada por quem nunca se inclinou diante de uma obra que não merecesse a homenagem de toda a humanidade e eleva a Deus uma prece fervorosa para que, assim como Vasco da Gama e o seu nome são gloriosos no Céu e na Terra, a Pátria portuguesa receba, em recompensa, toda a prosperidade que merece e para que o grande ideal, sonhado pelos seus heróicos navegadores, tenha um pleno êxito para bem da humanidade, quer dizer, no amor e no progresso, filho da fraternidade e da justiça e de efeitos imutáveis na Paz de Cristo, e no Reino do Senhor.

MONS. TEDESCHINI.



NO PRÓXIMO FASCÍCULO: ACÇÃO E FÉ, — Artigo do prof. Dr. A. Reis Machado

HERÓIS DE HOJE

SACADURA CABRAL

A SESSÃO DE HOMENAGEM DOS NOVOS,
NO ATENEU COMERCIAL DE LISBOA,
PROMOVIDA PELO NÚCLEO DE "RESSURGIMENTO NACIONAL"



O sr. Presidente da República, o chefe do Governo e o sr. dr. Joaquim Manso, com os promotores da sessão: Tenentes Silvério Lebre e dr. Manuel Gomes dos Santos (à esquerda), e tenente José Rabaça e quintanista de Direito Ernesto Pereira (à direita), no gabinete da Direcção do Ateneu Comercial de Lisboa

○ «Núcleo de Ressurgimento Nacional» é uma simpática instituição de moças vontades, que de há muito se impôs pela nobreza do seu idealismo nacionalista e pela sua fé nos destinos da grei.

As comemorações nacionais levadas a efeito, sufragando a alma do heróico aviador Sacadura Cabral, morto em pleno vôo, sobre o Mar do Norte, com um humilde filho do povo, o não menos heróico marinheiro Cabo Pinto Correia, quis o referido «Núcleo» juntar a consagração dos novos, realizando uma sessão solene em sua homenagem, em 15 de Janeiro último, nos salões do Ateneu Comercial de Lisboa, à qual assistiram o sr. Presidente da República e o Chefe do Governo.

Na sala, que estava literalmente cheia, via-se — formosíssima nola de ternura —, em frente da presidência e na primeira fila de cadeiras, uma criancinha humilde, de olhar entristecido e vago — a filhinha do Cabo Pinto Correia.

Uma brigada de escoteiros fazia a guarda de honra ao sr. Presidente da República e vendia uma *plaquette* alusiva ao acto, com belos versos de Américo Durão e capa de Menezes Ferreira, revertendo o produto para a subscrição do monumento a Sacadura Cabral.

A sessão começou às 9 horas precisas, sendo aberta pelo Presidente da Comissão Directiva do «Núcleo», com a brilhante oração que adiante publicamos.

Falaram também os srs. dr. Joaquim Manso (director do *Diário de Lisboa*), tenente Silvério Lebre, 1.º tenente de Marinha Azevedo e Silva e o quintanista de Direito sr. Ernesto Pereira,

O ilustre director de *O Século*, sr. Trindade Coelho, impossibilitado de comparecer enviou a seguinte carta:

Ex.^{ma} Sr. Presidente do «Núcleo de Ressurgimento Nacional»:

Um ligeiro incómodo de saúde impede-me de assistir à sessão solene por V. Ex.^a promovida não só em honra de Sacadura Cabral e Pinto Correia, mas em desagravo — porque não? — daquele «inquerito à consciência nacional» que em dinheiro d'olvido e de contado inda não atingiu cinquenta contos. Comovidamente saúdo pois a confraria de moças actividades que nesse «Núcleo» latejam, esperença da renovação de Portugal pela Instrução e pela Educação, para com justa oportunidade me servir da dedicatória do *Manual Político*, que não pode continuar sendo cinza morta sobre chão fumegante de rescaldo. Em face do drama dos Heróis cujas memórias V. Ex.^a hoje celebram — prolongado marulho da História Trágico-Marítima — todo o Verbo se estanca. E' que foram sempre mudas as grandes comoções de assombro ou dor. Passada porém a hora volva de recolhimento e ascese, que o *Núcleo de Ressurgimento Nacional* clame à Terra e à Raça que ambas são eternas no tempo e no espaço; e que ensine também às novas gerações portuguesas a lição imortal de todos os *documentos vivos* da nossa grande História — Monumentos, Instituições, Obras e Homens —, lição que não pode nem deve ser aprendida nos cafés, nos animatôgrafos ou nos *teas-dancing*. Abrasa-me uma grande fé nos destinos da Pátria. Sintomas há que não iludem. Nunca os puros artistas da nossa terra e do nosso povo foram tão procurados como agora. *As Viagens de Garrett*; os livros de Júlio Diniz; a *Cidade e as Serras* de Queirós; os contos de Arnaldo Gama e de meu Pai, veio-os em todas as mãos e em todas as estantes, numa reacção decisiva contra a novela francesa a três francos e cinquenta, único e permanente alimento de muitas gerações.

Digne-se V. Ex.^a aceitar e transmitir a todo o *Núcleo de Ressurgimento Nacional* as homenagens de especial simpatia do camarada obscuro e grato — Trindade Coelho.

SACADURA CABRAL

A PATRIÓTICA ORAÇÃO DO PRESIDENTE
DO "NÚCLEO DE RESSURGIMENTO NACIONAL",
NA SESSÃO PROMOVIDA À MEMÓRIA DO HERÓICO AVIADOR

Sr. Presidente da República:

As palavras que se vão proferir são as flores da seixidade, fervorosamente desloçadas à memória de Sacadura Cabral e Pinto Correia.

Permita V. Ex.^a que este militar humilde venha também trazer algumas flores que, sendo as mais descoloridas, não são, com certeza, as menos sinceras. Irradiam da minha alma profundas emanações de gratidão e de respeito que eu desejo testemunhar perante V. Ex.^a, no cumprimento de um dever sagrado. Ainda bem que para o desempenho de tão pesado encargo eu posso confiar na solicita gentileza com que V. Ex.^a e todo este auditório acederam ao nosso convite, demonstrando assim que em Portugal ainda há intenções generosas, correspondidas por espíritos generosos.

Transmito a V. Ex.^a, Sr. Presidente da República, as homenagens da nossa maior consideração e reconhecimento. Vindo presidir a esta sessão, V. Ex.^a interpreta o sentir da alma dos novos, adivinhando que eles são impulsionados pelo amor da Pátria, não movido do prêmio vil, mas alto e quasi eterno!

Agradeço também ao Sr. Presidente do Ministério, às Autoridades e Entidades que se fizeram representar, ao Alenteu Comercial que dum forma co-tivante nos franqueou as suas salas — como é de velha usança nesta Casa — e a todos V. Ex.^a que tão nobremente compreenderam o sentido desta homenagem corinhosa e profundamente sincera.

Sr. Presidente da República:

Celebrar Sacadura Cabral e Pinto Correia é avigorar na nossa alma, na alma da mocidade, aquele gênio glorioso e audaz que nos tornou aptos para o cumprimento dum alto destino. Sacadura Cabral representa o intérprete das qualidades iminentes da nossa Raça, como predestinada para uma obra civilizadora e generosa. Realizou, juntamente com Gago Coutinho, essa admirável Epopeia dos ares, traçando na História Portuguesa um novo caminho de luz e de bênçãos que constitui a Via-Láctea da nossa imortalidade.

Somos independentes e havemos de sê-lo, eternamente, porque jamais pode extinguir-se a chama fulgurante que nos tem alumiado nas conquistas pró-Civilização.

— E-las, as nossas caravelas, lá seguem outra vez, como há quatro séculos, para o descoberto do Mundo! E' o espírito da Raça, perpetuando-se no sacrifício dos Heróis! Primeiro, firmamos a independência, em porfiadas e vitoriosas lutas. Depois,

«O' grão forte e de alto possimento
Que também dela háo medo os Elementos!»

desafiamos a fúria dos Mares Tenebrosos, num gesto de audácia consciente, raciocinada; fomos por toda a parte levantar padrões da nossa glória, desvendando os mistérios das regiões longínquas, abrindo, para a Humanidade, maiores domínios, para a Ciência, largos e fecundos horizontes!

Vem muito a propósito este trecho do eloquente discurso de António Cândido ao homenagear o Infante D. Henrique:

«O impulso dado às navegações e aos descobrimentos era irresistível; a grande missão nacional começou em termos tais que seria impossível retroceder ou parar. A Gil Eanes seguir-se-iam Covilhã, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, todos os que tecem nome na assombrosa epopeia das nossas aventuras por terra e por mar — e também a imensa multidão sem nome a que as crônicas e os Lusíadas se referem menos que esse poético e funerário livro que se chama História Trágico-mirífica!»

... Tantas desgraças nos aconteceram sobre o Oceano, tantas tragédias medonhas, tantos naufrágios miserandos, que ainda hoje se conserva, na alma popular, a profunda impressão dos tristes lenda desse tempo, e continua a rezar-se, à noite, piedosamente, por todos os que andam por sobre as águas do mar... Mas é para sempre nossa, incontestavelmente nossa, a infinito hora de termos excedido todos os povos na arte heroica da navegação quasi aventureira: mas ainda não despojava no céu da Itália o sol da Renascença, e já nós o presentiamos na escola de Sagres e na corte do Mestre de Aviz: mas quando ainda, na maior parte do Europe,



Dr. Manuel Gomes dos Santos, — o Presidente do "Núcleo" e principal organizador da sessão

a velha aranha metafísica compunha e recompunha as suas teias, emaranhadas e frágeis, nós prefeciamos a vida moderna, e, à concentração mental da Idade-Média cristã, opunhamos a acção, o pórtio num sentido mais largo, a aventura e a fantasia num sentido mais humano; mas não se dobrará jamais o Cabo da Boa-Esperança sem que se evocuem as épicas figuras de Bartolomeu Dias e de Vasco da Gama; mas Pedro Álvares Cabral será citado sempre a-par de Cristóvão Colombo e de Fernando de Magalhães; mas na ciência da Náutica, na história da Cosmografia e nos fastos geográficos estão gravados muitos insignificantes nomes de desinência portuguesa; mas, sem o que nós fizemos nos séculos XV e XVI, não se resolveriam tão cedo os problemas da fétio da terra e da sua posição no espaço, e não adviriam, para a filosofia da natureza e para a filosofia do espírito, as largas, profundas, incalculáveis consequências que advieram...

Isto é a glória. E ela é para as nações muito mais do que se pensa vulgarmente. Não é apenas um brasão para deslumbrar estranhos: é também, para a coesão íntima dos povos, um elemento de mais força que a etnografia — hipotética, inextricável na maior parte dos casos — e que a limitação geográfica, e que o princípio religioso, e que o interesse político... Este elemento não o destroem os cruzamentos fisiológicos, nem as revoluções do cosmos, nem as mutações da consciência, nem as contingências dinásticas.

Pois bem. Essa glória, que foi sempre tão propícia aos portugueses, e que na época dos descobrimentos atingiu enorme florescência, obscureceu-se mais tarde, através longos anos, para se mostrar com nova intensidade nos leitos épicas da Aviação Portuguesa. E foi Sacadura Cabral um dos aresais dessa obra gigantesca, realçando assim a continuidade histórica das glórias nacionais.

Que maior exemplo para a nossa conduta do que os actos heróicos do grande Comandante?

Não sou eu — porque me faltam os dotes para tanto — que vou pôr em relevo toda a grandeza, galhardia e magnanimidade que nos encontramos no estro de Sacadura Cabral. E' certo que para a celebração do seu heroísmo não há, propriamente, grandes artistas da palavra, nem oradores privilegiados. O ideal da sua vida é por si mais eloquente, fala mais alto do que todos os discursos, porventura, os mais elevados. Que importa que não saibamos expressar, brilhantemente, o que em nós domina, se todos sentimos o salutar influxo da sua virtualidade, se nos achamos em comunhão com os Heróis, numa sã e solidária infinita que para sempre ficará vinculando as nossas almas, condicionando a nossa vida?

E' na perfeita harmonia das ideias e das acções, do sentimento e da razão, do amor e do trabalho, que reside, fundamentalmente, o enigma do sucesso. Difícilmente se consegue possuir uma intuição clara dos atributos pessoais e o poder de os fazer convergir, eficazmente, para um objectivo superior. Ter valor não basta; é necessário realizá-lo. As emoções dos poetas, as sublimes concepções dos idealistas devem preceder, como que preparar os elementos para os descobertos científicos e para a obra dos técnicos. Felizes aqueles que sabem determinar uma correlação íntima, perfeita, dos estados nervosos e dos estados psicológicos. Só esses alcançam a desejada vitória.

Foi o que aconteceu a Sacadura Cabral quando, juntamente com Gago Coutinho, realizou a façanha duplamente maravilhosa — nos aspectos idealista e científico — do «Raid» Lisboa-Rio de Janeiro. O que foi essa Epopeia majestosa, que veio deslumbrar o mundo e reabilitar a nossa fama heroica, sabem-no todos muito bem. Com que enternecimento recordamos aquelas horas de apoplese que então vivemos!

Foi o início de uma era nova para a Pátria Portuguesa. Desadidos, tristes, scepticismo, — tudo se afastou, para de novo tomar uma aurota brilhante, misteriosa. Outra vez a esperança, desabrochando ternamente. E a fé principia a iluminar as almas. Aléluia da Raça! Sente-se palpitar de vida a Nação inteira. Todos partilham dum felicidade surpreendente, embriagadora. E' a alma lusitana que se revela, em toda a sua beleza, em toda a sua plenitude.

Portugal, que sofria tanto, que alguém já dizia ter morrido, cílio, alinal, de novo resplandecente, cheio de sol, perfumado de flores! É mais uma primavera espiritual da Raça.

Alegria perfeita, contagiosa, sã. Alegria toda feita de religiosidade! As almas, em ascensão divina, libertam-se das misérias terrenas, das preconceitos e das vaidades. Varreu-se dos espíritos a névoa do pessimismo e da descrença, para que as excelentes virtudes que viviam latentes no seio da Pátria de novo se revelassem ao mundo em todo o fulgor do primitivo heroísmo!

— Mas, é como é possível, tanta beleza nas semblantes, tamanho alegria nas almas?!

— É o que é feito desse Portugal velho, scéptico, alquebrado pelas misérias e desvarios? É como se compreende que nesta família tão desavinda, em que as ambições desencadearam lutas fratricidas, todos agora se abraçam, todos sejam amigos verdadeiros, soldados voluntários do mesmo Exército, apóstolos da religião da Pátria?!

Quando lá de fora se viam os nossos erros, desdenhando da incúria governativa e da indiferença dos governados, apodando-nos como incapazes para a formidável tarefa de reconstrução social, exigida pelo cataclismo da guerra, eis que surgiram essas benditas figuras de portugueses — Gago Coutinho e Sacadura Cabral — para salvar esta pátria após o seu naufrágio no pélo medonho da desventura! Naquelas asas milagrosas foram levar a Cruz de Cristo através dos espaços nunca antes navegados; aproximaram-se de Deus para lhe contar quais os flagelos, as grandes dores de Portugal, implorando a graça da sua bênção para que todos os portugueses, irmãos pelo sentimento, pela língua, pelas tradições, pelo mesmo anseio de felicidade, sacrificassem ao bem colectivo interesses pessoais, ódios e divergências sectárias!

Mas, se aquele empreendimento glorioso muito contribuiu para o resurgimento de Portugal e foi mais que suficiente para imortalizar os seus Autores, eles é que não se deixaram deslumbrar, nem tão pouco adormeceram sobre os louros da vitória. Heróis autênticos e já consagrados, em lugar de se locupletarem com as benesses conquistadas, prosseguiram sempre na direcção do Ideal supremo, como verdadeiros apóstolos: até que... naquela manhã sinistra de Novembro — faz hoje 60 dias! — Sacadura Cabral e um filho do povo, herói também, para maior segurança, para maior certeza de sua dedicação, foram imolados em holocausto ao mesmo Ideal!

Para que uma ideia vingue, para que um Ideal se realize, não bastam os apóstolos, são necessários os mártires!

É esta a razão, Sr. Presidente e meus Senhores, porque nenhum português pode deixar de sentir na sua alma o orgulho mais legítimo, a mais consoladora esperança de ressurgimento do país. E assim é, para nosso bem, São V. Ex.^{ta} que o confirmam, acorrendo solícitamente a tomar parte nesta homenagem carinhosa: são os corações de todos os portugueses que, unisonamente, pelo país inteiro e por todo o mundo, desde os poetas e artistas, nas suas concepções de génio, até às almas mais obscuras do povo, nas suas piedosas orações, formam uma apoteose deslumbrante, divina — porque é sublimada pela fraternidade das almas, confirmada pela identificação dos cérebros e dos corações — esse rosário imenso de flores que a espiritualidade da Raça há-de rezar todos os dias, num desabrochar constante de fé, de concórdia e de progresso!

Sr. Presidente da República:

Em face da crise de confiança, da crise de fé que vem abastardando a sociedade portuguesa, surge a necessidade inadiável de um intenso movimento patriótico. Deste modo, a acção educativa do «Núcleo de Ressurgimento Nacional» tem por fim avigorear na mocidade da nossa Raça, o sentimento do Dever e da Honra. É uma obra de fraternização, purificação, tendo por objectivo congregar numa comunidade de pensamento e acção todos os verdadeiros portugueses, quaisquer que sejam os seus crendos políticos ou religiosos. O problema da educação é sem dúvida o que mais de perto nos interessa, educação desanuviada, progressiva, mas sem desprezar o património moral da Nação. Ser tradicionalista não significa dormir à sombra das glórias passadas, mas construir sobre elas um futuro de rasgados horizontes.

— A consagração do heroísmo lusitano, traduzida nesta homenagem a Sacadura Cabral e Pinto Correia, não tem em vista fazer ostentação bahal de palavras, nem mesmo apresentar qualquer programa. Para isso teríamos a tribuna dos comícios ou a sala das conferências. Antes, significa um propósito solene, jurado perante V. Ex.^{ta}, de que seguiremos pelo escabroso mas nobilitante caminho do patriotismo traçado por Sacadura Cabral. Símbolo eterno de glória, conquistada valorosamente pelos recursos potentíssimos do seu estro, alma de eleição, ilumina-

da, como pérola de Deus que ficará brilhando com tanto maior fulgor quanto mais sombria for a noite da Desgraça, para este símbolo dirigimos as nossas mais queridas esperanças — nós que ainda temos a ventura de acreditar na redenção da Pátria! E esta crença não é utópica, Sr. Presidente, visto resultar da nossa conduta, dos nossos sentimentos, das nossas aspirações, condicionadas sempre por uma vontade enérgica, perseverante.

Contemplando Sacadura Cabral, nos traços do seu rosto e através dos seus actos, nós descobrimos aquela energia concentrada, aquela força moral intensíssima que não conhece obstáculos, a audácia reflectida e consciente, a persistência no mais alto grau, uma excepcional capacidade de esforço, muita confiança em si próprio, serenidade, firmeza e decisão. Faculdades estas, não somente reconhecidas pelos seus compatriotas, mas até, e numa forma notável, pelos estrangeiros. Basta citar o depoimento do aviator francês Sadi Lacoite, a propósito do «Raia» Lisboa-Brasil:

«Curva-me, respeitosamente, perante a audácia calculada, o frio raciocínio científico e a perseverança inaudita de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Sei com que dificuldades se luta para viajar de noite sobre o mar sem perder a bússola... Admiro, sobretudo, que em aparelhos de força exigua, com reservas de gasolina insignificantes, esses bravos marinheiros do Espaço pudessem realizar tão extraordinário empreendimento.»

É como não havia de ser assim? Para se operar milagres de vontade, como neste caso, basta alimentar, constantemente, um desejo intenso, fervoroso. Desde que o queiramos com sinceridade, temos o poder de nos tornarmos mais completos, mais perfeitos, mais aptos para a tarefa quotidiana e, portanto, para chegarmos ao cimo das mais altas montanhas. É porque dentro de nós existem prodigiosas energias — as forças criptopsíquicas — a que Marco Aurélio chama «fonte do bem, fonte que nós encontraremos aprofundando-nos a nós mesmos».

Pela razão da sua vontade inabalável; pela noção clara da missão civilizadora, já realizada através da História pelos nossos marinheiros, e cuja continuidade era necessário afirmar nesta hora decisiva, em que os portos se reconstruam ou morrem; por esse conjunto harmonioso de faculdades excepcionais que constituem o substrato da sua personalidade; Sacadura Cabral avulta como estrela de primeira grandeza que, no firmamento da História Pátria, forma uma nova scintilha para se acrescentar à imensa luz de Portugal!

Realta agora referir-me ao Cabo José Pinto Correia, símbolo admirável do sacrifício dos humildes em prol dos grandes ideais. E faço-o com tanta maior devoção quanto eu senti a mesma ansiedade, as mesmas dores e alegrias dos meus camaradas, desses marinheiros e soldados que no Sul de Angola, durante os longos meses da campanha, sob as agruras da guerra, do fome e da desgraça, fizeram o tirocinio mais formidável que põe em jogo todos os recursos do nosso fôro íntimo, as nossas energias, as nossas aptidões, em favor do ideal sacratíssimo da Pátria.

Horas de vigília, horas de sofrimento as que por lá se passam, na ansia vertiginosa de vencer! Benditos momentos de confraternização, em que as almas comungam, religiosamente, a hóstia reconfortante da Solidade!

Foi lá, nas inóspitas regiões da África, onde não há comiseração nem confôrto, sob o rigor da disciplina e a ameaça de tantos inimigos, que eu verifiquei quanto vale a alma dum soldado.

O cabo José Pinto Correia é um herói autêntico, irmão daqueles que lombaram no combate da Mongua e na marcha para a Ngiva, sob o comando do bravo Comandante Cerqueira. Foi o mesmo impulso generoso que o fez oferecer-se para acompanhar Sacadura Cabral. Porque na sua alma de marinheiro reflectia-se todo o ardor patriótico do génio português, desse génio abençoado que através oito séculos de existência, nas circunstâncias mais cruéis, sempre se tem afirmado inviolável, puro e destemido.

Mocidade Portuguesa:

Na batalha de Trafalgar, em que a esquadra francesa foi totalmente derrotada, o célebre almirante Nelson mandara pregar na bandeira inglesa, em grandes caracteres, esta palavra — o Dever!

A lição que Sacadura Cabral nos acaba de dar é idêntica. O caminho que nos aponta é o do Dever Patriótico.

Sim, Mocidade, sejamos bons discípulos, na certeza de que Sacadura Cabral e Pinto Correia — símbolos da maior glória da Raça — ficarão para todo o sempre, nessa catedral imensa do Oceano, a manter o prestígio de Portugal, como sentinelas vigilantes do patriotismo das gerações vindouras!

Tenho dito.

MANUEL GOMES
DOS SANTOS.





(DES. DE MENESSES FERREIRA).

... A MEMÓRIA DE ...
SACADURA CABRAL
 E DE PINTO CORREIA

*MAIS alto e mais além: eis a divisa
 Duma raça de santos e de heróis!
 Mais alto e mais além!... Rota imprecisa
 De mistérios nocturnos e de sóis!*

*Vai cada vez mais longe o nosso anseio:
 — E o sacrificio em nossa bôca é santo...
 Mais alto e mais além!... Nenhum receio
 Calou jámais a voz do nosso canto!*

*Povo eleito de Deus, cheio de graça,
 Povo que traz no seu olhar, acesa,
 A fé no seu Destino! Eterna raça,
 Infinita de audácia, amor, beleza!...*

*Depois da morte a Vida principia
 — E em cada herói a alma dum santo habita.—
 Rasgai a treva p'ra que surja o dia,
 E em cada alma exista a Alma infinita!*

AMÉRICO DURÃO.

CONTOS E NOVELAS

■ RENÚNCIA ■

(HISTÓRIA VERDADEIRA)

TOMÁS era um grande artista e um erudito, inteiramente devotado aos seus estudos. Era simples e bom, pelo que o Mundo o expulsou. Crente e místico, Tomás decidiu recolher ao claustro e professar.



Permaneceram assim durante muito tempo: Tomás, de pé, imóvel; o Provincial, alheado, escrevendo. Por fim, olharam-se, e o Provincial inquiriu:

— Ao que vindes, Irmão?

— Entregar a V. P. o livro...

— Ignoro do que se trata.

Com certa estranheza, Tomás explicou:

— O livro que V. P. me confiou...

— Ah!... recordo-me... tendes razão...

Dai-mo.

Ao receber o manuscrito, o Provincial folheou-o distraidamente, murmurando:

— Sim... Simplesmente acontece que já não o precisamos... Olhai, ide ao Irmão cozinheiro para que vos dê um prato e uma acendalha.

Atónito, Tomás cumpriu a ordem.

— Segurai o manuscrito sôbre o prato!

E o Provincial lançou fogo aos queridos, aos sagrados papéis de Tomás.

As chamas elevavam-se, queimavam a mão do noviço — essa mão que durante um ano, de dia e de noite, escrevera febrilmente, dedicadamente...

Duas lágrimas rolaram pelas faces cada-
véricas de Tomás — duas lágrimas enormes que caíram no fogo e que o fogo consumiu...

Então o Provincial, que o observava atentamente, disse-lhe com suavidade:

— Irmão, voltaí para o Mundo. Ainda lhe pertenceis, ainda não sabeis servir a Deus...

E Tomás regressou, chorando, ao Mundo que o expulsara...

ERNESTO PEREIRA.



Começara o noviciado. Um dia, o Provincial, que visitava o convento, chamou-o para lhe dizer:

— Irmão, sei que éreis um artista superior e muito culto. A Arte era para vós a própria vida. Pois bem: precisamos do vosso maravilhoso talento; ides dar-nos o melhor do vosso saber, escrevendo uma obra para a qual vos serão dadas as necessárias indicações. E' êste o primeiro serviço que prestais a Deus: confio em vós.

Deram-lhe um ano para realizar a obra; e durante êsse tempo Tomás trabalhou com ânsia, com denodo e paixão. Era o seu Canto do Cisne, a última fulguração do seu espírito, a derradeira afirmação do seu cérebro. Escrevia e orava. Carne, energias, alma — tudo deu a essa obra que ia ser deposta aos pés de Deus.

No fim do ano, Tomás, alvoroçado, dirigiu-se para a cela do Provincial.

Apertava contra o peito, apaixonadamente, o manuscrito que tantas vigílias lhe custara. Ah, era uma obra-prima, na verdade! O Provincial certamente ficaria deslumbrado.

Ao entrar na cela, o Provincial escrevia e nem sequer o olhou.

(Vinheta de R. Nogueira).

CRUEL DIÁLOGO

— Já vais casado?
— Não.
— Se queres, parámos e deixámos-nos ficar um bocadinho a olhar para trás.
— Não, não é preciso.
— Não? A vida é fatigante.
— Da cá o braço. E perto— não é?
— Pouco além da curva; depois é a descer, cinco minutos de caminho.
— Talvez até seja bem fatigante.
— Talvez. O cansaço prepara quasi sempre um sono reparador.
— Qual?
— Vês aqueles suaves que se esfarrapam? As sombras que te adigem não dão também sono-se.
— Não te aborreço, Fernando?
— Com quê?
— Comigo.
— E' s'ó isso? Não tem resposta.
— Obrigada. Há quanto tempo, hein!
— Há quanto tempo? Lembra-me um instante que finis: eras ainda quasi um garoto quando nos separámos.
— Já não podias reconhecer a minha cara— não é assim?
— A tua cara? Fugiu-me qualquer coisa constantemente. Fugia, fugia. Mas os teus olhos...
— Recordavas-te deles?
— Os teus olhos que eram como duas luas douradas? Sim, via-os perfeitamente. Perfeitamente? Poderiam os teus olhos ter vindo perfeitamente?
— Então? Porque te calaste?
— Eu não sou a falar.
— Há já alguns instantes que vais calado.
— Paresces aqui; senta-te nos meus braços— queres?
— Vamos andando.
— Queres o mar?
— Não sei que expressão se faz este rumor profundo! Parece que um grão de remorso me abala cá p'or dentro.
— Remorso?!
— Não faças caso. E' uma coisa que de certo não comprehendes.
— Porquê?
— Olha, André, conta-me a tua história.
— Enfiar-te-me-a?
— Não sou alegre, descansa. E' hoje, talvez do que ainda. Não repareste ainda nos que envolvem as suas frases com um riso forçado? Tens uma dolorosa contracção na boca e no olhar uma trágica fadiga. (Não reparesse? Pois sou como thou, André.)
— Tu? E' dees antiga?
— Não. E' impossível dizer-te... A's vezes— não sei, não sei— é como se nada tivesse acontecido e, pelo contrario, tudo estivesse ainda para acontecer. Não sei explicar: é uma sensação ilusória...
— Que provém do passado. Se podes, sei apaga-la...
— Entre o passado e o presente há um abismo terrível e subtil, através do qual a vontade humana se despoja ao tentar destruir os factos. Apenas a memória o atravessa, inexoravelmente. E' ela, aliás, que faz que a nossa vida não seja uma série de instantes, mas um tempo único, uma linha de tempos. (Para onde estás a olhar?)
— Bem, queri a que dissesse. As minhas estão quasi dissipadas.
— Vamos, conta-me o que tens.
— As árvores murmuram com tristeza; parece que me entendem.
— E' o vento.
— O quê? (Porque não falas?)
— Nem sei. Escuta.
— E' o vento.
— Dize, vamos.
— Que queres que te diga?
— Amas— não é verdade? E' um amor doloroso o que te põe nestes estados?
— Amas.
— Ah!
— Morreu.
— Amas-te?
— Amas.
— Fonte feliz então.

— Fugiu?
— Sim, fugiu.
— Com quem?
— Com Francisco.
— Como podes tu dizer-me isso?
— Perdão. Mas tu guardas, eternamente fresca e pura, como dadas a natureza, uma solidão que perfume se derrama em tua alma com doçura resignada. Não te qualitas violentos, não te perlastas divinos, não te anolizas cruas. Bem vês.
— Morreu. (O vieste bem?)
— Morreu ao pé de mim.
— Mas a morte não é a mais terrível separação. E' infrangível, implacável, absoluta, quando nos corpos; mas não impede os vivos do pensamento nem desliga os almas.
— Nunca te morreu nos braços uma criatura amada.
— André?
— Que tens?
— Nada. Um arrapio em todo o corpo.
— Talvez.
— E' melhor regressarmos.
— Não, não: vamos para diante. E' perdo.
— Bem; vamos.
— Já está escuro.
— Já.
— Um pouco a pie. Outro.
— Desagradar-te ouvir um pouco?
— Desagradar.
— A noite em que ela morreu foi uma noite horrível! Senti-a bristalmente uma coisa que parecia esmagada. Eu estava coem que alucinado. Lembro-me de ter saído do quarto, de ter aberto depois uma janela qualquer; havia estrelas no céu e respirava uma tranquillidade que me ofendia como uma injúria.
— Creio que é sempre assim.
— Não há lala mais consoladora que a dem moribunda com a morte.
— Sim, sim, deves ter razão.
— E' há quem provoque tais lulas volutárias e conscientemente!
— Oh! cala-te...
— Foi um soluço? (Que tens? Eu bem dou: convém-te os meus palavras. Não acrescento mais nada.)
— Continua, pegna-lo. (Porque não?)
— Simplesmente. Não mais hainha. As tuas palavras lentas e doloridas adquirem no silêncio da noite uma sonora repercussão. Tais mais hainha.
— Vejo que também soltes.
— Continua.
— Que te heide dizer? Foi assaltado no fim por um delirio lancinante. Extremecia; a boca enroscava-se em mimos; os braços procuravam qualquer imagem invisível; os olhos faziam-se num brilho cortante. (Que veria ela?) (Em que sombras se perderia a sua razão?) Não podíamos rir, esfarrapar o vés que nos separa do mundo estirado em que entos visões tomam vida? (Que veria ela?)
— Não terias solto.
— Depois— recordo-me tão bem!— quebro a ansiedade minha com uma estridida gargalhada— sabes?— uma dessas gargalhadas que nos fazem esquecer, quasi instantaneamente, como que se as contracções da boca e do face de repente adquirissem um significado, incomparável, quasi sagrado...
— Sim, um horror!
— Como no leito, pensadamente. Duas



Capitão Valeriano de Campos

lágimas (desceias-lhe dois olhos cerrados. Há lágimas que coadunam a alma? me?)
— Quizas são gotas de sangue; outras, ótimas, gotas de veneno.
— Aquelas coadunam a sua alma. Bebe-as; bebe-as.
— Dobre arrapio.
— Depois... Depois... Não posso, Fernando, não posso mais. Já sabes o resto: já sabes tudo.
— Já sei. Assim te. Olha, chego-me.
— O mar?
— Perdão. André, mas quem sabe se não fosse feliz!
— E' cruel.
— O amor... Se te entendes.
— O quê?
— Hei-de contar-te; hei-de contar-te a minha tragédia.
— Também te!
— Foi ali, foi ali...
— Mas o quê, Fernando?
— Hei-de contar-te a minha história.
— Um dia?
— Ou agora; não sei.
— Porque tristes em vir até aqui?
— A tua? Não vês a tua entre os pilares?
— Mas que impressão te faz a tua?
— De outra vez também rompi o luar.
— Quando? (Que queres dizer?)
— Oh!
— Foi um pouco.
— Sempre estes momentos! Como de outra vez!
— Acaba. Conta-me tudo. Parece que um peso intolerável te oprime a alma.
— Parece? Talvez.
— Desabafa. Deves contar-me tudo.
— Que aconteceu na tua vida? Já não podes retrair-te, não podes guardar segredo. E' preciso que me digas o que foi. Há pouco ainda solgas-te. (Porquê?)
— Fernando, Fernando, não me digas...
— Ouve.
— Dize, dize.
— Tinha os cabelos pretos e os olhos azuis.
— Sim.
— (Não te admiras?)
— Vamos, desabafa.
— Afinal, é porque é que te hainha de admirar? Mas te não sentiste nunca esse olhar profundo, perturbador, infinito e miserável ao mesmo tempo. Era um olhar geográfico.
— Poderes de si!
— Imagina que finhas amado, contra toda a razão, uma rapariga corrupta...
— Oh!
— Imagina que não podias vencer o impulso inexplicável do sentimento que te prendia a ela... (Quebravas os preconceitos?)
— Eu sei lá... (Como queres que te responda?)
— (Quebravas os preconceitos?)
— Se a quizesse...
— E' claro.
— Se a amasse a valer, com uma apaixonada veneração...
— E' claro, é claro...
— Creio bem que a arrancava do leito...
— E a rodinhas com o teu amor— (não era?)
— Sim.
— Ah!
— Mas então, Fernando... Sonhava. Estás a apertar-me o braço com uma tal força!

— E' horrível.
— O quê?
— Foi o que eu fiz.
— Compreendos? E' trágico?
— (Enfado?) Depois de algum tempo de felicidade ilusória, de effêmero conhecimento, renasce-se tudo.
— Não quis salvar-se.
— Fugia com um homem grosseiro, abandonando uma filha.
— Tens uma filha? (Onde está?)
— Não perguntes isso, André; não perguntes. Deixa-me continuar.
— Uma filha?
— Calate. Era pequerrucha; deiza a criar a uma mulherzinha corcoba.
— Não sabe que és o pai dela?
— Ouve. Não me dei a conhecer. Antes que quizesse explicá-lo a mim, não posso, não sei. Adorava-a, e no entanto queria evitar falar-lhe na mãe, ouvir-lhe talvez os seus rugos infantis, acedea a caprichos torturantes. Não sei, não sei. Prefereí esconder a lembrança daquela que era feita de vício, apagar-lhe os vestígios dentro de mim.
— Compreendes porventura? Era uma filha adoptiva. Foi crescendo. A's vezes, um pensamento maldoso gelava-me o sangue: se eu tivesse fosse...
— Oh! Pois tu...
— Sim, sim, um horror!
— Mas não não!
— Não? Um dia caia sobre mim uma poeira tremenda, uma das poeiras que paralizam, enfiavam ou maldizem.
— Não seria colíria?
— Ficou em próprio essa pergunta, no auge do furor, querendo indaga-me ainda. Mas aquele pensamento cruciante que tantas vezes me assolava! Era verdade, não podia deixar de ser verdade. Uma garanhada estrondosa abalava-me o cérebro, implacavelmente.
— Fernando...
— Sabe tudo. Era verdade.
— Não...
— Era, sim. Já se entregava como a outra, já se vendia talvez...
— Oh!
— E uma noite encontrei-a nestes silos com um rapaz; encontrá-la de modo que era impossível dividir...
— Não digas mais.
— Ele fugiu por entre as árvores, mas ela ficou, pendendo-me, tendo justificou-me; não o conseguindo, mudou de tática: fez-se chorrendo, implorou-me o perdão, quasi chorosa, enquanto a voz, o olhar, os lábios, se tornavam irresistivelmente carinhosos, numa simpática promettadora.
— Fernando...
— O meu irmão enganou-a de certo e deu-lhe mais afeto. Ah! não sei, não sei, não sei, tudo se me encharca na cabeça...
— Não digas mais.
— Chegou a falar-me em crime, disse palavras que eu mal ouvia e me escaldavam dentro; pouco a pouco, apertou-se ao meu corpo, enleou-me nos braços, quis beijar-me na boca... Eu não via nem pensava, com certeza. E quando ela... (Hesita?) (O quê?)
— Disseste alguma coisa? (Não?) Arrastei-a docilmente, senti as mãos cruzadas no meu pescoço na, estas mãos, estas mãos... André, estas mãos que a arremessaram depois daí abaixo. O baque do corpo caiu-me de espanto. Havias luar. Caia na marcha luminosa e os olhos faziam-me-lhe. (Não?) Comilhei, caninhei no escuro...
— Mas Deus!
— Vamos-nos embora.
— De-me o braço.
— Maldestos momentos!
— (Que queres?) E' natural. Não faças caso.
— Parece que us oigo cá dentro.
— Não penses. Não te recordes. Quem diria, meu pobre irmão!
— Vamos, anda mais de pressa.
— Pois sim; a casa não é longe.
— Mais de pressa.

VALERIANO DE CAMPOS.

No próximo fascículo: «Anatole France», — artigo do Dr. Teófilo Júnior, com belas ilustrações : : e «Noite de Maio», — conto regional, por Barbosa Sueiro, com ils. de Saav. Machado : :

Brevemente, a nova secção: «Porto—artístico e mental»

INTERESSES PORTUGUESES

NA AMÉRICA-DO-SUL

SUMÁRIO: — O nosso problema de emigração. — Possibilidades do nosso comércio para a América-do-Sul. — Transportes sob bandeira nacional. — A colónia portuguesa na Argentina. — Intercâmbio com a Argentina. — Os vinhos portugueses na Argentina e no Chile. — Situação económica na Argentina e no Brasil. — Intercâmbio com o Brasil. — A questão do tratado de Comércio.

A colónia portuguesa no Rio Grande-do-Sul. — Comunicações e intercâmbio com o Rio Grande. — Vinhos, conservas, cortiça e outros artigos portugueses no Rio Grande. — Banho, arroz, carnes conservadas, cortiça e outros artigos importados em Portugal. — Relações de inteligência com o Brasil.

(Continuação)

MERCE das qualidades de que o português sempre soube dar provas ao estrangeiro, como em toda a parte, na república Argentina ele impõe-se à consideração e à simpatia dos poderes públicos e de toda a gente, devendo ser um orgulho para nós o poder registar tal facto. A título de exemplo, que não por outro motivo, de-seja citar aqui os nomes dos srs. Mendes Gonçalves, vice-presidente do Banco da Província de Buenos Aires, A. F. Castro, da firma Francisco Mendes & C.^a, Manuel Cotejo, inteligente, educado e culto comerciante que muito nos honra, João Calé e Joaquim Alexandre, sócios da firma João Calé & C.^a (Plantas e Sementes), e Faustino da Rosa, empresário dos teatros Colón, Cervantes e Odeón, que são três dos principais teatros de Buenos Aires. Qualquer destes senhores, para não citar outros, digo com satisfação que mantêm bem alto o bom nome da raça e concorrem lá fora para que sejamos respeitados no meio de todas as perturbações e maus quartos-de-hora que o país tem atravessado, sobretudo nos últimos vinte anos.

Também o espírito de associação e o sentimento da Pátria se mantêm vivos nos nossos compatriotas da Argentina. Só em Buenos Aires existem quatro sociedades com fim benéfico ou recreativo, e até há pouco, pelo menos, existia um pequeno jornal, que no tempo da minha emigração, e dirigido pelo bom nome e seriedade do sr. L. Fernandes da Silva, vinha prestando o excelente serviço de ligar o mais possível os elementos um pouco dispersos da colónia.

Estes factos são para apreciar num país de forte poder de assimilação, onde se não fala o português e onde os nossos se acham tão afastados pela distância das cousas portuguesas.

Guardo da minha permanência na Argentina, no que respeita às relações com a colónia, tão boa recordação que entendo do meu dever dizer aqui do meu reconhecimento, e com ele da minha admiração pelas suas qualidades de inteligência, de carácter e de trabalho, que fazem da colónia, sem dúvida, uma das que mais atenção deve merecer dos governos.

Já falei do desinteresse nos últimos anos pelos mercados da América-do-Sul. E esta é a nota que tenho de fazer, tratando em especial do intercâmbio de produtos com a república Argentina. Ainda tem sido possível chamar com resultado a atenção dos nossos intelectuais para o mundo sul-americano das ideias, e obter, como já obtive com a sua diplomacia o sr. dr. Alberto de Oliveira, que a América espanhola decididamente começa a estreitar connosco relações de pensamento. Foi até agora impossível conseguir que as chamadas forças vivas — a indústria e o comércio — representassem, como atrás digo, no campo que permanece aberto à sua actividade.

O sr. Carvalho Neves, adido à nossa Embaixada no Rio, e que um dia o Governo mandou ao Uruguai, Argentina e Chile para averiguar da troca comercial existente e seu possível incremento, chegou também, já lá vão mais de três anos, à conclusão de que «o nosso comércio com a Argentina depende mais do critério dos comerciantes e industriais do nosso

país do que da falta de condições do mercado argentino para os nossos produtos» (1).

É pena, porque tempo há-de vir em que seja então inútil enviar para lá os nossos produtos. Porque à medida que nós abandonarmos um mercado, naturalmente que outros mais ouvidos se instalam e de modo a ser muito difícil depois deslocá-los.

Assim já vai acontecendo com o mercado sul-americano. De tal modo outros nos têm tomado o lugar que começa a ser difícil para os que ainda, desacompanhados, efectuam transacções, tirar daí real proveito, e para a diplomacia fazer acreditar aos países de Além-Atlântico que têm vantagem em negociar connosco na base dum regime convencional!

O meu cavalo-de-batalha, nos meus pequenos estudos, é há muito, nos problemas económicos, o desenvolvimento do comércio externo — a falta de navegação que transporte em boas condições o que precisamos importar e exportar, e, finalmente, a conclusão de acordos com os países com que nos interessa apertar relações de ordem mercantil.

Parámos mais uma vez esse disco, para mim de cor, da necessidade dum tratado de comércio, como condição sine qua non do desenvolvimento do intercâmbio. Torna-se indispensável que os homens de iniciativa, e capital, no nosso país, se deem os olhos abertos e não reparem o seu patriotismo dos seus interesses (e neste caso eles não se contrariam) com a exploração dos navios estrangeiros. A guerra pôs na mão do Estado, da Nação, a frute de comércio de que precisávamos e precisamos. Ela está, pelas vidas que caíram em França e na África, suficientemente cara para que seja uma vergonha continuar a tê-la, na sua maior parte, a criar os navios nos nossos portos. Fazemos desses navios

os veículos das nossas pessoas e dos nossos produtos, e nossa esperança numa situação económica e financeira que se não pode alcançar senão pelo equilíbrio da troca (2).

A já alludida carta de 22-2-23 do sr. Carvalho Neves a *O Jornal Português* de Buenos Aires fornece, creio, ainda agora, os dados mais recentes apurados sobre o valor e espécie do intercâmbio com a Argentina. Referem-se esses dados às transacções efectuadas em 1920, e adiante transcritas com a devida vénia e homenagem ao esforço que a sua difícil compilação representa. Veremos que mesmo em más condições são para considerar a importância, o montante das trocas.

Seguem os quadros:

(1) Vide carta do sr. Carvalho Neves a *O Jornal Português* de Buenos Aires, de 22-2-23, inserta no número de 23 do mesmo mês e ano.

(2) N. do R. — Recentemente foi constituída em Lisboa, por capitais portugueses e brasileiros, uma grande Companhia transatlântica de navegação, que se espera venha a contribuir bastante para a intensificação das relações comerciais entre Portugal e a América-do-Sul.



O vapor «Porto», ao ancorar pela 1.^a vez no Rio Grande-do-Sul, em Agosto de 1921.
(Fot. do Sr. E. Carneiro)

EXPORTAÇÃO DE PORTUGAL PARA A ARGENTINA EM 1920

	Toneladas	Pesos ouro	Escudos ouro
Conservas de peixe	1.012	1.204.144	1.075.101
Vinho do Porto e Madeira	175	314.000	280.892
Cortiça	134	222.090	198.300
Palitos	31	57.433	51.297
Frutas secas, castanhas e nozes	193	30.604	27.325
Ferro em obra	31	9.589	8.561
Isoladores de barro e de louça	15	4.858	3.791
Cartões para sellos	7	3.583	3.326
Agarrás	8	3.037	2.747
Papel para fumar	2	3.191	2.849
Diversos	124	230.091	205.358
Total	2.530	2.082.746	1.860.487

NOTA. — Nas conservas de peixe avulta a sardinha em lata, com 1.430 toneladas. Nos vinhos do Porto o de barra, com 115 toneladas. Na cortiça avulta a de quadros 116 toneladas, e pranchas, 131 toneladas. Nas frutas secas, a castanha verde, 131 toneladas, e as suzes, 43 toneladas.

Pelo que respeita ao vinho do Porto, que é um dos artigos que mais avulta pelo valor no quadro das exportações, devo dizer que é mais ou menos sobre a base da sua protecção nos mercados da América espanhola que se tem feito todas as negociações para um acordo comercial, tanto com a Argentina como com o Uruguai e o Chile. É isto porque justamente os nossos vinhos licorosos são, na América do Sul, como em toda a parte, mais ou menos, objecto de adulterações e falsificações por vezes desastrosas. Já o sr. Carvalho Neves afirma na sua citada carta a *O Jornal Português* de Buenos Aires que o vinho do Porto é talvez o artigo que mais largamente se imita e falsifica na Argentina. Justifica-se, portanto, a orientação da chancelaria portuguesa, quando pretende medidas realmente protectoras para os nossos vinhos.

O nosso adido à Embaixada no Rio, especialmente encarregado dos estudos económicos, julga que o mercado argentino para os nossos vinhos do Porto pode vir a ser o segundo, sendo o inglês o primeiro.

Tem a nossa chancelaria encontrado certa resistência em conseguir a adopção de medidas protectoras dos vinhos licorosos, por várias razões. Em primeiro lugar há a considerar que nenhum país pode hoje conceder benefícios, ou o que quer que seja que se traduza em benefícios, sem que daí lhe venha qualquer compensação. É não me consta que até agora se hajam oferecido concretamente vantagens aos produtos uruguayos, argentinos e chilenos. Temos de pensar se nos convém, por exemplo, importar em maior escala trigo, milho e aveia, e importar também carnes conservadas da Argentina para, em troca de facilidades aduaneiras e de outra espécie a estes produtos, obter melhor tratamento e protecção dos nossos vinhos.

O Governo argentino, como os de todo o mundo, luta por manter em equilíbrio as suas receitas com as suas despesas; não prescindirá facilmente de um centavo nos direitos de alfândega que cobre, e ainda o último aumento geral de 25 % das taxas da pauta de importação feve, quanto a mim, mais o fim de arranjar dinheiro do que outro qualquer. Por outro lado, é natural a pressão que sobre os governos exercem quantos fazem a indústria e o comércio das imitações e falsificações de vinho do Porto. Em resumo, são interesses enormes que os governos escutarão enquanto outros maiores se lhes não antepuserem.

Os governos da Argentina e do Chile tem-se limitado a responder-nos que as respectivas leis da propriedade industrial, de marcas, etc., protegem em sua opinião suficientemente os nossos vinhos das contrafeições, mas no meu entender isto não passa de elemental diplomacia para nos fazer ver que vantagem alguma se obtém hoje gratuitamente.

O problema da importação de carnes conservadas acho que também devia ser pôsto mais uma vez em discussão, estando como estão nelle interessadas a economia nacional e as exportações brasileira e argentina. Os governos brasileiro e argentino favorecem o mais possível a exportação de carnes conservadas e nós continuamos a comer aqui em Portugal carne

EXPORTAÇÃO DA ARGENTINA PARA PORTUGAL EM 1920

	Toneladas	Pesos ouro	Escudos ouro
Trigo	19.531	1.265.155	1.127.797
Extrato de quebracho	904	150.323	134.395
Aveia	534	17.194	15.551
Milho	396	12.014	10.726
Algodão	80	6.170	5.509
Linho	22	2.374	2.120
Diversos	5	95	86
Total	21.470	1.451.303	1.293.684

NOTA. — A estatística argentina acusa a exportação anterior para Portugal: em 1913, pesos ouro 375.633; em 1914, pesos ouro 1.435.142; em 1919, pesos ouro 3.743.132. Uma libra esterlina vale, ao par, 5,04 pesos ouro, ou 11,45 papel. Um escudo ouro, ao par, corresponde a 1,12 ouro argentino. Cada péso papel corresponde a 0,44 ouro, ou cada péso ouro a 2,27 papel.



Calculara do Igassá, afluente do Paraná

(Tul. do autor)

por um preço inconcebível. Entendo que nos convinha procurar o estabelecimento das instalações que permitem a importação das carnes conservadas, a pensar, como por exemplo a Câmara de Lisboa tem pensado, em importar gado em pé nas mesmas condições em que isso actualmente é possível.

Há certos artigos que devemos importar, e cuja importação por contra-partida nos pode facilitar a colocação de certos dos nossos produtos. É por aí que deve avançar a nossa diplomacia nas negociações para a conclusão de tratados ou simples acordos comerciais.

A crise da exportação de gado e produtos derivados, que assolou o Rio Grande do Sul, o Uruguai e Argentina, em consequência da guerra, vai passando, felizmente. A guerra veio provar que a interdependência económica dos povos não era uma frase vã dos estudiosos, mas uma dura realidade mesmo para aqueles países que quiseram conservar-se alheios ao grande conflito armado.

Hoje os criadores, tanto no Rio Grande como no Uruguai e na Argentina, vão-se libertando dos sérios compromissos em que estavam para com os seus banqueiros, e o boi, como outras espécies e produtos derivados de pecuária, vão tendo preços remuneradores, mas é muito tempo de aproveitar as actuais circunstâncias, que repeto favoráveis para a importação de carnes conservadas e de couros. Pelo que respeita à importação do Rio Grande, a questão está ligada ao tratado de comércio a negociar com o Brasil, como o aumento da troca em geral com esse país.

Este problema do tratado de comércio com o Brasil é há longos anos objecto das mais sérias cogitações da nossa chancelaria e dos governos, e tem-se prestado, aliás como tantos outros em Portugal, às mais desconfortadas demonstrações. Até há pouco dizia-se que a grande dificuldade estava no perigo que havia em conceder vantagens aos produtos brasileiros similares a certos de algumas das nossas colónias africanas, e afirmava-se que a Brasil não deseria competir com esses produtos, e enfim, também, que não podendo o Brasil aumentar a sua exportação, muito diminuta, para Portugal, impossível era chegar a um acordo.

Depois começou-se a demonstrar que certos produtos, como a borraça do Amazonas, não concorriam com os similares das nossas colónias, por terem características diferentes. Inventou-se ainda uma zona franca em Lisboa para os produtos brasileiros. O Brasil, mesmo sem tratado, tem todavia conseguido aumentar constantemente o valor das suas exportações para o nosso país, ao par e passo, seja dito, que nós, com as nossas eternas conversas, para o Brasil exportamos cada vez menos. Hoje vai-se até ao ponto de afirmar que o Brasil nos manda quasi o que quer, e como quer, e que nestas condições não pretende negociar connosco tratado algum, pois não precisa dele para aumentar a sua exportação para aqui.

Chegamos, portanto, na nossa bela inercia, a esta linda conclusão: o Brasil não queria tratado porque não exportava; o Brasil não quer

tratado porque exporta! Entretanto a vida embarafete e acobardamos por não exportar coisa alguma, se não acabarem com as discussões inúteis e o caminho não for deixado livre a quem deve, pela sua competência, levar o País aos seus verdadeiros e gloriosos destinos.

É evidente que tanto nós como o Brasil necessitamos aumentar as nossas trocas reciprocas. Nós necessitamos aumentar a nossa exportação, porque ela é pequena e até já foi maior; o Brasil necessita aumentar a sua, porque pode vender-nos mais ainda do que já vende, naturalmente lhe convindo vender o mais possível sem limitação alguma.

Não posso entrar aqui, dada a minha posição oficial, na crítica das negociações até agora realizadas, e muito menos revelar o que sei e tem carácter reservado. O que pretendo dizer é que a falta de um tratado nos acarreta prejuizos só comparáveis áqueles que resultam da ausência de navios portugueses em portos brasileiros.

A nossa colónia no Rio Grande, mais do que as outras existentes no Brasil, porque poucos são os navios estrangeiros que vão directamente ao Rio Grande, vive em fraco contacto com a Pátria distante, e ainda por cima numa região que pelo clima e outros factores convida ao estabelecimento definitivo do colono.

Julgo suficientemente conhecidos os relatórios do meu illustre colega Carlos de Sampaio Garrido apresentados á Sociedade de Geographia de Lisboa em 1912 e ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1919, — o primeiro dos quais estuda a nossa Colónia no Rio Grande, referindo-se o segundo á nossa emigração para o extremo sul do Brasil, — para me dispensar aqui daquelas considerações de ordem mais geral que ponham em relevo a riqueza da região e a importância dos interesses portugueses nela existentes.

Por outras palavras, creio que em Portugal se sabe já que o Rio Grande-do-Sul é um dos mais interessantes e prósperos Estados da União brasileira, e que, apesar de se ter interrompido desde há muito tempo a nossa corrente emigratória para ali, são ainda assim bastante grandes os valores que lá temos, para não poderem ser esquecidos e abandonados.

Mais de 15.000 portugueses lobulam no Rio Grande. O meio é a todos os respeitos favorável á aquisição da fortuna, bem se podendo dizer que foi isso que lá chamou emigrantes menos resistentes que os nossos, como homens, mas melhor preparados para vencer na industria ou no comércio. Para a agricultura sabe-se que o nosso emigrante, chegado ao Brasil, regra geral, não vai, apesar de serem na sua maioria antigos agricultores. Alemães e italianos, principalmente, aproveitando-se da benignidade do clima e apetrechados para a lula, ou ao menos dispostos a continuarem ali os mestres que exerciam no seu país de origem, a pouco e pouco se substituíram ao português, que, pode-se afirmar, já não emigra para o Rio Grande. Ainda alguns vão, é certo, talvez mais por ignorância que outra coisa. Porém, a sua ida apenas compensa, no número, áqueles que morrem ou saem para outras regiões.

Chegando ao Rio Grande-do-Sul, para ocupar o lugar de Cônsul, o melhor informado possível pela leitura e pela conversa com antecessores, eu levava, entre outras coisas, no meu programa de trabalhos, o estabelecimento de comunicações directas e a organização de um inquérito para o desenvolvimento das trocas com o extremo sul do Brasil.

Tive a fortuna de poder levar a cabo com felicidade essas duas iniciativas, e posso hoje dizer que se os barcos portugueses deixaram de ir ao Rio Grande e as forças vivas do meu País não tiraram maior partido das minhas informações, não é culpa minha. Os navios portugueses já não vão a péto algum do Brasil; o nosso comércio melhor, a nossa exportação para este país tem decrescido única e exclusivamente porque imaginamos que outros mercados nos devem merecer maior atenção.

Já noutra lugar me pronunciei contra esta, a meu ver, errada orientação.

Certas unidades dos falecidos Transportes Marítimos do Estado foram no Rio Grande durante cerca de um ano, fornecendo durante esse ano o serviço mais incerto e desanimador para o cliente que é possível conceber, apesar dos meus esforços, dos dos agentes no Rio Grande e dos do ex.^{mo} agente no Rio-de-Janeiro — o illustre comandante Júdice Biter. Nessas condições, através de todas as queixas, é que a Direcção dos Transportes entendeu dever suprimir a escala do Rio Grande com o fundamento... de que ela não era compensadora!

Apesar das excelências do serviço dos Transportes, nunca os seus navios deixaram de recolher no Rio Grande carga e passageiros. A verdade é que tendo ido ao Rio Grande numa época em que só finhamos como concorrente sério a Mala Inglesa, não nos quisemos aproveitar das vantagens dessa situação. Depois, as companhias hamburguesas, através de todas as dificuldades em que se debate a Alemanha, souberam reorganizar os seus serviços de navegação para o sul do Brasil, e de tal maneira que são as únicas mesmo a explorar o transporte de passageiros. Eu próprio, tendo de vir à Europa em Maio do corrente ano, tomei lugar a bordo do «Madeira», da *Scdamerikanische Gesellschaft*, só podendo dizer que os alemães fazem todo o possível por readquirir a situação de que desfrutavam antes da guerra, sem que ninguém possa afirmar que o não fazem com inteligência e honestidade.

¿Dos resultados do meu inquérito para a expansão do comércio com o Rio Grande, que hei-de dizer que não me pareça já axiomático? ¿Que há campo para vender e possível vantagem em comprar, desde que queiramos voltar um pouco os nossos olhos e as nossas vontades para aquelas paragens?

Já nas vésperas da inauguração da nova linha de vapores para o Rio Grande, em circular ás associações comerciais de Lisboa e Porto tive ocasião para salientar quão importante é o papel desempenhado na vida moderna dos negócios pelo caiseiro viajante, e tive a felicidade de ser ouvido pela Câmara lisbonense, que fez publicar na integra, no *Jornal do Comércio* e das Colónias, os minhas palavras.

Pedia que se aproveitassem as facilidades de comunicação conseguidas; que se considerasse que nem todos os produtos susceptíveis de exportação são conhecidos ou suficientemente conhecidos no mercado; que, mesmo na melhor das hipóteses, nem tudo se pode oferecer por carta, etc., etc. Julgo não ser este o lugar para repetir quanto enão afirmei. Mas aqui entendo dever acrescentar várias cousas. Tendo em atenção a enorme distância a que estamos do Rio Grande, para muitos dificultando ou até impedindo a organização de viagens comerciais, convém altamente que as casas que trabalham com artigos diferentes conjuguem os seus esforços, a fim de tornarem possível a ida dos seus agentes a um campo de acção quasi por explorar em nosso benefício.

Tratando-se do Rio Grande — creio que se deveria com justiça dizer do Brasil — é necessário pôr de lado o processo sentimental de tudo confinar do patriotismo da colónia portuguesa. E que não são, realmente, as preferências possíveis pela situação das colónias que devem ser postas em primeiro plano: são apenas os factores de ordem puramente comercial, antes de mais nada! A maior ou menor influência da colónia, quanto a mim, só é de utilidade quando se está resolvido a entrar em luta com armas iguais.

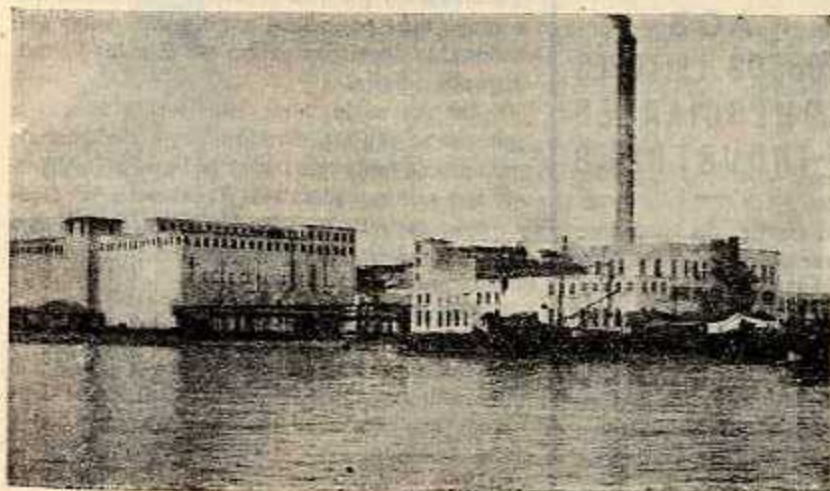
O facto de que, para conseguir a colocação de muitos dos nossos produtos ou o aumento do consumo de outros, se torna necessária a acção do viajante, é tão importante, a meu ver, que não bastará mandar quaisquer pessoas melhor ou peor iniciadas nos métodos da arte de vender. Para conquistarmos a posição que de direito nos pertence, precisamos enviar viajantes instruídos e educados, capazes, com o auxilio de catálogos ou mostruários, de fornecer indicações completas a respeito de preços, qualidades, capacidade das indústrias, acondicionamentos empregados, condições de venda, etc., etc. Quando não seja possível ou valha a pena enviar viajantes, é indispensável nomear agentes. Duma maneira geral, foi isso o que eu disse em resposta aos inúmeros pedidos de informações comerciais que recebi na América-do-Sul durante três anos, tanto no Brasil como na República Argentina, e parece que não tem de todo-em-todo sido julgadas inúteis os meus informes, sobretudo porque já mais deixaram de me ser agradecidos. Também jurei uma carta dirigida á minha pessoa deixo de ler resposta.

(Conclui no próximo fascic.)

J. M. DE BETTENCOURT FERREIRA.

♦ ♦ ♦ ♦

Acaba de regressar dos Estados-Unidos da América-do-Norte, no gozo de licença, o nosso querido amigo e illustre Cônsul em Boston, autor do belo estudo acima, dr. J. M. de Bettencourt Ferreira, que publicará num dos próximos fascículos algumas curiosas notas sobre os interesses portugueses naquella pais.



Rio Grande-do-Sul — O Frigorífico Swill

(Fot. do sr. Ed. Carneiro)

: REVISTA ECONOMICA E FINANCEIRA :

AS CRISES MONETÁRIAS E O COMÉRCIO, EM PORTUGAL E NO BRASIL

Sabido é que não só em Portugal e nos nossos dias se manifestaram crises monetárias. Pela nossa especial situação a respeito do Brasil, tem particular interesse recordar uma das crises por que este país passou e a forma por que a resolveu.

A data da proclamação da República no Brasil cotava-se o câmbio acima do par (27), a 27 ²/₁₀. País novo em plena transformação, ou antes plena formação, tinha o Brasil a sua balança comercial desequilibrada e, além do ouro de que precisava para pagar as mercadorias que importava, tinha de pagar todos os anos os juros dos capitais estrangeiros que lhe tinham sido emprestados, quer ao Estado quer a particulares. Muitos bancos estrangeiros, como o «London and River Plate» e outros, recebiam do Brasil importantes somas. Igualmente despesas diversas do Estado e não pouco importantes de brasileiros que viajavam no estrangeiro e os salários importantíssimos de operários estrangeiros concorriam para a difícil situação das finanças públicas. Para acudir às necessidades entrou o Estado no caminho do aumento da circulação fiduciária: cada emissão provocava uma nova baixa e para acudir aos encargos resultantes da baixa fazia-se nova emissão que a agravava ainda. Os resultados desta política financeira, sempre má e sempre seguida, traduzem-se nas cotações:

de 1890 a 1891 a cotação média foi	18 ¹ / ₁₀
de 1891 a 1894 » » » »	12 ¹⁷ / ₃₂
de 1895 a 1897 » » » »	9 ¹ / ₄

Em 1898 e 1899 as cotações oscilaram entre 6 e 7!

Foi para acudir a esta situação que o presidente Campos Sales contratou com a casa Rothschild de Londres, a operação conhecida por *funding loan* que restaurou o crédito do Brasil. Não podendo pagar em ouro os juros dos seus empréstimos, o Brasil de 1 de Janeiro de 1898 a 30 de Junho de 1901 pagava-os com títulos consolidados (*funding*). A casa Rothschild emitia dez milhões de libras esterlinas em títulos com o juro de 5 % garantido pelo rendimento das alfândegas e à medida que os títulos eram emitidos o Brasil entregava ao câmbio de 18 o equivalente das emissões em papel, que era imediatamente destruído. A redução da quantidade do papel em circulação melhorou desde logo o câmbio: em 1900 tinham sido queimados 50 milhões de escudos e o câmbio estava a mais de 8, em 1908 tinham sido destruídos 145 milhões (um quinto da circulação!) e o câmbio estava a 16.

Pode parecer que a melhoria do câmbio causaria uma satisfação geral, mas não sucedia assim: os interesses dos produtores não são os mesmos que os dos consumidores.

O público via com satisfação o restabelecimento do crédito, aos consumidores de artigos estrangeiros agradava igualmente a alta, mas a

situação dos produtores, dos exportadores, é diferente: estes não são nada prejudicados com um câmbio baixo, pois vendendo os seus produtos para o estrangeiro, quanto mais baixa está a moeda do país mais recebem: é a situação em que, em Portugal, o comércio e as pessoas que recebem rendimentos do Brasil se tem encontrado, recebendo tanto mais escudos quando mais o escudo perde valor em relação à moeda brasileira. E' evidente que uma excessiva desvalorização acaba por prejudicar todos, estancando as fontes de riqueza do país. Deve notar-se ainda que como os salários não acompanham imediatamente a baixa e as classes operárias não consomem artigos importados do estrangeiro, mas artigos de produção nacional, em que o câmbio só influe por repercussão, se estabelecem dois factores favoráveis ao exportador de país de moeda desvalorizada que recebe imediatamente o aumento de numerário proveniente de desvalorização.

Assim no Brasil, que por ocasião da Revolução exportava 258 milhões de escudos ouro, os exportadores convertendo em papel ao câmbio 27 ²/₁₀ receberam apenas 253 milhões; dez anos depois uma exportação de 216 milhões ouro produziu 814 milhões papel.

Esta questão tem sido, em Portugal, muito debatida por economistas e financeiros. A maioria é de opinião que a alta dos preços que resulta da desvalorização da moeda é favorável aos negócios. E' esta a opinião do distinto financeiro Sr. Anselmo de Andrade. E' certo que os lucros provenientes da abundância de moeda são em parte imaginários, mas dessa abundância resultam despesas excessivas ao passo que a falta de moeda produz restrição de compras e economias forçadas. A elevação dos salários e a maior valia dos produtos produz uma agitação de capitais favorável aos negócios. Como a maior parte das pessoas não exporta, os queixumes dessa maioria fazem por vezes supor que a situação só tem inconvenientes para todos, mas para os exportadores tem ela mais vantagens. Para esses vale mais uma moeda desvalorizada do que uma excessiva valorização, que é muito mais prejudicial aos negócios, como tem acontecido depois da guerra aos Estados Unidos, Espanha e Suíça.

De um modo geral, considerada apenas a questão no seu aspecto financeiro e não entrando em linha de conta com outros factores, pode dizer-se que a situação tem sido e continua a ser favorável às exportações para o Brasil, e a alta que se esboça deixa, também, margem para resultados favoráveis às importações.

O mais desfavorável seriam oscilações bruscas com que só os cambistas lucram: no Brasil manifestou-se esse fenómeno, mas o presidente Afonso de Pena atalhou-o criando a Caixa de Conversão que com o melhor êxito funcionou até a crise de 1914.

S. R.

AOS NOSSOS LEITORES COMERCIANTES E INDUSTRIAIS

A partir do próximo fascículo a "ALMA NOVA" procurará, por meio desta página, trazer todos os seus leitores ao corrente da situação económica do país e das suas relações comerciais externas.

O MUSEU COMERCIAL DE LISBOA vai promover, brevemente, com a "Alma Nova", várias exposições regionais de indústrias portuguesas.

... ESPARSOS ... DE À QUÉM-TEJO

AO DR. LUÍS GUERREIRO JÚNIOR

Évora, 1924.

É na tepidez melancólica e evocativa dama noite de Junho, ouvindo o barulhar monótono dos retardatários, que nalguma caturra esquecem o ramerrão da quotidiana recolha, misturada do cantar pachorrento dos grilos que povoam as janelas das romanescas cidadânhas de olhos chamejantes, é neste suave contemplar de olhos semi-cerrados que eu estou apreciando bem o que a minha alma pode vibrar ao contacto d'este Alentejo pujante de tranquilidade e em que a vida parece brotar da própria atmosfera recamada de tonalidades lilazes.

E ao quartejar rítmico dos relógios, que adornam as torres vetustas da cidade, o meu pensamento barafusta em recordações, desenterrando todo o passado do velho burgo,—coração da mais característica e vigorosa província de Portugal.

A tradição, o quasi liturgismo do povo de àquém-Tejo, faz-nos, de facto, reviver o encanto das simples lendas que o engenho moirisco concebeu, deixando de, religiosamente, indicar-nos o lugar onde formosas moiras de negros cabelos expiam o encastamento imposto por algum deus maometano.

Através do temperamento meridional, acalentado pela tradicional e ingênua poesia, delicadas islamitas, transformadas em brancas pombas, esvoaçam ainda em redor de cristalinhas fontes, procurando o miraculoso finalizador das suas penas...

Uma brisa morna excita-me, e, em evocações, vejo as alvejantes casinhas de pátios moiriscados e vasario rubro, em que a sardineira campeia garriamente, desafiando os parreirais trepadores, e onde, à tarde, sobre os balcões de colonelos esguios, a raparigada casadeira estridula gargalhadas, que ecoam nos jardinzinhos perfumados pelos mangericos e resedás.

O pensamento meditativo encontra por aqui o bálsamo vivificante, que robustece, que inspira, tornando contemplativos os menos dados à reflexão.

Évora é evidentemente isto — uma cidade perene de poesia. Desde as torres ao ribeiral, que nos seus pés dorme, tudo é homogêneo de interessante e artístico. A Sé, a vetusta Sé, na

mole formidável, tantas vezes interrogada pelos estudiosos, não desvendou por completo a sua emaranhada história, que anda à mercê de hipóteses mais ou menos fundamentadas: é ela, como guardião vigilante, que coroa o casario disposto em tortuosas ruínas, arrebitadas aqui e além por elementos da hera medieva.



ÉVORA — A Sé Catedral (Gschäta)

San-Francisco, igreja mononáutica à laia bizantina, encerra em cripta a conhecida «Capela do Senhor da Casa dos Ossos», engalanada por dois torços, dependurados quais chouriços em fumeiro; e Gil Vicente, o chufador crítico da fradalhesca, repousa entre os taludes do templo duzentista, ignorado pela quasi totalidade dos visitantes.

Mais além, a ruína do pseudo templo de Diana, graciosa, mirando o horizonte atapetado de loiros trigaís, bordejado de papoilas e boninas. E olhando o velho templo, na expressão do seu denegrido envasamento e colonata, há a evocação dessa imensa civilização latina, que legou ao mundo como património, além de muitos vícios, os seus magistrais códices, que ainda regem os destinos da maioria dos povos.

Vítima de barbarismos sofridos em épocas várias, o velho templo pagão viu, pelo século XVI, entaipar

os seus intercolúnios, servindo de celeiro, e depois de açougue à matança regular, alimentadora da cidade.

Mas não é apenas este, o primoroso recheio artístico de Évora.

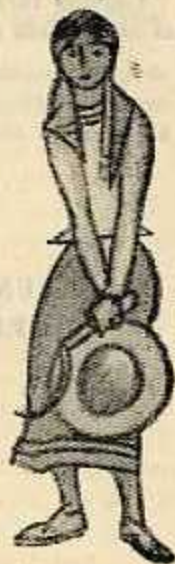
A série de conventos repletos de verdadeiros mimos de arte, excede, sobe ainda muito, para que ela seja colocada a-par das grandes cidades em que passadas gerações se obstinaram em nos legar maravilhas inimitáveis.

! Quanto é benéfico a um temperamento artístico passar as horas absorto no estudo de muitos outros monumentos desta velha cidade!

Por mais estudados que estejam, sempre neles se encontra algum pedaço que de novo nos revele uma fase da sua história, que nos mostre a concepção rica do seu deliniador.

! Quantas maravilhas, quantas preciosidades! ; quantos, verdadeiramente admiráveis, e mal aproveitados recursos!

Se Évora não é, já hoje, uma grande cidade de turismo, se nenhuma das condições complementares, de facto, tem,





por enquanto, para o ser —; quanto custa e magôa dizê-lo! — é simplesmente porque não a tem sabido engrandecer, porque não tem feito conhecidas as suas belezas, como tanto seria para desejar.

Um péssimo e mal combinado serviço de caminhos de ferro impede, além disso, que ela viva pouco menos que isolada do resto do país; — e no pouco que há tudo se recente dum abandono entristecedor. As carruagens dos combóios não oferecem a mínima comodidade. Tudo escangalhado, desmantelado, janelas sem cortinas, o estôfo dos assentos caído de podre e dando ao turista um aspecto degradante.

Depois, não existe um único *rápido* que permita a pronta ligação com a capital do país: e, completando este desinteresse, um péssimo e emporcalhado serviço de hospedagem faz aumentar a relutância de inúmeras pessoas, que por mero passeio por aqui estacionariam alguns dias.

Organizam-se grupos para promoverem o turismo na região, mas não atacam o mal, o grande mal, aquele que se opõe, como invencível barreira, a que o dito turismo seja em Évora um facto, e a que uma cidade como esta, encerrando infindáveis maravilhas, caminha e se coloque a-par das grandes cidades de província estrangeiras, nas quais a arte e os esplendores dos seus monumentos, por vezes duma inferioridade bem evidente, são o chamariz incontestável duma riqueza imensa, riqueza que favorece, implicitamente, todos os ramos, quer industriais quer comerciais, do maior ao mais modesto.



serranias azuladas, ondulantes ao sopro acariciador do vento!

Em várias *fóllhas*, ranchos denegridos de segadores abatem as alcatifas sazoadas pelo sol intenso, que ilumina desmedidamente os alvacentes casais colocados nas cumieiras dos montes, erguendo-se de entre o ramario severo dos sobreiros e azinheiras. Sob as copas sombrias, o tradicional pastor, envergando o pesado fato de saragoça, ataviado dos coçados calções, apascenta, indiferentemente, a ovelhada ou a cabrada, de teta a abarrotar.

Ao entardecer, magotes de *ratinhagem* encaminham-se lentamente para o *ranchinho*, enchendo os ares com os seus cantos melancólicos, entoados em *côro*, na certeza dum repasto suculento de *almôce* e toucinho entremiado.

Assim vivem, a tudo indiferentes, aqueles que, longe das cidades, encontram apenas no seu rude e extenuante trabalho a alegria compensadora das suas restrictas ambições, amando a terra que cultivam, acariciando espiritualmente as espigas que pesadamente caem ao golpe rápido das suas foices.

E por esses intermináveis campos, envoltos no véu diáfano da noite, quantos milhares de seres adormecidos não confiam apenas na força redentora do seu braço e na fecundidade exuberante da terra que amam?

A manhã aproxima-se. As primeiras claridades do alvorecer entreabrem-se...

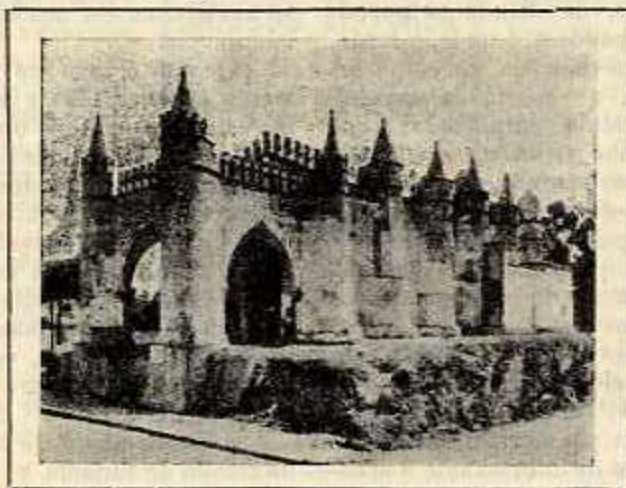
E engolfado nestes pensamentos truncados, quasi sem uma ligação justificável, nesta espécie de modorra meditativa, desperto, enfim, ouvindo ao longe o monótono cantar dos raios, excitados por uma bela noite alentejana.

JÚLIO JESUS.

Em tórno da cidade, contemplo extasiado a vastidão dos campos.

Celeiro formidável, este Alentejo, em que as searas se perdem em intermináveis horizontes, trepando as

ILUSTRA-
ÇÕES DE



ÉVORA — Capela de San-Bals

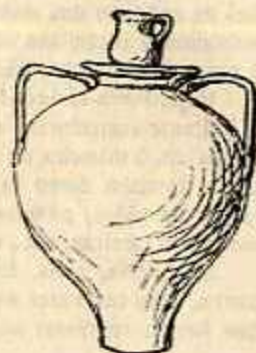
BERNARDO
MARQUES

INDÚSTRIAS POPULARES



Asado à moda de Coimbra

AS
OLARIAS
DE
MIRANDA-DO-CORVO



Asado à moda da Serra

TEXTO E ILUSTRAÇÕES
DE
ÁLVARO V. LEMOS

O elegante asado de têsto e pucarinho e a sua companheira, a talha, mais ornamentada, de asas mais trabalhadas e boca alta, que se vêem na região do Mondego, são as vasilhas, para água, mais elegantes de todo o país e lembram clássicas formas gregas, a-pesar-da pobreza do seu material, da modéstia do seu mister, e da humildade dos seus autores.

Dizem-se, os asados e talhas de Coimbra, porque as tricanas, a cujo corpo donairoso se assemelham, as popularizaram, pelos séculos fora, no carrear da água do rio, por entre alas de académicos, amorosos e poetas.

Ter-se-iam fabricado, outrora, na própria cidade de Minerva, mas, há mais de um século que o centro produtor é o concelho de Miranda-do-Corvo, a cinco léguas de Coimbra, onde, ainda hoje, há uma indústria que se pode chamar próspera, a-pesar-da sua feição primitiva e verdadeiramente popular.

As povoações dos Bujos e do Carapinhal, são os principais centros de produção onde toda a população é *double* de agricultor e oleiro.

Homens, mulheres e crianças, famílias inteiras, tudo trabalha nas duas ocupações. Segundo o estado do tempo ou o apêto do serviço, assim se dirigem as atenções para a agricultura ou para a olaria. E'-se oleiro nas horas vagas (às noites trabalha-se à roda, à luz da candeia) e nos dias chuvosos que impedem a labuta nos campos. A louça vai-se cozendo, quando está enxuta e completa a fornada, e depois, vai-se armazenando a mercadoria por todos os cantos das pequenas casas, dos palheiros, dos currais, nos telheiros, por cima das arcas, debaixo das camas e móveis, até que, pelo ano fora, vá abastecendo os mercados próximos. Mas o verão com as grandes feiras e romarias é que é o belo tempo da venda.

Com umas canas e varas cruzadas fazem uma armação alta sobre o carro, distribuem-se em volta os bojos dos grandes potes, cânta-

ros e asados.—Calçam-os com palha e metem no meio as peças miúdas, desde as bilhas, cabaças, vasos, púcaros e panelas, até às mais reduzidas, que hão-de servir de brinquedo às crianças. No fim atrelam-se os bois de trabalho, e lá vão cantando pelas léguas das estradas até Arganil, Poiares, Cantanhede, Montemor ou Figueira, etc.

Chegados ao local do destino, a qualquer canto do arraial e sobre a palha em que transportaram os frágeis produtos, lá fazem o estendal. Ali vivem e dormem, guardando a louça, os dias que dura a romaria. São, em geral, os primeiros feirantes a chegar e os últimos a levantar. O que se não vendeu nem se escaqueirou, volta a carregar-se e lá vai para outra feira, passando assim o verão com umas mantas, uns pedaços de brôa e sardinha, alguns, enquanto os outros membros da família lá ficam na aldeia a tratar das terras e dos animais.

Levam uma vida de trabalho, mas variada e alegre, sem grandes preocupações e relativamente desafogada, pois a boa qualidade do produto e a sua abundante apresentação nos mercados, desafiavam toda a concorrência.

Miranda-do-Côrvo, porém, modernizou-se, já tem caminho de ferro e a exportação dos seus barros já se não faz só pelas estradas: — lá se carrega de vez em quando o seu vagon na estação para a Figueira-da-Foz ou para Lisboa, onde facilmente se vende e tem procura.

Infelizmente, hoje, as belas formas primitivas e tradicionais, vão-se abastardando e prostituindo pelas exigências da nossa meia-civilização burguesa, e pelo contacto com as formas vulgares de lata, alumínio, vidro e ferro fundido da indústria moderna, que fornecem ao oleiro os mais desastrosos modelos!

Antigamente influenciavam-se mutuamente, na inspiração da forma, apenas a vasilha de barro e a



Belaspeços de barro das olarias populares de Miranda-do-Corvo

vasilha de cobre. Os exemplares participavam das possibilidades de cada um dos materiais e havia formas espontâneas e genuinamente cerâmicas ou genuinamente metálicas. Assim livres e naturais eram necessariamente belas!

Hoje, força-se tudo! Já aparecem com uma desconsoladora e irritante insistência, cântaros de barro com asa em cima e em baixo, à maneira de cântaros de lata citadinos, cafeteiras de barro, também como as de lata, bilhas como as garrafas e garrafas de vidro, panelas de pés como as de ferro-fundido das modernas lareiras, etc., etc.

Não seria, pois, fora de propósito, uma verdadeira campanha, para combater estas caricaturas cerâmicas de mau gosto, que fizesse regressar aos belos e simples modelos tradicionais.

Além dos asados e talhas, a característica mais notável das olarias de Miranda, é a confecção de brinquedos para crianças em barro, que constituem, nada menos que uma colecção reduzida, perfeitamente paralela ao mostruário industrial da casa. Este material vende-se óptimamente em certas feiras, onde faz o encanto da pequenada, que naqueles pobres barros tem uma variada baixela para as suas bonecas e cozinhados.

Algumas destas pequenas peças, tem requintes de graça que ninguém diria poderem sair das rudes mãos daqueles oleiros cavadores. Um caso curioso, bem diverso do que costuma suceder em todas as regiões industriais, é que, aqui, ninguém se especializa num só género de trabalhos. Modelam todas as peças indistintamente, e, quando muito, fazem-nas por séries. As bujigangas infantis, essas fazem-nas quasi sempre por desfastio nos intervalos das peças de responsabilidade e dos cuidados do forno ou do amanho das belgas de couves, milho ou batatas do pequeno património que todos possuem.

Nas próprias formas tradicionais havia ainda vários tipos, que hoje se vão fundindo e abastardando. Variavam segundo os usos ou os mercados a que se destinavam. Assim, fabricava-se o asa-

do à moda de Coimbra, de pé fino, asas muito alçadas, bôjo bastante elevado, bem próprio para figurar à cabeça de lindas moças, ou nas lavadas mesas das cozinhas da cidade, e morrerem no caminho gostoso da fonte e do rio ou no velho jôgo da panela escapando-se das mãos desastradas dalguma tricana mais distraída. Os asados à moda da Serra, mais grossos em baixo e o bôjo mais descido, asas menos elegantes, mas fortes, eram próprios para conterem mais liquido e morrerem afinal inglória, prosaica e obscuramente, ao serviço das azeitonas, depois de terem passado uma monótona e trabalhosa existência nas tóscas cantareiras de enferrujadas e fumarentas choupanas.

Se os barros de Extremoz são celebrados pelo agradável aspecto da sua cor e pelas qualidades que transmitem à água, os de Miranda não lhes ficam atrás. A-pesar-do barro ser menos macio e mais descôrado, não desmerece em decoração, polida à pedrinha, bem apropriada e bem distribuída.

Os motivos são simples e pouco variados, reduzindo-se a linhas continuas, ondeadas ou cruzadas, corações, fôlhas e flores numa estilização rudimentar que não deixa de ter o seu encanto e mesmo beleza.

Quanto às qualidades de gosto e frescura que comunicam à água, são muito apreciáveis, no dizer de entendidos, em especial os produtos da povoação do Carapinhal, por ali serem os barros amassados com água corrente, ao passo que os dos Bujos o são com água de charcos e poços, por vezes corrompida.

Estas, como outras indústrias populares, não as pode abandonar um verdadeiro movimento a favor do turismo nacional; são para muitas terras a única curiosidade duma inconfundível característica, que ali pode levar curiosos e artistas e, nas etapas do excursionista, destruir-lhe a monotonia enervante das estâncias de águas, a banalidade dos hotéis e civilização barata que o perseguem e... aborrecem!

31 — Dezembro — 1924.

ÁLVARO V. LEMOS.

ARTE POPULAR PORTUGUESA

"OS PÚCAROS CÁ DA GENTE"

—
POR
LUÍS CHAVES

(Com ilustrações de Saavedra Machado)

PUBLICAREMOS NO PRÓXIMO FASCÍCULO ESTE PRECIOSO ESTUDO,
QUE HÁ ALGUM TEMPO JÁ NOS FOI
: ENTREGUE PELO SEU AUTOR :

"ICONOGRAFIA

É notável o trabalho sobre este assunto, organizado pelo nosso director artístico para o grande «IN-MEMORIAM DE CAMILO», que a casa Ventura Abrantes, num verdadeiro rasgo de audácia editorial, pôs à venda por ocasião das festas do centenário do nascimento do glorioso Mestre : : da prosa portuguesa : :



J. SAAVEDRA MACHADO

CAMILIANA"

Vários Camilianistas e amigos íntimos de Saavedra Machado, artista dos mais probos e apreciados, e também escritor já distinto, resolveram comemorar a saída desse belo trabalho, retinindo-se num almôço de homenagem, para o qual se recebem inscrições na redacção da ALMA NOVA e na livraria «Ventura Abrantes».



PERFIL DE CAMILO — ESTUDO
DE SAAVEDRA MACHADO.

(Do «In-Memoriám de Camilo», editado
pela Casa Ventura Abrantes)

1.º SALÃO DE OUTONO

RESULTOU UMA BRILHANTE PARADA DE FÔRÇAS DO MODERNISMO PORTUGUÊS. A EXPOSIÇÃO DE ARTE, COM ÊSTE TÍTULO, ORGANIZADA PELO CONHECIDO PINTOR SR. EDUARDO VIANA E ÚLTIMAMENTE REALIZADA NA SOCIEDADE NACIONAL :: DE BELAS-ARTES ::



A "ALMA NOVA", SEMPRE SOLÍCITA EM APLAUDIR TODAS AS INICIATIVAS QUE TENDAM A VALORIZAR A ARTE PORTUGUESA, DÁ HOJE A REPRODUÇÃO DALGUNS DOS QUADROS QUE MAIS FORAM APRECIADOS PELO PÚBLICO VISITANTE DO REFERIDO SALÃO

DR. MOTA CABRAL EM TRAJE DO PAÍS
POR ANTÓNIO SOARES



PAISAGEM ALGARVIA, POR EDUARDO VIANA
(Quadro destinado à Brasileira do Chiado)

1.º SALÃO DE OÜTONO



VARINAS, POR LINO ANTÔNIO



LAVADEIRAS, POR JORGE BARRADAS

(Quadro destinado à Brasileira do Chiado)



O VIOLONCELISTA, POR LUIZ BERNAY

(1.º SALÃO DE OUTONO)

TERRAS DO ALGARVE

ALPORTEL

ALGUMAS NOTAS E ALGUNS NÚMEROS,
::: DOS DE MAIOR INTERESSE, :::
ACERCA DO REFERIDO CONCELHO

SITUAÇÃO, LIMITES, SUPERFÍCIE. — *Alportel* é o concelho sertanejo do Algarve; o coração do sôvanto algarvio. Com efeito, o plano alentejano fica-lhe muito ao N., quasi tão longe como lhe fica, para leste, a estrada lisa e azulada da Guadiana; ao Sul, em torno, a cerca de duas dezenas de quilómetros, contempla-se, do alto das suas montanhas, a faixa esbranquiçada da costa atlântica e, para oeste, à mesma distância da costa, serpenteia a linha férrea, de alto a baixo, pela abertura que as montanhas deixaram e que, por convenção, separa o barlavento do sôvanto. Parece pois que o pobre concelho se isolou entre os de Loulé, Faro e Tavira, para morrer, fugindo da vida — a via férrea, o rio, o largo mar.

Os pontos extremos do concelho estão entre os paralelos $37^{\circ} 7'$ e $37^{\circ} 13'$ de latitude norte e os meridianos $1^{\circ} 15' 43''$ e $1^{\circ} 21' 3''$ de longitude ocidental de Lisboa. A altitude mínima do Alportel regula por 140^m e a máxima por 550^m . A sua superfície é de $139,50$ quilómetros quadrados, ou seja a $35,9^a$ parte da superfície do Algarve e a $633,98^a$ da de Portugal, como se vê no mapa A.

CONFIGURAÇÃO, ESTRUTURA. — A região alportelense é extremamente montanhosa; a superfície mais ou menos plana, mesmo com desprezo de alguns metros de cota, deve computar-se em cerca de $12 km^2$, constituídos pelos vales, mais ou menos largos, entre as cordilheiras de montanhas. O relevo — se bem que ruidoso — é muito acidentado, complexo. A espinha dorsal da Serra do Algarve ocidental, depois da sua curvatura nos Cavalos (cumeadas grossas), dirige-se para Sul, aos zig-zagues, e vem morrer junto ao sítio do Alportel, entre este sítio e o Juncal, no aêro da Alalaia. De um e de outro lado desta espinha dorsal N-S, brotam cumeadas montanhosas para oeste e para leste, cumeadas que conservam no seu percurso um notável paralelismo. É como se tirássemos perpendiculares a uma linha vertical. É o que é mais interessante, é que, confíguo a este sistema orográfico, desde a linha Alportel (sítio) - Juncal até ao limite Sul do concelho, se ergue outro sistema orográfico muito semelhante, porque também é constituído por cordilheiras paralelas dispostas de leste para oeste. Estas cordilheiras ou cumeadas estão dispostas em altitude crescente de sul para norte, de modo que a região alportelense tem o aspecto geral de um anfiteatro com bancadas gigantescas, com um caminho para elas, que é a espinha dorsal da serra algarviense; anfileatro a que as fendas de erosão, cortando duas cumeadas — as digitações ou subcumeadas — dão um aspecto de ruínas.

A orografia alportelense traz para a região o papel notável de um centro ou maciço divisorio de águas. Estas correm naturalmente para leste e para oeste da espinha dorsal que aponlamos: umas para o Guadiana (ribeira de Odeleite, ribeira da Ameixeira); outras desaguam em Tavira (ribeira de Alportel); outras em Quarteira (ribeira da Corte); outras ainda em Faro (ribeira dos Machados), porque a cumeada que limita o Alportel pelo sul, lhes deu passagem, abaixo dos Machados, numa apertada garganta de erosão.

O sistema orográfico do Algarve oriental, chegando, como vimos, até à linha Juncal-Alportel (sítio), abrange toda a parte norte do concelho, cerca $7/12$ da sua superfi-

cie. É a região a que os naturais chamam Serra: — a última ramificação austral, derreada, esbatida, torturada, do aspecto geotectónico da meseta ibérica, denominado sistema mariânico. É o cume do terreno primário ou paleozóico, do carbonífero inferior, grupo antracitolítico. O sistema orográfico contíguo a este, a que C. Bonnet dá o nome de *neo-ceraulónico*, abrange toda a parte sul do concelho, cerca de $1/12$ da sua superfície. É a região a que os naturais chamam *barrocal* ou *algarve*: — o dóger do mesozóico, da família caloviense, do político inferior do grupo jurássico. Entre a massa calcárea do mesozóico e a sística do paleozóico, no vale de Alportel, cerca de $1/12$ da superfície da freguesia, está a faixa do grés de Silves, *trias* e *infra-trias*, na transição do triássico superior para o liásico inferior do jurássico. Ainda nesta faixa se encontra o *lias* e zonas minúsculas de *oífes*. Concebe-se bem que tamanha variedade petrográfica (o Vale de Alportel é um rico museu que já há muito pede o estudo consciencioso dos competentes), dando origem a terras de mil colorações, dá à região, já cheia de contrastes, um aspecto muito particular, encantador, ao mesmo tempo que denuncia um parto, uma tectónica torturada e laboriosa. A disposição paralela das cordilheiras parece ter obedecido a um movimento uniforme, constante, da bácia, à medida que iam emergindo da água, primeiro a Serra, depois a faixa de grés, depois o maciço calcáreo.

A faixa de grés, pela qual passa a linha sismo-tectónica Briqueime-Loulé-Santa Cetarina, foi quem sofreu socudimentos mais violentos, a avaliar pelos estratos encavalitados, torturados, sobre o maciço sístico, socudimentos a que não seriam estranhos factos sismológicos ou vulcânicos.

CLIMA, ETC. — Não é uniforme o clima da região alportelense, mesmo diminuta como é. Dentro da mesma espécie — mediterrânica, sub-tropical, etc. — é lícito distinguir três variedades; quente no maciço calcáreo; transição na hacha da ribeira de Alportel; frio na restante parte da serra, principalmente para norte da cumeada da Maná. O Sr. Dr. Geraldino Brites, que estudou este capítulo com toda a proficiência, diz-nos que, em todo o Algarve, é no privilegiado sítio do Alportel (e a 7^a a norte dele, no Baranco do Velho, já fora do concelho) que se encontra o clima mais belo.

Nenhuma particularidade de importância se nota na fauna alportelense em relação à conhecida fauna algarvia; pode dizer-se outro tanto quanto à flora. Devemos porém acentuar que a vegetação, mais sensivelmente que a fauna (espécies inferiores), se distribue de harmonia com as variedades climáticas, o que ainda, neste campo, dá no Alportel o lugar de maior destaque nos contrastes imprevistos e sucessivos da região algarvia. Com efeito, é na zona quente que as árvores atingem o maior porte, que há maior riqueza de espécies, que a vegetação é densíssima, quasi compacta; na zona fria a vegetação é monótona, uniforme; na zona de transição, está o limite norte da figueira, da alfarrobeira, do amendoeira, já de pequeno porte, perdida muita energia na luta de resistência e adaptação ao meio.

HISTÓRIA. — Como é bem sabido, foi no Algarve que sempre se revelou mais duradoura a estada dos diversos povos que vieram à península e que, uns após outros, se sobrepuaram aos autóctones. Para alguns desses povos, podemos



Dr. Manuel F. do Estanco Louro, advogado e professor efectivo dos liceus, natural de São Brás de Alportel, e que está trabalhando com muito carinho nesta monografia da sua terra, prestes a entrar no prelo.



SAN-BRÁS D'ALPORTEL. — Um pittoresco aspecto da vila, vendo-se ao fundo o ridente sítio da Campina

(Fot. do sr. José Pontes)

A — Relações várias entre o ALGARVE, o ALPORTEL e os outros CONCELHOS da provincia, relativas a 1920

CONCELHOS	Superfície ha	Fração da super- fície	Número de orden	População	Fração da po- pulação	Número de orden	Densidade	Número de orden	Porcentagem de analfabetos	Número de orden	Casamentos	Fração por 1.000	Número de orden	Óbitos	Fração por 1.000	Número de orden	Medo-novos	Fração por 1.000	Número de orden	Número de casamentos	Fração por 1.000	Número de orden
ALGARVE	5.015,90	—	—	266.204	—	—	53,5	—	67,1	—	2.747	0,55	—	5.309	18,79	—	373	1,30	—	1.000	4,0	—
Albufeira	138,50	36,2	14,0	15.632	10,6	8,0	88,4	5,0	92,0	14,0	151	11,0	5,0	237	17,3	7,0	11	0,8	1,0	16	1,1	0,0
Alcôutim	371,80	8,7	4,0	7.681	34,0	14,0	13,8	10,0	93,0	15,0	75	0,2	12,0	105	20,9	5,0	3	0,3	1,0	1	0,1	1,5
Aljezur	341,10	14,7	6,0	6.134	43,6	15,0	18,0	15,0	92,4	11,0	60	0,7	10,0	125	20,5	5,0	11	0,9	3,0	2	0,2	1,4
ALPORTEL	130,50	35,9	13,0	10.961	24,4	11,0	78,6	7,0	92,4	1,0	153	12,5	2,0	225	20,5	8,0	11	1,0	6,0	260	23,7	1,0
Castro Marim	208,30	10,7	7,0	6.224	32,0	13,0	27,6	14,0	92,6	13,0	73	8,8	13,0	143	17,3	11,0	4	0,4	2,0	5	0,6	1,2
Faro	210,50	25,8	6,0	24.128	11,1	5,0	114,6	4,0	73,0	2,0	168	6,9	16,0	244	23,3	13,0	41	1,0	12,0	265	10,9	3,0
Lagoa	92,40	35,3	15,0	12.759	21,0	9,0	136,1	3,0	85,0	6,0	420	40,30	4,0	272	21,3	10,0	18	1,4	11,0	35	2,4	6,0
Loulé	213,70	24,4	9,0	15.930	10,8	6,0	74,7	8,0	78,3	3,0	116	7,3	13,0	363	22,7	14,0	21	1,3	10,0	21	1,3	8,0
Monchique	380,70	15,1	5,0	43.937	6,1	1,0	55,9	9,0	90,8	10,0	332	12,1	3,0	943	21,4	11,0	54	1,2	7,0	310	7,1	4,0
Olhão	150,20	33,2	12,0	12.026	21,2	10,0	33,2	13,0	89,0	0,0	121	9,5	11,0	207	16,3	3,0	27	2,1	13,0	2	0,1	10,0
Silves	684,00	7,5	2,0	24.491	10,0	4,0	103,1	1,0	86,8	7,0	725	12,9	10,0	540	22,0	12,0	45	1,8	14,0	271	11,0	2,0
Tavira	594,40	8,4	3,0	32.441	8,2	2,0	47,4	10,0	92,5	12,0	332	10,2	0,0	573	17,6	6,0	42	1,3	8,0	14	0,4	13,0
Vila-do-Bispo	179,00	28,0	11,0	6.027	44,5	16,0	41,3	11,0	87,7	8,0	270	10,9	7,0	402	16,3	2,0	25	1,3	9,0	75	3,4	5,0
Portimão	179,20	28,0	10,0	14.958	17,9	7,0	83,5	6,0	84,6	5,0	189	12,6	1,0	62	13,6	1,0	5	0,8	4,0	4	0,6	11,0
Vila Real-de-Santo António	59,00	85,0	16,0	9.481	26,2	12,0	160,7	2,0	81,5	4,0	102	10,7	8,0	213	22,4	13,0	35	2,3	10,0	24	1,6	7,0
PORTUGAL CONT. TAL.	88.740,30	—	—	5.021.997	—	—	63,5	—	72,0	—	51.804	8,66	—	133.731	22,35	—	8.629	1,44	—	50.141	6,3	—

OBSERVAÇÃO. — Incluem-se, no fim, os números respectivos a PORTUGAL CONTINENTAL. O nosso quadro — que se compreende a um simples olhar, — torna assim um reflexo mais nítido, tornando as comparações mais curiosas e flagrantemente.

B — ESTATÍSTICA AGRÍCOLA. — PRODUÇÃO EM LITROS E QUILOS (K)

ANOS	TRIGO	MILHO	CENTEIO	AVEIA	CEVADA	ARROZ	FEIJÃO	PAVA	GRÃO DE BICO	BATATA	MOSTO	VINHO	AZETE	CORTIÇA	LANDE E BOLOTA	FIGO	ALFAR-ROBA DOA
	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão	Em grão
1915	424.635	55.817	—	—	—	—	5.234	—	29.020	—	—	8.400	7.182	—	—	—	—
1916	404.748	41.835	18.723	111.867	46.087	—	5.275	105.954	64.546	13.661	52.060	22.480	4.174	278.645	—	—	—
PRODUTORES																	
1915	560	99	—	—	—	—	56	—	106	—	—	10	20	—	—	—	—
1916	305	75	62	225	166	—	38	320	330	135	34	6	6	63	—	—	—
DECLARANTES																	
1916	509	80	63	232	173	—	39	527	552	135	37	8	8	63	—	—	—
DETENTORES QUE NÃO SÃO PRODUTORES: NÚMERO E QUANTIDADES DETIDAS																	
1916	4	7	1	7	7	—	1	7	2	—	3	—	—	—	—	—	—
	12.320	17.010	26.105	70	120	—	12.320	9.900	150	—	14.000	660	—	—	—	—	—

OBSERVAÇÃO — [1] Estes números estabelecidos nos por cálculo que expozemos no nosso livro: representam o médio anual da produção. Todos os outros números são oficiais. A deficiência da maior parte destes é flagrantemente para quem conhece a região. A razão é simples: muitos produtores não vão dar a nota das suas colheitas: os poucos que lá vão mencionam sempre uma quantidade menor da que realmente têm, levando muitas a redução até qual a zero. Assim, para o número de produtores em 1915 e 1916, há diferença invariável. O número que exprime a produção do cortiça não representa o médio anual, bem menor: não está compreendida colheita da serra algarvia, manufaturada em Alportel. O Alportel importa, principalmente, trigo e milho: em pequena quantidade: milho, cevada, aveia, arroz.

N. do R. — Por conveniência gráfica, são suprimidos deste quadro os n.ºs, além dos grandes inteiros, referentes à área produtiva, sementeira, percentagem de área colheita e existências em 1915 e 16.

dizer, muito aproximadamente, os anos da sua estada no Algarve: romanos — 569; visigodos — 293; mouros — 539. No Alportel tem-se encontrado e recolhido vestígios destes povos — além de vestígios de população desde as civilizações mais remotas, — as idades da pedra polida e lascarada. Os vestígios achados e perdidos são tantos, tantos... que se não dá um passo que se não diga: «aqui achou-se isto, ali aquilo...» E houve então na área alportelense alguma povoação notável durante as idades destes diversos povos? A resposta é impossível, porque a destruição tem sido sempre impiedosa... No entanto, a tradição concorda com os vestígios, na existência de aldeias mouras na Alcaria e na Mesquita.

A primeira notícia histórica de San-Brás de Alportel é de 1517, ano em que D. Jorge, grão-mestre da Ordem de San-Tiago, filho natural de D. João II, lá mandou fazer uma visita. Era então San-Brás uma ermidazinha, de telhado de ripa, tendo o corpo da igreja coberto de madeira de castanho, com três altares, um de pedra e cal, dedicado a San-Brás; outro dedicado a N. Senhora e outro a S.^{ta} Catarina. Em torno da ermida, que tinha também pia de baptizar e campanário, estava uma meia-dúzia de casas bem pobres. Tal como se apresentava, a dita ermida era já uma reedificação, com reparações.

Ora a região alportelense passa para o poder dos cristãos em 1250; em 1320 ou 1321 só havia igrejas nas povoações importantes do Algarve. São nos primeiros anos do século XIV, D. Denis se esforça por povoar melhor o reino conquistado pelo pai. Se marcarmos pois aí por 1350 a data da construção da ermida de San-Brás, ficam-nos 167 anos até 1517, o que não é muito para fazer, deixar arruinar, reedificar e reparar uma casa de Deus.

Em 1565 — já então freguesia — havia na área do actual concelho de Alportel, 150 fregueses ou fogos e por isso, pela costumada média, uns 700 habitantes. Estes homens, eram mouros fortes e escravos, na sua grande maioria; já, certamente, em grande parte, prole dos moçárabes, multiplicaram-se, moirando sempre, na labuta febril da conquista da terra à penedia quasi compacta. E, pelos séculos fora, à custa de muito suor e de muitas lágrimas, transformaram numa cidade de fantasia, quasi imensa, o solo da sua aldeia; em roda de cada casinha, um canfeiro de flores, minúsculo, uma horta, um jardimzinho; de casa para casa, de sítio para sítio, os caminhos, avenidas tortuosas, fantásticas; e tudo isto no lugar outrora ocupado pelos pedregulhos gigantes que, em moça falange, pareciam assustar toda a vida. Foi este trabalho insano que os nossos maiores nos deixaram como brasão; se algum dia a heráldica nos der algum, outro não poderá ser senão o simbolismo d'ele.

Os dois quadros juntos condensam, sob vários aspectos, o laço alportelense, em prol de uma pátria ingrata.

E a vida da grei alportelense — se não contarmos com o inapreciável labor da iniciação e desenvolvimento da nossa indústria corticeira — tem-se passado quasi tranquilamente, nesta espantosa perlinfina de fazer de um rochedo e de um malagal bravo de Portugal, um solo lido e uberrimo. Dizemos quasi, porque são bem poucos os factos reluzentes da sua história. Em Junho de 1596, alguns dos ingleses que desembarcaram em Faro, fizeram uma sortida para o interior, no intuito de rapinagem. Diz a tradição que os alportelenses os expulsaram de San-Brás, com mocas ou cachamoras. A essência do facto parece-nos verídica. Depois, só em 1834, a guerra hedionda e sangrenta da guerra civil se estende sobre o Alportel, com o desbarato de guerrilhas miguelistas pelas tropas liberais de S.^{to} da Bandeira. Já há quasi um século... e é tão vivida ainda a tradição de tal horror! Se à erecção da Ermida, aí por 1350, e à formação da freguesia, aí por 1550, juntarmos a criação do concelho de Alportel pela lei 178 de 1 de Junho de 1914, temos os cinco factos mais emocionantes da história alportelense. O resto tem passado despercebido: — o sangue derramado pela Pátria, — nela, na Ásia e na África, principalmente. O que nós não deixaremos passar em silêncio é o esforço social gigantesco do trabalho in-

sano traduzido pelos números citados que apresentamos nos quadros A e B: é a enorme quantia — como desejariamos sabê-la! — que o fisco, hediondo, impio, vai arrebatando, de ano a ano, já há séculos, e que só no ano económico transacto se elevou a 223:124\$38 em contribuições predial, industrial e de registo; e em impostos: de transacção, de sêto e pessoal de rendimento.

Em compensação, como melhoramentos sensíveis, tem os míseros alportelenses o seu concelho atrevesado por duas estradas — a de Faro a Beja e a de Sagres a Vila Real de S.^{to} António —, além de quatro pequeninos ramais que somarão uns 10^{km}; e meia-dúzia de professores primários, quasi todas com escola em horripilantes casebres de aluguer! Por isso, já de longa data há no Alportel um sentimento radicado e inextinguível, não digo de rebelião — como se poderá supor pela queima dos papéis da secretaria de finanças e câmara em 3 de Abril de 1916 — mas da maior separação possível, administrativa e financeira, do pai, — o Estado — que o tem tratado como impiedoso padraço, a ele que tem trabalhado tanto para a prosperidade e prodigalidade da casa!

Agora o que dissemos, das variadas manifestações sociais só a religiosa tem absorvido a actividade dos alportelenses. Por isso, tem uma igreja matriz sumptuosa e três belas capelinhas — tudo feito com o seu dinheiro, o seu suor. Pena foi que uma boa parte deste esforço se não carresse para obras de interesse social mais concreto, menos particular — porque tudo lhes falta.

NECESSIDADES MAIS URGENTES. —

As notas que aí ficam, embora dispersas, justificam de sobra algumas das necessidades do concelho de Alportel, necessidades das mais urgentes, daquelas que escorrem sangue e que vamos aponlar:

a) — construção de um ramal do caminho de ferro até San-Brás (13 a 17^{km}). De propósito, não justificamos, nem con-

firmamos a história já fabulosa deste assunto, porque nos irrita. Para todo o alportelense, deve tal construção implicar uma guerra santa, porque é, de facto, uma questão de vida ou de morte:

b) — sulcar de estradas a região alportelense, principalmente a serra, para a cultivar completamente. o que se faria em dois ou três anos, desde que se posses a disposição dos proprietários o guano necessário, pagável no fim da colheita com juro baixo. É simples... e, pelos nossos cálculos, só a cultura da serra bastava para dar ao Alportel um apreciável superavit na produção de trigo. Mas é também urgentemente preciso arborizar as cristas da serra; intensificar a produção do solo do barrocal, por um melhor trabalho da terra e aplicação conveniente do adubo que o seu estudo indicará, para que se colha dez ou mais sementes em vez das costumadas cinco; que tenham lá residência fixa, um agrônomo e um veterinário, para que não fiquem entregues à sua própria sorte, os gados, as sementeiras e as plantas, doentes. É também preciso tornar regadio, com o inexgotável lençol de água da Tapada, todo o vale de Alportel;

c) — substituir os casebres abomináveis das escolas por edifícios próprios, com balneário, cantina, horta escolar, campo de jogos, etc.; e construir, na sede do concelho, uma escola primária superior, onde, a-par da cultura mental exigida a todos os cidadãos do nosso tempo, se ensine a cada um um ofício, conforme as possibilidades e necessidades do concelho;

d) — construir, sem demora, um hospital, com maternidade anexa; um asilo; um amplo edificio para as associações de classe, quasi todas por organizar; dois ou três para mutualidades, amplas cooperativas de consumo, e um edificio para as repartições públicas... ligações telefónicas, etc. — Enfim... está tudo por fazer!

... E talvez não se faça sem que os alportelenses deixem de enviar para o erário do padraço a melhor parte das suas economias, porque é quasi impossível a sua saída do abismo... São já de maior idade para a administração das suas coisas.

Lisboa, 25 — 1 — 25.

M. DO ESTANCO LOURO.



SAN-BRÁS DE ALPORTEL. — O Santuário Vasco-novus Porto (Fot. do sr. José Pontes)

■ BREVEMENTE ■

TAVIRA, — A LINDA!

ALFÔBRE DAS MAIS GLORIOSAS TRADIÇÕES ALGARVIAS,

HISTÓRIA — MONUMENTOS — INDÚSTRIAS

COM BELOS DESENHOS E FOTOGRAFIAS

BERNARDO DE PASSOS



Bernardo Rodrigues de Passos
O pai do Poeta



O Poeta

(Presente oferecido ao Director
da Alma Nova)



Boaventura Passos
Irmão do Poeta

O poeta algarvio Bernardo de Passos, embora ainda não tivesse sido como tal devidamente consagrado pelo país, é um dos nossos maiores líricos da actualidade.

Poucos em Portugal se podem arrogar tão desassombradamente o direito à lira de João de Deus.

Como aquele, nasceu também numa povoação sertaneja do Algarve, povoação que é um dos mais pitorescos reiros da encantadora província, — a actual vila de San-Brás de Alportel. Seu pai, que aos 29 anos já se afirmara como poeta e jornalista local de mérito, cedo lhe despertara o gosto pelas letras; e ei-lo, dos 12 aos 15 anos, com o pseudónimo de *Brás Brasil*, ou simplesmente *Passos Júnior*, colaborando nos jornais, ao lado de seu pai, e aos 16 escrevendo inflamados artigos políticos, a-par de poesias dum lirismo embalador.

São dessa época todas as poesias do seu primeiro volume «Adeus», que tanto êxito obteve. A sua feição característica está aí vencida. É um lirismo que não se compraz apenas com a aparência exterior das coisas,



BUSTO DE D. MARIA JOAQUINA
DIAS PASSOS,

mãe do Poeta, — executado por D. Rosalina Dias Passos, irmã do mesmo e uma curiosa artista, que, sem fazer nada qualquer aprendizagem, tem produzido trabalhos muito apreciáveis.

mas que as interroga e sonda. Beleza rude e simples, mas onde há penetração filosófica — preocupação esta que mais se acentua em «O Grão de trigo» (1907), «Portugal na Cruz» (1909) e «Bandeira da República» (1913).

Para breve tem Bernardo de Passos um formoso poemeto, em que canta as avesinbas e as crianças, e o seu anunciado «Entardecer». Ambas serão peças literárias que, muito dignificando as letras pátrias, tornarão mais apreciadas ainda as altas virtudes do Poeta.

Bondade inata ao serviço duma peregrina sensibilidade artística, todas as poesias de Bernardo de Passos são verdadeiros hinos à natureza e ao amor. E não há nelas uma frase dubia ou palavra mal colocada, saindo também, em consequência disso, o pensamento sempre limpo e são.

Dedicando algumas páginas do presente fascículo ao estudo e propaganda de San-Brás de Alportel, não podíamos deixar de arquivar aqui o nome dum dos seus mais ilustres filhos, que é, simultaneamente, um dos mais genuínos continuadores da obra poética de João de Deus.



FRISO DE TIPOS ALGARVIOS. de Roberto Nobre,
artista ilustrador muito talentoso, de ascendência sambrastoe

: S O N E T O S :



SAN-BRÁS D'ALPORTEL. — Igreja matriz,
: : onde foi baptizado Bernardo de Passos : :

VAGABUNDO

COMO alguém que menino se partisse
de casa de seus pais, aventureiro,
e envelhecido, e só, e sem dinheiro,
em pátria estranha a morte, enfim, sentisse:

E que lembrando então a meninice,
o lar distante, e o seu amor primeiro,
já tudo crêsse um sonho (o derradeiro...) —
uma incerta miragem da velhice:

Saúdoso e triste, assim eu vou lembrando
êsse bem que perdi num vão viver,
e que em menino e moço andei logrando...

— Bem tão distante já, se o busco ver,
que eu penso que, se o tive, foi sonhando;
que eu sinto que o perdi, sem nunca o ter...

REGRESSO

MINHA aldeia, voltei! Avé-Marias...
Teu crepúsculo d'ouro até parece
que me canta, e me embala, e me adormece,
a florir a amargura dos meus dias...

Como a urze das tuas serranias,
poeta aqui nasci, sem que o soubesse!
E aqui, — visão de estrêlas e de prece, —
vi meu primeiro amor, quando me vias!

Minha aldeia, voltei! Anoteceu...
Sobre o meu coração, como num ninho,
estendes a asa d'ouro do teu céu...

E êle dorme e sorri, — o abandonado! —
como dorme e sorri um passarinho,
sob a asa da Mãe agasalhado...

AQUELA QUE PRIMEIRO AMEI

JÁ esqueci teu nome, essa harmonia —
que, como um mel, a boca me adoçava,
mas não o teu amor, rolinha brava,
ô meu sol de quando eu amanhecia!

Se lá na infância, amor, quando te via,
eu te houvera deixado a alma escrava,
já ela, assim perdida, não me andava:
já, triste, eu não sonhava noite e dia!

Escuta a nossa história... Era uma vez...
um puro Amor, — o nosso... Mas parti;
menina, te deixei num vale em flor...

Como êsse amor de rosas se desfez!
— Eu amei castelans, que longe vi;
e tu, depois, amaste um cavador...

SOMBRA...

NESTES êrmos, ouvindo a voz das fontes,
de humildes alegrias fui pastor.
meus rebanhos guardava com amor,
contemplando os longínquos horizontes...

Árvores maternas que ergueis as fronteiras
verde-tristes, num gesto criador,
junto a vós semeei sonhos em flor,
que vestiram de rosas estes montes...

Mas tudo, — riso e sonhos, — me levaram...
Perdi meu gado; meus jardins secaram,
— já nêles não há rosas nem alfombras!

Doura a tarde estes êrmos de abandono...
E eu passo, — fôlha morta dum outono;
sombra vaga a errar por entre sombras...

BERNARDO DE PASSOS.

ALDEIA EM FESTA

(EXCERPTO)

Prega, ao Evangelho, o Rev. Félix do Rosário

— Trinta mil réis! Quem mais lança, quem mais dá, p'lo ramo a San-Sebastião?

E p'lo ar, um rumor de bombas desflagradas, grita jubilos hieráticos ao céu azul distante, donde Deus e os anjos, como é crença ingênua, se debruçam, enlevados, p'ra espreitar a Terra, que os glorifica e apoteotiza.

... Não será, acaso, o nosso Deus, o mesmo Deus de Moisés e de Isaac, cujas descendências lhe mereceram tantas e tantas bênçãos? — continua, o padre. — E o sacrifício de Isaac, meus irmãos, não foi além da vontade, não foi um sacrifício efectivo. Por isso, os merecimentos de Sebastião, com base num sacrifício real, serão, acaso, menos dignos das atenções do Altíssimo?

«Mas atentai, irmãos, que pedir a Deus, por intermédio do glorioso Mártir, o livramento duma moléstia do corpo, quando a alma enferma de pecados, é ter a certeza de que é rejeitada a nossa petição.»

E o arrazoado termina com muitos incitamentos às práticas salutaras da religião e de elogio fecundo às virtudes heróicas do Santo, que, sofrendo «de bom ar e com gosto as perseguições», tem, por isso, nos céus, recompensas copiosas: *Merceres vestra copiosa est in caelis. Amen.*

No altar-mór, os padres, genuflectem, e salmodiam versículos bíblicos, e do velho côro, muito florido por cabeças juvenis de mulheres, a música irrompe, súbito, avassalando o coração do ar, todo impregnado de incenso, enquanto cantores de fora tenorizam alto o Credo, co'os papéis na mão, articulando *hosanas* fortes e bem timbrados. Então a minh'alma, todo o fluido emocional do meu ser, palpitou, difusa, em vibrações sonoras.

E ritmo, e harmonia, lancionou, fremente, na nevrose alta dos sons, meditando toda a elegia intensa da Bíblia, desde as águas do Jordão, té à noite do Calvário. E hauriu toda a sua essência trágica, adentro dos cenários mais estranhos, presa do mais alto subjectivismo.

Tardes roixas caem na desolação outoniva das paisagens de Israel, e a sua luz dorida, toda impregnada de mnêus bíblicos, funde-se, cadaveriza-se, nos tons mórbidos da folhagem, que o vento arranca e leva de vencida, p'lo ar, em remoinhos.

João Baptista, o formidável Iokahann, há manchado de sangue e luto o prato da Salomé, e por toda a Canaan, de Judá té à Sidónia, p'la Síria e p'la Arábia, o Verbo de Jesus ressoa no coração das tribus como um canto misterioso do Além. Das margens de Genesareth, onde assenta Cafarnaum, té ao horto do Cedron, onde o ósculo de Iscariote marca o preço vil duma traição, tudo perpassa em mim, ritmicamente, lutuosamente, como num *écran* de vividas evocações longinquoas.

E medito a interrogação de Pôncio: — Cristo ou Barrabás? — o furor dos sacerdotes, que se rasgam a púrpura das suas túnicas, ante o blasfêmo, p'ra aplacarem iras a divindades, e o pranto amaríssimo de Maria, no caminho do Calvário.

E ouço e vejo: os gestos agressivos das multidões brutais, que ululam, ferozmente, em redor do Mestre: — A morte o Cristo! A morte o Cristo! — e o crucitar dos corvos negros, sangüinários, batendo asas, em bandos, por sobre os palmeirais da Jerusalém maldita, já quando, sob a umbela roixa do poente, o Sol, viático imenso que o Dia leva sob os paramentos lutuosoos,

unge a Tarde que deliquesce e tomba, numa crispação, súbita, de côr. Cristo é no Calvário: há subido à Cruz. E um luar alágido, rasgando as nuvens densas dum céu negro, espreita, pálido e mudo, sobre o Gólgota, a agonia doce, macerada e triste do Rabbi da Galileia.

— Que é verdade? Que é Verdade? Onde está Deus? — pergunta, ansiada, a minh'alma, olhando a inutilidade e desvairo de todas as filosofias. — Que é Verdade? Que é Verdade? Onde está Deus?

E onda sonora, encheu os vãos soturnos dos nichos e dos altares, símiles litúrgicos das catacumbas, com seus túmulos em arco e suas câmaras sepulcrais, que alâmpadas suspensas alumiam ao livor incerto das suas luzes. E molhou-se nas grandes chagas sangrantes do Supliciado, que jaz, desnudo, pregado à Cruz.

E num arrepião, roçou-lhe a coroa de espinhos legendária e exauriu-se, em scismas, p'lo dorido da sua túnica roixa de martírio.

Corujas feias e funestas fogem, espavoridas, dos buracos, e a piar sinistramente, traçam no ar, ao longo das naves cruciformes e rente dos tetos, em forma de caixões, seus vãos maléficos de agoiro e maldição.

E, horrorizada, penetrando os desvãos lúgubres dos altares, encheu o esquife de Jesus e tocou velharias litúrgicas de arripiantes simbolismos, e foi frêmito e eco alucinado na eça alta e mortuária, com sua côr negra, lutuosa, e seus relevos fulvos de tibias e de cãveiras.

Por toda a parte, a minh'alma, ritmo e som em vibração, encontrou abominações e luto, se molhou de lágrimas e de sangue.

Senhor! Senhor! Que Deus é este que se adora aqui?

Missais enormes, nas estantes, rebrilham no tom vivo das iluminuras, sob o macerado das velas dos altares.

E tocou as aras santas, p'la tecitura fina das toalhas alvas; as hóstias mais os cálices reluzentes; cabeças decepadas de mártires santos; troncos contorcidos de dor; esgares de supliciados e espadas afiadas morden-do carnes a gotejarem por mil feridas abertas.

E acordou no órgão mudo, notas perdidas duma canção longinqua e pungente.

Flores policromas pretendem dar, do alto dos castiçais e andores, um tom alacre de frescura e vida a esta necrópole imensa, velha de longos séculos, mas a minh'alma hauriu do seu perfume e subjectivou da sua côr, sênios duma flora nada à margem de sepulcros.

Uma janela esguia mostrava-me, ridente e belo, o céu lá fora. Então o Sol me levou à plena Vida, ao pleno Azul, p'r'o Alto, p'ra Longe, em demanda da Verdade, em demanda de Deus, que aqui não pude sentir nem compreender. E palpitou, liberta, a minh'alma, no coração da Luz, oração no Céu, cântico na Terra em flor, enchendo o Espaço, circundando os Mundos.

O Sol vibrante, fonte de Luz eterna e excelso colorista das Alturas, apagara-me do peito as frias sombras, e estuando fundo, nas minhas veias, refluía-me, rubro, ao coração.

Eh lá! Eh lá! ó Sol amigo, ó bizarro pintor das alvoradas e poentes fulvos da minha terra: *Gloria in excelsis! Gloria in excelsis!*

BOAVENTURA PASSOS.

BREVES PALAVRAS

A-PROPÓSITO DA

MINHA TERRA



JOSÉ DIAS SANCIO

Bacharelado em Direito, poeta, prosador e crítico muito apreciado, natural de San-Brás de Alportel

NUMA prega da beira serra, onde dizem alguás que nasceu o grande Poeta árabe Ibn-Amar, confidente e companheiro de Molamid, príncipe dos moiros e também artista de valia, levanta-se a casaria branca de San-Brás, aldeola humilde elevada às pompas de vila, que tem como cenário a formosa vegetação das encostas que erguem no cimo moinhos de asas desfraldadas no azul e sonham sob os beijos desta puríssima luz meridional sonhos antigos e pagãos, amores rubros de faunos, nudezes frescas de ninfas e evos frenéticos de ritos báquicos.

San-Brás de Alportel desabrocha, como uma flor da Paisagem, em temperamentos ardentes e coloristas; em devoções de trabalho; em miragens de aventuras longínquas noutros continentes, demandando a alegria da riqueza; em bucolismo; em sãdica graça. As mulheres daqui são coradas como rosas e trazem sempre nos olhos um deslumbramento de sol.

Foi esta Paisagem que modelou o estro mavioso de Bernardo de Passos; e eu ouvi dizer ainda a uma mulher que se chamava Cândida que João de Deus compusera à sua beleza, aqui, os seus primeiros versos.

Cândida, mimosa Cândida,
Es tão linda, meu amor!

dizia-me ela de-côr...

Há um artista que vive neste paraíso escondido, ignorado, absorvido pela luta diária do pão-nosso, conseguindo todavia roubar à sua dor e aos cuidados por seus filhos que já não tem mãe, uns escassos momentos, o suficiente para escrever páginas preciosas sobre a vida camponia, páginas vigorosas e esbraceadas onde há ridículos e sentimentos grandes, e onde a pujança de Filho se desdobra numa orquestração mais viva, ainda que mais desequilibrada. Esse artista é Boaventura Passos, autor da *Aldeia em Festa*, trabalho ainda inédito por escassez de editores.

O Algarve tem ali o seu mais completo prosador.

É pena que as contingências da vida não permitam o desabrochar completo do seu temperamento e o estudo necessário a toda a obra sólida.

¿Quem é que formou este artista que nasceu espontaneamente como as florinhas da serra? A Paisagem! A Paisagem que lhe acordou a sensibilidade fina—

Como a urze das suas serranias,
Poeta aqui nasci sem que o soubesse...

escreveu num belo soneto Bernardo de Passos, irmão do prosador.

De facto, o panorama não é de acordar pintores: é de acordar Poetas, contemplativos, devaneando em amores de fantasia e adorando de cabeça descoberta o sol.

Na verdade distingue-se entre qualquer outra a população de San-Brás, notável pelo amor à sua terra (onde a propriedade é adquirida

quasi a palmos), pela energia que põe no trabalho, pela sua grande tendência para o comércio, revelando sob certos pontos-de-vista, é inegável, vincadas semelhanças judaicas.

Onde há transacções comerciais, campo de luta para o trabalho, lá está o sambrasense, — na província, em Lisboa, na Inglaterra, na América, no Brasil, na África, passando muitas vezes privações para ao cabo de anos comprar a péso de oiro qualquer bocado de terreno na sua antiga aldeia. A propriedade está assim relalhada, dividida. Os arredores de San-Brás estão todos cultivados; e como a serra é rica de pedra, arrancam a pedra, a marrão, com barras, a dinamite, como calha, gastando o que gastarem, só para terem alguns metros de terra de sementeira com o mesmo dinheiro com que noutra parte comprariam um pomar.

Este carácter voluntarioso que não conhece obstáculos é um grande exemplo de tenacidade. O que choca é que esta tenacidade na região apenas se aplique à terra, e não se delenha nas indústrias, levantando grandes empresas.

É que o sambrasense é muito egoísta, e se vê o vizinho construir uma fábrica, logo ele constrói a sua, de forma que tudo se fracciona, divide, subdivide.



SAN-BRÁS DE ALPORTEL — Elegantes da localidade, no terraço da sua habitação, posando para a "Alma Nova".
(Fot. do sr. José Pereira)

Teem impulsos, mas não teem continuidade. Sem estradas capazes, sem caminho de ferro, esquecidos entre uma roda de montes, os sam-brasenses apenas sonham com o estrangeiro onde o trabalho se aluga, e lagares de azeite, noras, azenhas, processos de cultura, são ainda os dos primitivos tempos dos avós moiros.

Indolentes é que eles não são, ao contrário do que se dá no litoral, mas o seu trabalho acobru-nhante muitas vezes se limita a uma quixotesca luta com os barrocaes para os libertar das pedras, e o chão sorve de cada aurora a cada triste sol-pôsto vigorosas energias que noutras formas de actividade teriam uma compensação prodigiosa.

Ainda sob este aspecto é a Paisagem a grande embruxadora.

O cavador, o pequeno proprietário, o industrial reduzido, não podem separar-se dela por longo tempo. É ela em troca dá-lhes sonhos impossíveis como todos os sonhos, e eis que cada filho dessa terra de trabalho, ainda o mais judaico, é um doce contemplativo. Andem eles por onde andarem, leve-os perto ou leve-os longe a sua ânsia de aventura, é aqui que virão passar as horas derradeiras.

San-Brás de Alportel, quando aldeia, já foi a terra do Algarve que mais estudantes deu para os Liceus e Cursos Superiores. Hoje não sei. Isto demonstra uma séria vontade de progredir. Mas não progride!

As estradas continuam intransitáveis, não se fizeram os eléctricos, não se faz o caminho de ferro... Isto é que a mata! Nada se combina para a valorizar, desde o momento que se precise da política. Só na política é que reconheço



SAN-BRÁS DE ALPORTEL — Aspecto da vila

(Fot. do Sr. José Pontes)

aos meus confratãos uma indolência brahma-nica: não se organizam, não pedem, não instam, não fazem valer os seus votos, estiolam-se em lutas acerca duma pobre Câmara, e deixam aos senhores deputados o orgulho de os representar sem a menor preocupação com o seu bem-estar.

Verdade seja dita, esta é a pecha de todo o Algarve, provincia abandonada, escurraçada dos ministérios, embalada numa politica musical que a delicia e a vai empobrecendo em

beneficio de outras regiões que não trabalham e só folgam.

O regionalismo algarvio é uma doce balada, como a do Rei de Tule, — é feita rica deitada ao mar. Fica em palavras, em jogo celestial de hipérboles.

Se não, digam-me os meus comprouvianos, onde está a associação, o núcleo, o grupo, o jornal, que nos apareça com um carácter colectivo e representando a força colectiva... Durante uns anos o Algarve devia, antes de qualquer outra, de fazer a sua politica, sem distinção de cores.

Assim existia o regionalismo consciente e são, que só poderia ser útil ao país dentro do seu pessoalismo.

Doutra forma, os rouxinóis continuarão a cantar nos freixos que deveriam cortar as linhas férreas, as rãs a coaxar nos charcos dos barrancos que outrora foram estradas, e a pobre provincia do sul que engorda a «coisa publica» cada vez mais magra, trabalhadora e expoliada.

JOSÉ DIAS SANCHO.

UMA CARTA DO FALECIDO POETA MÁRIO RAMOS • • • SOBRE SAN-BRÁS DE ALPORTEL • • •

San-Brás de Alportel, 27-4-1910.

Meu querido João:

ESTOU em San-Brás. Todo o desequilíbrio de uma mocidade franca, todo o desprazo pelos arranjos da vida, toda a insua pelo necessário, todo o desamor e desprazo pelo caminho burguês, ali estão confididos nessa frase.

Estou morto e estou só.

Nem uma pétala desses flores que estivei na vida, nem uma das mãos arrastadas. Frio e só.

Quando olho pelo meu céu abalo, ponho-me na ciência de que me ergueram um portão... cujo caracol...

Morto com uma espécie de amizade ao alma; da moral indefinida; tristeza vaga que o coração não me explica. E souto muito.

Que tempo arrastarei ainda o meu pesar é que não sei. Muito tenho passado; sinal de que o meu fim se aproxima. Vinte anos levei a caminhar o círculo pedregoso da minha vida. — Vinte anos só? e tantos! Dessa área que eu vi enlameada pela minha insperpetua de criança; de todo esse estranho engano e espanto; de toda essa harmonia delectosa; desse brilho todo, e de tanta luz, restam-me três palmos de terra, onde eu cultivo as rosas, que hei-de legar áquelas que me estimaram.

Tenho um sinal novo que é tua.

Mas... um adeus... outra conversa.

Espero-te num dia de Maio com o desejo que deves supor.

Tua boa Senhora, calçada, não faltará ao prometido.

Um pequeno aparte, João: — Se os meus amigos quiserem vir não os insepna; não sendo eles da ideia obscuras não os convidando.

«A razão d'isto é ter muito poucas roças o meu caminho».

Agora tu vem, que sabes quanto eu te estimo.

Vem, que isto é tudo.

A impotência ignora a delenda. A insensibilidade da perspectiva sublesta-se com a doçura das chéras.

Cérra, insonsa, encadeada em circumferência, formam no centro uma planície toda verde, toda, argentea. Deles montes ali quasi acima, sobem minchas esverdeadas de arvoredo em flor, semelhante pedregais de canavieiras. Aqui e ali, um horizonte largo, centenas de casinhas muito brancas, lembram uma casa de mal-me-querer. E tudo, a variedade dos tons, a destacar na geografia da disposição dos montes, lembra a coroa d'algum rei extraordinário.

Eu é que não vi nada mais lindo.

! E que boa gente! Não há precisão desde que a vizinhança saiba o que nos falta. E é todo o dia: — quando tome lá este molinho de azeite para o seu menino... E logo: — vizinho, gosto de grãos? eu trago-lhe aqui uma marmita, mas queira desculpar, são muito minúsculos... queira desculpar...

E são azeitonas, figos, amêndoas, alfaces, o coração, a alma, tudo, que esta gente dá a vir e a pedir desculpa.

! Que bela gente!

A destacar desta população simples e dadeira, há um curioso exemplar de personagem. Fino e magro na escassa dos seus recursos, sobe histórias morais que aplica a tempo, reservando para si o direito de não acreditar em coisa que não percebe. Neste ponto... Diz que se não deve comer bolotas, porque se criam debaixo da terra. En compensação e reafirmação a alma, — visto a vida nascer à luz — emborça todos os copos que os vizinhos lhe propõem. Depois de bebado faz rir. Por estralho chama compadre até ao lago (tem a observação de já ter baptizado onze filhos), e pelo mínimo gesto pede mil perdões e mil desculpas. O amigo Menezes chama-lhe filósofo. Eu chamo-lhe José Arrojo, que é o nome dele.

Se tivesse de criá-lo para-lhe Nicola.

Pois é este Nicola o meu único compenheiro.

Quando me não aborrece faz-me rir. Mas há que é curioso é. Dava outro João fidalgo se eu tivesse eternamente de costas um barril de carrasco. Outros de nenhuma moda o diário.

Já deve ter-te passado a má impressão do começo desta carta. E ainda bem.

Repara-te, e medita aqui um pouco!

Tu, que estés a lidar a vida, vejo-me rodeado da força geradora da Natureza.

O meu conteúdo é uma flor a abrir-se.

Parece uma flor e é uma flor. É encostado à morte que eu vejo bem o valor da vida. Repara na tua cadaver e lembra-te. Tente-a e vive.

... Adeus João, até breve que espero ver-te.

Põe as minhas lembranças respeitadas aos pés de tua Senhora e recebe um abraço franco do teu

MÁRIO RAMOS.

Dá lembranças ao Colégio.



ARQUITECTURA



O ROMANO-GÓTICO EM PORTUGAL

A CAPELA DE SAN-PEDRO, EM AVÔ

Ao Arquitecto sr. Jorge Segurado

POR uma manhã de Abril, fresca e perfumada, nas minhas férias de Páscoa, fui outra vez àquela meiga capela.

Em todo o mês de Setembro visitei-a inúmeras vezes, e todas as que o meu deambular me levava para os lados de Avô, por a região do granito, onde as portas são graciosamente chanfradas e as janelas, de vez em quando, se abrem em sorrisos manuelinos, não podia passar sem, forçando um pouco o caminho, a ir ver e ao seu San-Pedro, que tem o jeito de quem chora.

O céu muito azul, tinha ligeiros farrapos de nuvens brancas. Águas enchiam, com a sua chalrice, o valezinho por onde eu seguia. E como fosse o tempo do esllorar das cerejeiras, perguntava-me qual o noivado, que tinha tantas flores, tão brancas, tão immaculadas!

Na pequena várzea da Foz-da-Moura os meiros cantavam. Um sorriso claro vinha da Senhora-das-Necessidades, no alto do Colurinho.

Rociei de leve a lachada barrôca da igreja de Pomares (1), atravessei a ribeira por uma ponte mansa, e ao seu cabo, uma cruz enorme, rudemente lavrada, abençoou-me paternalmente; na frente um pequeno edículo de alminhas, meio desconjugado, sorria.

Passada ainda mais uma povoação, comecei a subir o caminho torcido, até ao mutilado e trágico cruceiro de Anseris (2).

De longe vinha um espasmo chocolhar de rebanho.

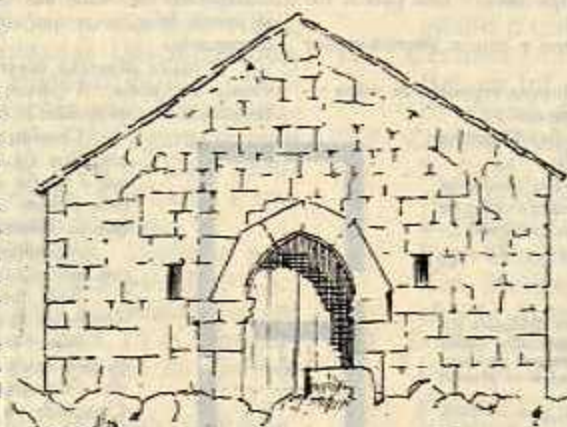
Segui à direita, por todo o viso do monte, entre tristezas de pinhal, paralelamente à ribeira da Moura, e fui dar à familiar capela, ao pé de pacíficas oliveiras, e um canilinho dum largo.

É muito pequena, de pouca altura e grande simplicidade; parece a vovô das capelas que o nosso povo ainda ergue suavemente, à beira dos caminhos e no ocochêgo dos povoados.

Tem uma só nave e correspondente ábside quadrangular, a que nos últimos anos do século passado ou primeiros deste, juntaram, em continuação de seus muros, uma sacristia, que deu à construção aquela forma desgraciada de dois corpos iguais.

Na fachada, olhando o poente, abre-se a porta de um só arco em ogiva. A seus lados há duas frestas pequeninas, a desigual altura do solo, lapidadas inferiormente.

A meio da parede norte está outra porta, com a vênge em semicirculo, e tão exigua que só tem 1,70 de altura.



Avô — Fachada da capela

(Des. de Jorge Segurado, sobre apontamentos do A.)

No topo da nave, ladrilhada de largas pedras de granito e de teto singelamente apainelado e muito baixo, abre-se o arco triunfal, semicircular, bastante largo e com pilastros curtos, pintado actualmente a vermelho.

No altar muito pobre, simples táboas aplainadas e cobertas grosseiramente de linho que está a coir, a imagem de San-Pedro do século XIV, da estatuária medieval coimbrã, estatuária de que tenho encontrado exemplares interessantes, dos quais me occuparei mais tarde.

Não é a representação do Pontífex maximus, que sentado na cadeira gloriosa, a cabeça alta e coroada da fiara, o simbolo do seu poder — a chave — erguido minuciosamente, vai dar a bênção *urbi et orbi*, como no San-Pedro, que o sr. A. Gonçalves publicou na *Estatuária Lapidar*, ou como a que o architecto sr. Jorge Segurado nos mostrará em breve; mas o humilde apóstolo, descalço como na iconografia medieval se representavam os apóstolos, segurando lassoamente o evangelário e a chave, de barba encaracolada e cabelo fazendo coros, o rosto entristecido, quasi num choro. O pecado antigo de negar o Mestre, tortura-o ainda ali, na paz da altura.

Outrora houve mais dois altares na capela, provavelmente um de cada lado do arco cruceiro. Fala nêles o termo da visita da igreja de Avô no ano de 1744, em que se mandavam retirar.

«O m.º R.º Parroco no termo de quinze dias fará dotar os Altares que estão na dita cap.ª, de S. Ildefonso e de N. S.ª da Pied.ª etc.» não estarem crusados, nem haver q.º os orn. e a lancha de S. Ildefonso terá collocar ao Altar do Glorioso S. Pedro (3).

Santo Ildefonso já se não encontra na capela. Procurei-o inutilmente por Avô e pela vizinha Anseris, e todos a quem me dirigi desconheciam tal imagem. Em 1775 ainda ali se encontrava, porque na visita desse ano, em virtude do estado da capela, eram mandados retirar os santos para a igreja paroquial. Desappareceu porventura quando do maior abandono daquela.

A Senhora da Piedade não seria mais que alguma gravura, e por isso o visitador não faz a seu respeito recomendação nenhuma.

Iluminando o altar, há do lado da Epistola uma pequena fresta horizontal, a única que agora, depois do tapamento inferior das de poente, ilumina a capela; mas abertas as portas, a luz e ar lavado da serra inundam-na; pois se ela é tão pequenina!

Ainda do mesmo lado do altar abre-se a porta para a sacristia, que, como a outra que faz a comunicação desta com o exterior, foi feita à imitação da lateral da nave, e para cuja abertura desmancharam quasi metade da parede do fundo da ábside (4).

Quando da construção daquela dependência, alteraram todo o corpo de capela cerca de meio metro, o que nitidamente se conhece pela diversidade de silharia.

As paredes de granito só exteriormente são revestidas de silhates em fiadas horizontais irregulares.

A ornamentação é nula. Somente as arestas das portas e arco triumphal são chanfradas, sendo os chanfros no arco cruceiro côncavos. As impostas d'este e da porta poente tem simples molduras.

(1) O edificio actual foi começado a construir em 1691, como o attesta a data gravada na frontaria, junto à porta, e o assento de obito de 7 de Dezembro de 1691, que diz: «... está sepultado no adro da igreja velha e que vem a ficar dentro de nove annos na parte direita». Em 21 de Dezembro do mesmo anno já se encontra: «... esta sepultura dentro da igreja nova». (Tombo 2.º do Registo paroquial de Pomares, no Cartório do Seminário de Coimbra).

Por os assentos de obito de algumas freguesias, podem-se reconstituir antigas igrejas e mesmo localizar o seu mobiliário; porém, com Pomares não se dá bem isso. Por elles somente se pode dizer que era dum só nave (a actual tem três, do que apparece menção logo nos assentos de 1691), uma ábside, tendo uma porta ao norte e outra ao occidente com um apêndice sufficientemente espaçoso para lá se abrirem sepulturas.

Dessa antiga igreja resta unicamente uma arcada arredonda na sacristia, em cujo proechamento se abre a porta que faz a comunicação desta com a capela. As arestas das pilstras e do arco são chanfradas, e sob as impostas há uma roseta seifolia e outra quinquifolia.

(2) Nos quatro lados da base o castro insculpiu os symbolos da Paixão, e num gracioso regionalismo, em lugar dos dados tradicionais, pôs uma cruz ptoera.

Foi junto a este cruceiro que a quadrilha de João Brandão, para se livrar das justas de Argenteil, veio simular a morte do Ferreira, dando uma descarga ao seu côdver. Vid. Joaquim Martins de Carvalho — Os Assassinos da Beira. Coimbra, 1890, pag. 10.

(3) Livro das Visões, fl. 73 v.º — Arquivo da Irmandade do SS.º de Avô.

(4) Em Avô, por influencias vizinhas erodidas, pretende-se, nas modificações de algumas capelas, imitar o estilo da sua construção: além de San-Pedro, na do Alentejo alteram umas lachivas portas com arcos pseudo-ogivaes, muito interessantes...

Não há um florido capitel, cachorros ornados (o friso assenda directamente sobre as paredes), singelas cruzes a bronzá-la, nem até na empêna da frontaria se levanta airoso uma sineira. É rade e austera como convém a uma serrania que vive isolada, fora dos caminhos onde passa o viver quotidiano, sem alhos lindos que a namorem.

A sua história...

Não sei que mãos piedosas e fizeram erguer.

Os documentos que pude encontrar são somente do século XVII por cá, desde o começo da sua má ventura.

O tombo velho da igreja paroquial, que ainda pelos meados do século XIX serviu para derimar a questão da sua posse entre Avô e Anseris, como mais adiante direi, desapareceu.

Do tempo em que ela foi acarinhada pelos povos em volta, das antigas romagens litúrgicas, restam somente leves indicações nos documentos encontrados, a tradição no povo, e a visita actual das freguesias de Avô e Pomares, pelas ladainhas menores nos três dias anteriores à quinta-feira da Ascensão, e no dia do Apóstolo, em que, no largo onde se fez outrora uma pequenina feira, se baila no pó e no calor de Junho.

Das Ladainhas

Dezêito freguesias, no dizer de testemunhas coevas, com estremada devoção, como diz um vislador, com a sua cruz e o seu clero, na quinta-feira depois do domingo de Páscoa, vinham terminar aqui a melopéia queivosa das Ladainhas (1).

Eram as de ao pé — Avô, Anseris, Pomares, Feira, Alvoco... as de mais longe — Midões, Seivo do Ervedal... e outras, até dezêito (2).

Não se sabe quando começaram a vir. Um velhinho que encontrei em frente da capela, e que, encostado ao seu cajado, me contou a história daquela velhita, como a ouvira, criança, à lareira, disse-me que nem as antigas (o velhinho antigo!) o sabiam dizer. Já em 1758 o vigário de Avô, Caetano de Sousa, dizia que vinham por costume antigo que excede a memória (3).

O mesmo se dá com o motivo que levou no mesmo impulso de fé, as dezêito freguesias para a capela.

Ouvi algumas vezes, por aquela região, a lenda que se conta como tendo dado origem às procissões, e que no fundo talvez contenha alguma verdade.

Havia sete anos (todos dizem sete, até a um rúr de léguas, no Seixo) que o céu tinha aquela câr baça e nuvens preches o não manchavam, uma gota de água não caía.

Nas ribeiras fundas, cheias de lés-a-lés nos anos abençoados, mal passava entre rochedos, brancos como ossadas, um silencioso fio de água. A' sua beira havia muito que os moínhos não cantavam as suas canções do milho humilde, do trigo loiro. Mas nem lampouco nos outeiros aspas brancas rodavam ao vento. As searas mal tinham erguido nos primeiros anos as espigas prometedoras já um sol maldito as queimava. E que pois se havia de deitar nas moegas?

Uma esperança nova vinha com o inverno e com o inverno sempre se ia.

E a terra desolada era uma floresta de braços erguidos, de mãos erguidas; as igrejas estavam cheias; mães choravam.

E foi de ver como se lembraram de ir ao San-Pedrinho com as invocações litúrgicas das Ladainhas (4).

Veze e veze pelos caminhos empoeirados passaram lentas e doridas as multidoes para a capela; veze e veze na pequena neve os sacerdotes enfiaram: *Ut nobis indulgeas... Ut fructus terrae dare et conservare digneris...* Ut con-

gruentem pluviam fidelibus tuis concedere digneris... e vozes geraram — te rogamos audi nos.

Crianças choravam pedindo o peito, mas para que a sua dor também comovesse Deus, só completas as preces, as mães lho davam, — disse-me o velhinho.

E o Senhor, pela intercessão do Apóstolo, ouviu-os: as primeiras águas caíram, e vieram outras, e mais e mais...

Aquelas freguesias continuaram a ir agradecidas a San-Pedro, que talvez ficasse desde aí, com aquele jeito de quem chora.

Quer esta lenda tenha algum fundo de verdade ou não, parece-me certo que estas ladainhas tiveram principio nalguma calamidade pública, e foram continuadas por voto que se fez.

Como é sabido, as fomes e pestes que por vezes invadiram o nosso país, provocaram da parte do povo, das câmaras, das collegiões, procissões penitenciais, e não raro se lhes juntava o voto de as repetir anualmente.

Estas a San-Pedro, pôsto que próximas das Ladainhas maiores ou de San-Marcos, são-lhes distintas; as de San-Marcos tem o seu dia fixo — 25 de Abril, dia em que já no século IV, em Roma, havia súplicas especiais; distintas também das Ladainhas menores, que desde o século V antecederam a festa da Ascensão (5).

As de San-Pedro realizavam-se na quinta-feira depois do domingo de Páscoa, como o dizem testemunhas, já atrás citadas, que as viram desenrolar, que muito provavelmente tomaram parte nelas.

Não eram, indubitavelmente, por isso, deslocação do dia daquelas outras, deslocação impossível de se admitir se elendemos que eram dezêito freguesias que deveriam ser concordes nisso; como impossível de admitir é, que só para satisfazer ao carácter processional e estacional das Rogações se viesse de tão longe, como do Seixo-do-Ervedal, onde perdura a sua lembrança.

Tiveram, pois, principio nalgum facto que documentalmente não sei qual fosse: talvez o da falta de chuvas por algum tempo, como diz a tradição.

A existência dum voto é certo. O já citado vigário de Avô, Caetano de Sousa, em 1758, refere-se-lhe, dizendo que o Prelado conimbricense o comutara e algumas das freguesias mais distantes; mas não acrescenta a causa por que foi feito, nem lampouco diz quais fossem.

Aquela comutação foi o primeiro passo na decadência das ladainhas, que a falta de documentos não nos deixa acompanhar.

Em 1775 há uma nova referência.

O vislador no arcediagado de Seia, a 11 de Novembro daquele ano, ordenando reparações na capela que estava bastante arruinada, como se verá adiante, diz:

«Consta-me q a capella de San Pedro de entre as moulas desta freguesia he muito antiga, e a ella concorrem com estremada devoção os povos destas vesinhanças e indo muitos delles com sua cruz em procissão a dita capella repellidos vezes no ano» (6).

Não obstante aqui haver uma certa confusão com as ladainhas das sextas-feiras de Maio, das freguesias de Avô, Pomares e Anseris, de que já vamos falar, vê-se que então ainda sem bastantes, talvez todas as não dispensadas.

A maior desercção deveria começar depois desta data, em virtude do estado da capela. A parede norte encontrava-se arruinada, bem como o telhado, e não se podiam lá celebrar os actos do culto.

Quando viesse o ano de 1815, em que o vislador a interdito (já o anterior citado, o de 1775, tinha declarado que o ficaria se, passados dois meses, não fosse composta), bem poucos seriam os freguesias, se ainda algumas eram, que lá fossem; e depois deste ano o abandono foi total.

Abandonado causado não somente pelo seu estado material, mas ainda mais pela censura imposta.

Avô, quer-me parecer, já há tempo que não ia a San-Pedro na quinta-feira da semana pascal.

Nun livro do arquivo daquela igreja — *Titulo das obrigações assim do Parroco, Beneficiados, Thizeiro, como dos Parroquianos: e das uzos, e costumes desta lgr. e Catequiza da Villa de Avô*, escrito em 1817, não encontrei referência a estas ladainhas, não obstante no capitulo *Lembranças dos uzos e costumes desta lgr. pelos mezes do ano — Maio*, falar dos pontos terminis das procissões das ladainhas menores, sendo um delas San-Pedro, na terça-feira, pelos seguintes termos:

«Nas Ladainhas geraes vão na segunda fr. a Sr.ª do Mosteiro, na terça a S. Pedro, e na quarta ao Altar do Apostolo S. Thiago na capella do Mosteiro, onde se dizem as preces.

«Adverte-se que a capella de S. Pedro está arruinada, e suspensa, e p. este impedimento sesses dias que era costume ir a S. Pedro, se vai á Capella de N. S. dos Ajoos» (7).

(Continúa).

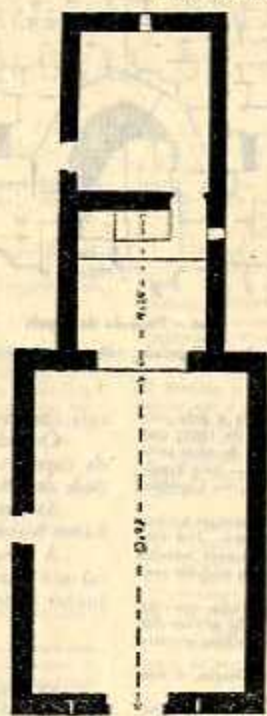
NOGUEIRA GONÇALVES.

(1) Morier, *Le Liturgie Dominicaine*, Desclee, s. d., vol. v, pgs. 167 e 168.

(2) *Libro das Visites*, fl. 32, v.º — Arquivo da Irmandade do SS.ª de Avô.

(3) Não posso afirmar com certeza que todo o livro seja escrito em 1817, mas o que não data daquele ano pouco posterior será.

Dada a sua importância, resolvi em Setembro, vê-la cuidadosamente quando me fosse possível fazê-la com mais rigor; o que ainda me não foi possível.



Planta da capela

(1) As Notícias das Igrejas do Bispado de Coimbra (Biblioteca Nacional de Lisboa) a fl. 238 do tomo II, dizem: «Ha mais outra capella de San Pedro na mesma distancia a que por antigo voto san obrigadas a vir como de presente vem a romaria dezêito freguezias na primeira quinta fr.ª depois da Paschoa».

No relatório do vigário de Avô, Caetano de Sousa, para as Memórias Paroquiais de 1758, vem o mesmo número.

Para não esquecer o pouco dessas coisas que se refere á capella de San-Pedro, transcrevo integralmente:

«Foi desta villa quasi huz quarto de legoa se vestera em sua capella o principe dos Apostolos o Senhor San Pedro atbasse esta fundação em lugar alto, espacoso, que se lhe descorria largas distancias, he huz das mais antigas e frequentada Romaria porque todos as sextas feiras de Mayo vem a ella em procissão as cruces desta villa Pomares e Anseris, e por costume antigo, que excede a memória, na primeira quinta feira depois de domingo de Paschoa se ajustavam naquella capella dezêito freguezias em procissão, e como succedem algunos desordens por virem de duas e tres leguas de distancia o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Conde deste Bispado comtornou-lhe o voto a algumas das mais distantes e em esse dia ao mesmo sítio se fêz huz pequena feira, franca».

Memórias Paroquiais de 1758 — T. v, fl. 930. Torre-do-Torbo: Devo a cópia destes dois documentos ao distinto architecto, sr. Jorge Segurado, a quem apresento os meus agradecimentos.

(2) Os seus nomes vão-se perdendo na tradição, donde só pude colher aquelles.

(3) Nun há pouco citadas Memórias Paroquiais, loc. cit.

(4) O culto daquele santo tem fundas raizes na alma do nosso povo.

Em Portugal são numerosas as capellas e igrejas que lhe são dedicadas. Quando percorri, na Cmara Ecclesiastica de Coimbra, os livros de registo de licenças para bñções de capellas, encontrei inúmeras da sua invocação, e dela são também dois dos nossos mais velhos santuários — Bebenço e Lourosa.

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra

pelo Tenente JOSÉ BRANDÃO

1.ª PARTE.—OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS.—TÍTULO I.—LIVROS (PROSA)

ADENDA

- 162 **Amado (Fernando)** — «O nosso lugar. Conferência» — folh. 51 p., (0,090×0,145), Tip. da Livraria Ferin, Lisboa, 1922.
- 163 **Andrade Gomes** — «O Amor e a Guerra» — Contos, 71 p., c. il. por Alberto Sousa e vinhetas de Sousa Gomes, Livraria Portugal, Lisboa, 1924.
- 164 **Antunes (Nuno Alvaro Brandão)** — (Capitão de Artilharia do 2.º G. B. A. do C. E. P.) — «Portugal na Grande Guerra. O 9 de Abril de 1918 e o Marechal Hindemburgo» — 116 p., (0,110×0,171), com retrato do Autor, Centro Tipográfico Colonial, Lisboa, 1924. Edição da Livraria Rodrigues, Lisboa. (Contém: uma narrativa do combate, a carta escrita pelo Autor ao Marechal Hindemburgo, a resposta deste (zincogravura), respectivas traduções e várias cartas de individualidades militares apreciando esse facto).
O envio da carta do Cap. Antunes ao Marechal Hindemburgo representa um belo gesto de altiva e nobilíssima dignidade patriótica. Por tal foi, muito justamente, o Cap. Antunes louvado e condecorado com a Medalha Militar de Bons Serviços (O. E. n.º 3, 2.ª série, de 14-3-925, pág. 107). A carta autógrafa do Marechal Hindemburgo será pelo Cap. Antunes entregue ao Ministro da Guerra no próximo dia 9 de Abril, junto do túmulo dos Soldados Desconhecidos, com destino ao Arquivo Histórico Militar. Dessa carta foram feitas traduções para francês, italiano e inglês, em pergaminho, que figurarão num quadro (custeado, conforme ideia do Cap. Antunes, pelos oficiais da arma de Artilharia) e que será exposto junto ao mesmo túmulo.
- 165 **«Aquisição de navios alemães.** Discurso proferido na Câmara dos Deputados pelo Ex.º Sr. Dr. Afonso Costa, Presidente do Ministério, em 25 de Fevereiro de 1916» — folh. 15 p., Imprensa Nacional, Lisboa, 1916. Edição do Grémio José Estêvão.
- 166 **Assis Gonçalves (Horácio)** — «Chama da Pátria. Esforço de Portugal na Grande Guerra». Sub-título: «Homenagem da Quinta Divisão do Exército aos Desconhecidos Heróis de Portugal na Grande Guerra da África e da Flandres. A batalha do Lys. Provas da valentia do Exército Português. O monumento de Santa Maria da Vitória. Para a história do lampadário Chama da Pátria» — folh. 47 p., il. com 2 fotografias do lampadário «Chama da Pátria» e 1 do mosteiro da Batalha, (0,083×0,155), Tip. da Gráfica Conimbricense Lim.ª, Coimbra, 1924. Edição do Autor. Separata do «Correio de Coimbra».
- 167 **Brás de Oliveira (João)** — (Major de Artilharia, do 5.º G. B. A. do C. E. P.) — «O Exército Português em a Grande Guerra. Scenas e factos» — 74 p., (0,104×0,178), Tip. da Empresa do «Diário de Notícias», Lisboa, 1924. Edição do Autor. Com uma carta-prefácio do General João Jallis. (Compilação de artigos publicados na Revista Militar).
- 168 **«Campanha do Sul de Angola em 1915.** Relatório do General Pereira de Eça» — 697 p., il. com numerosos mapas e gráficos das operações, (0,090×0,166), Imprensa Nacional, Lisboa, 1923. (Publicação oficial).
- 169 **Campos (Agostinho de)** — «Comentário leve da Grande Guerra — IV — Latinos e germanos» — 317 p., c. il., (0,074×0,126), Tip. da Empresa «Diário de Notícias», Lisboa, 1923. 79 crónicas.
- 170 **Carvalho (Vasco de)** — (Major de Estado Maior, Sub-Chefe de Estado Maior da 2.ª Divisão do C. E. P.) — «A 2.ª Divisão Portuguesa na Batalha do Lys (9 de Abril de 1918)» — 414 p., (0,091×0,153), c. il., il. com fotografias de oficiais, desenhos e cartas do sector português. Com um prefácio do General Fernando Tamagnini, Comandante do C. E. P. Tip. Lusitânia, Lisboa, 1924. Edição da Lusitânia Editora, Lisboa.
(Nos 10 capítulos desta obra é feita a história do «9 de Abril», seus antecedentes e causas, segundo o critério do Autor).
- 171 **Cértima (António de)** — (2.º sargento miliciano do Bat. de Inf. 28) — «A epopeia maldita. O drama da guerra de África».
- 172 **Coelho (Manuel Benjamim Rodrigues)** — (Cap. do S. A. M., do Bat. de Inf. 12 do C. E. P.) — «Horas de Guerra. Memórias de um Miliciano» — 174 p., c. il. por J. R. Vieira, il. com fotografias, desenhos e um croquis, (0,092×0,144), Tip. Mondego, Fornos-de-Algodres, 1924. Edição do Autor. 12 capítulos; prefácio do Autor.
- 173 **Costa Cabral (César Amadeu da)** — (Capitão de Bat. de Inf. 13 do C. E. P.) — «Aleluia Portuguesa!» — folh. 8 p., (0,095×0,155), Tipografia Viseense, Viseu, 1921. Edição do Autor. (Alocução proferida na sessão solene realizada no Liceu Alves Martins em homenagem aos Heróis Desconhecidos da Grande Guerra — Abril de 1921).
- 174 **Falcão (Garibaldi)** — «História ilustrada da Grande Guerra» — Impr. de Manuel Lucas Tórreres, Lisboa, 1915. Edição de Guimarães & C.ª, Lisboa. (20 volumes).
- 175 **Ferreira (Carlos)** — (Agente comercial de Portugal em Bruxelas) — «Os alemães na Bélgica. A inviolabilidade e neutralidade da Bélgica e o direito das gentes perante a Convenção da Haya ou os crimes da Alemanha na Bélgica» — 216 p., (0,090×0,160), Guimarães & C.ª, Lisboa. Com uma carta do Ministro da Bélgica em Lisboa.

- 176 **Magalhães Lima** (Sebastião)—«Páginas da Guerra. Terras santas da liberdade. França imortal. Portugal heróico»—folh. 72 p., Soc. Tip. Editora, Lisboa, 1917. (Conferências realizadas no Teatro de San-Carlos e Ateneu Comercial de Lisboa e Teatro Águia de Ouro e Societé Amicale Franco-Portugaise do Porto).
- 177 **Mamede** (Jorge Pais d'Oliveira)—«Coronel de Infantaria, Comandante do Bat. de Inf. 35 do C. E. P.»—«O Rato Cinzento. Contos e episódios da Grande Guerra»—337 p., (0,078×0,130), Tip. da Coimbra-Editora, Coimbra, 1925. Edição da Coimbra-Editora. Com uma carta-prefácio do Autor. (Contém 28 narrativas de guerra, 2 alocações e 1 capítulo: Em tempo de paz).
- 178 **Meyer** (Paulo)—«O conflito das nações e a Paz Universal»—folh. 32 p., il., c. il., Sociedade Internacional de Tratados, Lisboa, 1920. (Tem 5.ª edição, 1923).
- 179 **Noronha** (Eduardo de)—(Tenente-Coronel do Corpo de Estado Maior)—«O vulcão da Europa. O Attila moderno. (História, compilação e narrativa dos acontecimentos da actual conflagração europeia, contendo grande cópia de gravuras)»—425 p., c. il., il. com numerosas gravuras de scenas e individualidades da guerra, Tipogr. da Empresa Literária e Tipográfica, Porto, 1915. Edição da Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, Lisboa. Com prefácio (Explicação) do Autor. (Contém 18 capítulos).
- 180 «**Para a história do Corpo Expedicionário Português.** Transcrição do diário lisbonense «O Mundo», de 9 de Fevereiro de 1914»—folh. 32 p., 8.º, c. il., Macau, 1924.
- 181 **Pimenta** (Alfredo)—«A significação filosófica da Guerra Europeia. O imperialismo contemporâneo»—folh. 63 p., (0,085×0,140), Tip. da Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1915. Edição da mesma Parceria. Com Prefácio do Autor e um Apêndice. (Conferências realizadas na Liga Naval Portuguesa, em 20 de Março e 1 de Maio de 1915).
- 182 **Pires** (António José)—(Cap. de Inf.ª, expedicionário a Moçambique)—«A Grande Guerra em Moçambique»—(Sub-título: «Publicação ilustrada, comemorativa do 6.º Aniversário do Armistício. Colaboração de alguns combatentes»)—folh. 84 p. e 2 s. n., c. il., il. com retratos de oficiais expedicionários e 1 carta, (0,082×0,132), Tip. da Comp.ª Port.ª Editora, Porto, s. d. (1924). Edição do Autor.
- (Além do Autor, colaboram neste livro: Cap. David Magno, Major Francisco Pedro Curado, Cap. Fernando Moreira de Sá e Dr. João Rodrigues Baptista, Promotor do T. M. T.)
- 183 **Ribeiro de Carvalho**—«Maldita seja a Guerra...»—folh. 29 p., (0,085×0,115), c. il. por Alberto de Lacerda, Tipografia Americana, Lisboa, s. d. (1925). (É o vol. n.º 11 da colecção «Novela Contemporânea» dirigida e editada por Jaime Lança. Contém 3 contos inéditos extraídos do livro com este título prestes a publicar-se).
- Estes 3 contos, ora apresentados como... amostra, são a coisa mais derrotista e anti-patriótica que conheço escrito à sombra da Grande Guerra.
- 184 **Saguer** (Teófilo)—«Falemos da Guerra (Estudo crítico)»—folh. 61 p., (0,078×0,107), Lisboa, 1920. Prefácio do Dr. Santos Gil.
- 185 **Sartori** (pseud.)—«Na Batalha do Lys. A visão do soldado. (Oferecido à Cruz Vermelha)»—folh. 4 p., s. l., s. d. No fim: 9 de Abril de 1921. (Extrato de uma obra em preparação no género «Short-Stories»).
- 186 **Sousa** (Fernando de)—«A Grande Guerra (Aspectos cristãos e patrióticos)»—335 p. e 1 s. n., Tip. do Anuário Comercial, Lisboa, 1918.
- 187 **Vieira** (Alzira)—«A missão da Mulher na hora presente»—folh. 16 p. e 1 s. n., (0,098×0,166), Minerva da Papelaria Tavares, Viseu, 1917. Edição da Cruzada das Mulheres Portuguesas (Sub-comissão de Tondela). (Contém: Alocução proferida em 30 de Abril de 1916, na Câmara Municipal de Tondela e Discurso proferido em 6 de Janeiro de 1917, na sessão solene em honra dos mobilizados do concelho de Tondela).
- O produto líquido da venda destina-se à Sub-comissão de Tondela da C. M. P.

ANEXO A

- 188 **Conte de Penha Garcia**—«La Patrie Portugaise»—folh. 44 p., (0,081×0,142), Imprimerie Atar, Genève, s. d. (1917).
- (Conferência feita em Lausanne, em 12 de Maio de 1917, numa festa organizada pelo «Comité de Secours aux Militaires et Civils Portugais prisonniers de guerre»).

(Continua)

JOSÉ BRANDÃO.

LITERATURA ESPANHOLA

FRANCISCO CAMBA

O renascimento da literatura galega iniciado no fim do século XIX pelas excelsas figuras de Rosália de Castro, Emilia Pardo Bazán e Curros Enríquez, vinco-se hoje com expressivos caracteres. Existe um grupo de escritores bem definidos, cada um com o seu estilo peculiar, com uma visão muito pessoal da vida e dos homens, mas ligados todos eles por uma comunidade de ideais de raça que é fácil distinguir. Dizia Pelunzilla: «lo que dá mayor vitalidad á España es esta aportación libre, independente del espíritu de sus regiones, el poder afirmativo que emana toda a obra enraizada á los temas del suelo natal y que eleva sus propositos hacia el cielo de onde recibiera la primera luz su autor». Neste sentido de afirmação espiritual e estético a Galicia é uma das regiões mais fecundas; os seus artistas, os seus escritores, vivem emoções profundas, como disse Miguel Cardí.

Francisco Camba é um dos mais afirmativos escritores galegos. Em Buenos-Ayres publica o seu primeiro livro *Os netos de Icaro*. De regresso, publica em Espanha o *Amigo Chitrel*, novela de piedosa ironia, de melancólico sensualismo, duma saúdosa reminiscência das grandes criações naturalistas. Publica depois *La Revolución*, que recebeu o prémio da Real Academia Española. A propósito desta obra diz Filipe Merron: «... Es un libro extraño, pintoresco, de una amenidad funambulesca...» Publicou ainda *El vellocino de plata*, *El enigma*, *La noche mil y dos* e *El pecado de Jesus*—novela que sob uma aparente vulgaridade encobre um alto idealismo.

JORGE RAMOS.

PELAS BEIRAS

::: ARGANIL :::

CONTINUANDO no nosso propósito de tornarmos conhecidas todas as terras e povoações de Portugal, tem hoje lugar a importante vila de Arganil.

Situada no distrito de Coimbra, a 60 quilómetros desta linda cidade, fica entre os concelhos de Louzã, Penacova, Tábua, Oliveira-do-Hospital, Góis e Pampilhosa. Em extensão, é uma das maiores do distrito, sendo atravessada pela serra do Agor, contraforte da Serra-da-Estrêla.

Numerosas ribeiras, tributárias do rio Alva, que é a artéria hidrográfica principal do concelho, constituem o sistema de irrigação do mesmo.

Arganil foi fundada pelos romanos, sob a designação de «Cidade dos Argos», tendo recebido foral, passando mais tarde para a Sé de Coimbra.

Data do tempo de D. Afonso V o título de «Conde de Arganil», então concedido ao bispo de Coimbra, D. João Galvão, como prêmio dos serviços prestados na jornada de África, a Arzila e Tânger.

No século XI ali residiu San-Goldrof (mais tarde prior), no Instituto dos Cônegos Regulares do mosteiro de San-Pedro de Arganil.

Em 1058, Bernardo Pais e sua mulher doaram as suas propriedades ao Santo Varão, e pouco depois o conde D. Henrique e sua esposa D. Teresa tornaram o Prior e o Mosteiro senhores desta vila.

Diz-se que o Bispo de Coimbra, D. Miguel, atacado de sezões, se salvou postrando-se ante a sepultura do Santo Goldrof, que foi canonizado no ano 70 do século XII.

Em 1834 deixou de existir a colegiada que ali havia.

Arganil foi teatro de guerra, quando da terceira invasão francesa, comandada por Massena, tendo-se os seus soldados batido heróicamente, com os de Trancoso e Almeida, contra o invasor. Esta vila também foi teatro da luta travada entre os Marçais e os Brandões.

Em Arganil foi educado Júlio Gomes da Silva Sanches, homem notável, que foi presidente da Câmara dos Deputados, ministro e secretário de Estado, e que veio para esta vila com 6 anos de idade e nela exerceu a advocacia.

Foi ainda em Pombeiro, neste concelho, que se educou o grande estadista José Dias Ferreira, um dos grandes juristas portugueses, que foi Deputado e presidente do conselho de ministros e que a Arganil prestou relevantes serviços.

Porém Arganil deve muito, especialmente, a D. Maria Isabel de Melo F. Bulhões, condessa de Canas, que descendia da família dos Melos, originária desta vila. A condessa de

Canas residia em Coimbra na conhecida Quinta da Lapa dos Esteios e por sua morte legou à sua vila natal o seu palácio em Arganil, onde foi então edificado o Hospital e a Misericórdia, o primeiro dos quais tem uma mata anexa.

A população desta vila soube bem agradecer à sua benfeitora, e assim existe no jardim do hospital o busto desta ilustre senhora sobre uma coluna de mármore. Em baixo há uma figura alusiva a uma mãe que ensina o seu filho a agradecer a esta benemérita.

Dela é também natural o ilustre escritor Dr. Veiga Simões.

Como templos notáveis encontramos os do Senhor da Ladeira, da igreja matriz, Senhor da Agonia, Misericórdia, Senhora do Monte Alto e a de San-Pedro, importante pelo estilo gótico e pela sua magnificência.

Diz a lenda que esta última capela foi construída pelos árabes numa só noite. Junto a ela se encontram vestígios duma grande cidade, que devia ser as ruínas da Aufrágia, cidade romana.

O clima é bom, especialmente no verão. A vegetação é abundante e aí se cultiva bem nabo, frutas, azeite e cereais, notavelmente o milho.

A sua população orça por 35:000 habitantes, aproximadamente. Devido à grave situação económica, daqui emigram muitos dos seus naturais, anualmente, para França, África e América-do-Norte.

O comércio é bastante desenvolvido, e a indústria não o é menos, havendo uma fábrica de cerâmica, uma de serração e outra em construção. Tem algumas escolas primárias.

Como vias de comunicação, tem estradas de macadame para Louzã, Coimbra, Góis, Tábua e um grande caminho de ferro em perspectiva que, saindo de Coimbra, passe por Louzã, Góis e Arganil, e continuará mais tarde pela Beira — talvez...

Pequenas aldeias, como Coja, com sua ponte sobre o Alva e um Paço admirável, e outros subúrbios, tornam a região de Arganil muito atraente.

A construção do caminho-de-ferro de Arganil, a luz eléctrica e outros melhoramentos modernos constituem as aspirações da sua laboriosa população.

O Monte Alto, com grandes chalés, largas avenidas, bons hotéis e águas canalizadas, dará de futuro a esta encantadora vila um aspecto imponentíssimo.

Berço de heróis que derramaram o seu sangue pelo engrandecimento da Pátria, bem merece que os poderes públicos lhe dispensem o devido auxílio.

M. SILVA.



DR. FRANCISCO TEÓFILO DE OLIVEIRA JÚNIOR, ilustre professor efectivo das letras e um dos novos mais eruditos das letras portuguesas, de quem publicaremos no próximo fascículo um brilhante estudo sobre a Arte, com as quais abria o catálogo.

NOTAS E FACTOS — FALCÃO TRIGOSO

Só no próximo fascículo nos poderemos referir a exposição deste considerado paisagista, aberta no Salão Babilone em 30 de Janeiro último.

Vem a propósito manifestarmos a nossa discordância perante o atentado de que foi vítima o expositor, nas vésperas do encerramento da sua exposição, parece-nos que em consequência de certas afirmações muito particulares — e, portanto, sempre discutíveis, — sobre Arte, com as quais abria o catálogo.

Também nos referiremos no próximo fascículo, entre outras, a brilhantíssima exposição realizada em Lisboa pelo professor da Escola de Belas Artes do Porto, sr. Acácio Lino.



D. BRANCA LOPES MARTINS, a ilustre escritora, algarvia e professora efectiva do liceu feminino do Porto, que publicou recentemente um belo livro, na colecção da Alma Nova, intitulado: «Contos para Crianças».



CRÓNICA DOS LIVROS.



Foi Eça de Queirós um plagiador? — por Cláudio Basto, edição de Maranus, Porto, 1924.

O sr. Cláudio Basto, que já tem trabalhos de literatura, de crítica, de filologia e de etnografia, e que tem também grande número de admiradores, acaba de publicar mais um volume muito curioso, intitulado *Foi Eça de Queirós um plagiador?* Este livro oferece-nos uma dupla vantagem: prova duma vez para sempre, com documentação abundante e bem escolhida, a probabilidade dum talentoso prosador e ao mesmo tempo ensina aos novos o processo de trabalho dos grandes escritores.

Eça não plagiou no sentido desprimoroso desta palavra. Eça procedeu como todos os génios da literatura. Henri Heine escreveu que nas letras como na vida toda a gente tem um pai. Não há escritores puramente originais. O valor deles consiste nisto: continuar o que os outros fizeram, nutrir-se com as obras que os outros deixaram, dilata-las, ampliá-las, transformá-las com o fogo do seu temperamento. O talento, diz Flaubert, transmite-se por infusão.

Eça de Queirós precisava de um ensinamento, de uma informação e, como Goethe, procurava-a por toda a parte, vestindo-a com a beleza do seu estilo; tinha sede de inspiração e ia bebê-la às melhores fontes, penetrava o pensamento dos outros e transmitia-o com liberdade e de outra forma. Isto não é plágio; no fundo será um pouco de imitação, tão necessária na arte de escrever.

Mas se pervertermos as Literaturas veremos a imitação completa muito diferentemente do que se adivinha no nosso melhor realista.

Os Romanos imitaram os Gregos; os séculos xv, xvi e xvii seguiram-se pela beleza da Antiguidade.

Gil Vicente imitou João del Encina na sua primeira fase; Cristóvão Falcão imitou Bernardim; Camões imitou Vergílio e Petrarca; Rodrigues Lobo teve influência camiliana no lirismo; Correia Garção imitou Horácio; António Dinis molda o seu *Hissopo* no *Lutrin* de Boileau; Herculano robustece o seu talento nos romances de Scott e nas cartas de Thierry. Ninguém ousa censurar estes escritores por terem ido fortalecer a sua inteligência, a sua imaginação no labor dos outros. E a também deve merecer a nossa maior admiração pelo seu processo de trabalho. E o que elegante e magistralmente demonstrou o sr. Cláudio Basto.

Os meus aplausos, pois, a esse erudito minhoto, que, embora longe das boas bibliotecas, vai prestando valiosos serviços às nossas letras.

JOSÉ GUERREIRO MURTA.

O Tejo, — por Ernesto Pereira. Lisboa, 1924. Edição do Autor. É uma sincera apoteose às encantadoras margens do grande e glorioso rio que tem o nome da *plaque*. 26 páginas de descritivo, crítica, observação e fantasia exuberantes. Prosa ritmada, rica e cheia de movimento. Adivinha-se através dela um belo temperamento de escritor. O sr. Eduardo Pereira apresenta em parêntesis estes dois títulos, que desenvolve: (Meio-dia. No Castelo de Almada) e (Cascais, Margens do Tejo. A bordo. Tardinha e noite).

A morte da Águia, — versos à memória de Sacadura Cabral, por *Eduardo Salgueiro*. Porto, 1924. Ed. do A. Horas altas, horas de profunda emoção. Prece laudatória, tocada de heroísmo e comoção patriótica.

...Silêncio!... De joelhos!... — começa assim o poeta, e nós ajoelhamos com ele, para ver singrar a Águia no infinito espaço da nossa Ansia, e para a ver tombor depois, dilacerada, no pélago imenso das nossas lágrimas.

Betalhos, — por Jorge das Neres Larcher. Lisboa, 1924. — O sr. capitão Neves Larcher é não só um distinto oficial do nosso exército, mas também um aperiado escritor de assuntos militares e patrióticos. Se os seus trabalhos *Monumentos de Portugal*, *Influência da Mulher na extinção da mendicidade* (tese), *A Instrução e a Educação*, *Livro sobre a Instrução Militar Preparatória*, *Cartilha patriótica* e *O Subalterno de Administração Militar em Campanha*, não o tivessem já imposto ao nosso muito apreço e

simpatia, este curioso livrinho bastaria para tal. *Betalhos* compreende, além dum prefácio de D. Adelaide Cabete, os seguintes capítulos, aliás muito curiosamente tratados: *Mulheres Portuguesas* (17 biografias de mulheres que ficaram notáveis na nossa história pelo seu saber ou virtudes patrióticas), *Montezuma e o Amor dos Italianos* (Cotejamento entre aquele e o dos Portugueses), *Nas Praias de Portugal* (Quadro muito rápido do Passado e do Presente nas nossas praias), *A Grande Dor* (1 acto), e *Saudades de Amor que Matam* (conto). A apresentação gráfica, pouco estética, prejudica bastante o conjunto. Sentimos que o autor não desenvolve mais os assuntos abordados.

Omne Est Nihil, — por Gastón Figueira, Paris, 1924. — Eis um ilustre e muito interessante poeta uruguaiano a quem as letras portuguesas não são indiferentes. As gentis palavras com que de Montevideo nos acaba de remeter o seu último livro, bastariam para autorizar-nos semelhante juízo.

Omne Est Nihil é o xiv volume duma luxuosa colecção sob o título *Hélios*, há anos iniciada e mantida pelo autor.

Gastón Figueira é um sequioso de beleza estética. Basta percorrer com a vista os títulos dos seus volumes. A sua poesia é toda psicológica, de descritivos íntimos e intensos. A sua leitura embriaga e arrebatada, mas cansa. O poeta arrasta-nos insensivelmente pelas ingremes veredas das suas idealidades:

« Ah!... ¿Qué mano feblel espierta mi cerebro?... »

« ¿Qué ruido es ése que en la calle suena?... »

« Alma mía! ¿qué buscas en este hasío inmenso?... »

« Oh!... ¿No meditar más?... Y ya que todo es nada, »

« ya que trajere al mundo este cansancio eterno, »

« dorme, déjate la inquieta marcha del tiempo, olvídate, »

« arroja tu tortura al abismo del sueño!... »

M. M.

Revistas e outras publicações recebidas

Portugal, revista portuguesa quinzenal ilustrada, do Rio-de-Janeiro. Ano 2.º, n.º 32, 33, 34 e 35. Director Literário: *Ruy Chianca*, Director-gerente: *Oliveria Guimarães*. Esta bela publicação foi a propulsora da esplêndida iniciativa «Casa de Portugal», no Brasil. Colaboração ótima e resenha gráfica curiosa.

La Pensée Latine, revista mensal de literatura, música e de teatro. Boulevard S.º Michel, 30, Paris (6.º). — Particularmente interessante para nós, por publicar mensalmente uma secção portuguesa, dirigida pelo nosso camarada de redacção dr. Pereira da Silva.

Lusitania, revista de Arte, Literatura e História. Porto. Director J. A. Landolt. — N.º 2 e 3. 1.º ano (1.ª série). Boa apresentação e es oída colaboração da gente moça do Porto.

Raio de Sol, mensário ilustrado. Porto. — N.º 1 e 2 (1.º Ano). Pequeno órgão, muito útil e simpático, para a petizada das escolas.

Revista das Beiras, órgão da Associação dos Estudantes Beirões. Ano II, n.º 16 e 17, Lisboa. — Publicação académica muito bem redigida e profusamente ilustrada com fotografias das diversas regiões e localidades das Beiras. Director: *Pires de Matos*, redactor principal: *Ernesto Pereira*.

Seara Nova, Lisboa, n.º 40, 41 e 42. — Colaboração de Raúl Proença, Aquilino Ribeiro, António Sérgio, Rodrigues Miguéis, Sarmiento de Bures, etc. Doutrina e crítica.

Folha de Alte (número especial). Alte (Algarve). — Dentre as publicações regionais, a pequena folha sertaneja salientou-se com este número duma forma notável, tanto na colaboração como na parte gráfica. São trinta e tantas páginas colaboradas por alguns dos melhores nomes algarvios e minuciosamente envolvidas numa linda capa de Bernardo Marques.

“REVISTA DO ALGARVE”

Embora nos falte hoje o espaço, por já estar completo o presente fascículo ao recebermos o 1.º número desta bela revista, não queremos deixar de saudá-la, na pessoa do seu ilustre director, António de Monsanto, como primor gráfico e literário, confiando em que todos os algarvios a saberão manter.



TEATRO · MÚSICA · CINEMAS



O "Teatro Novo". — "Orfeão Donastiarra". — Reposições e novidades

António Ferro, um dos escritores portugueses da nova geração que mais se tem imposto pelo seu inegável talento e pela sua audácia literária, não é apenas um excelente joalheiro de belas frases e inteligentes paradoxos, mas sim também um brilhante espírito de iniciativa e acção.

Critico e autor dramático já representado com ruído em Portugal e no Brasil, não nos surpreendeu por isso a notícia de estar agremiando elementos para a abertura duma nova casa de espectáculos, em Lisboa, com o nome de «Teatro Novo», — «uma *boite* que contribua, a pouco-e-pouco, para a renovação do teatro português, pondo-o em paralelo com o teatro estrangeiro».

É bastante louvável a iniciativa. Lisboa — e quem diz Lisboa diz Portugal — tem necessidade dum teatro avançado, onde sejam representados não só os nossos verdadeiros artistas da chamada escola modernista, mas também algumas das principais obras dramáticas dos modernistas estrangeiros.

Convém, no entanto, que a arte verdadeira e o bom senso se dêem as mãos, para que a nova empresa possa resistir ao ambiente de-certo dispersivo em que terá de debater-se no princípio.

Já o consignou largamente a imprensa diária e nós não queremos deixar de consignar também o nosso reconhecimento à empresa do San-Luis, pela sua arrojada iniciativa de fazer vir a Lisboa o «Orfeão Donastiarra», de San Sebastian, incontestável glória da Espanha musical.

A esforçada empresa prestou assim um grande serviço a todos os nossos amadores de música, porque o orfeão de San Sebastian, além de ser um dos maiores e melhores agrupamentos corais que nos tem visitado é o primeiro que nos veio revelar a obra-prima

do grande mestre, por todos considerada como o «momento supremo da música pura» — a nova sinfonia de Beethoven.

Trouxe-nos também o referido orfeão, no eco das suas 160 vozes, um pouco da alma da Espanha, alguns dos seus cantos populares regionais.

Bem hajam os que assim nos conseguiram proporcionar tão divinos instantes de beleza e de sonho!

TEATRO NACIONAL. — A encantadora peça «Vivette», tradução do sr. Dr. Vasco Borges, em que foram principais figuras femininas Ilda Stichini e Crenilda de Oliveira, trouxe ao Nacional verdadeiras noites de arte. Ilda sempre brilhante.

SAN-CARLOS. — Depois do «Ninho d'Águia», esplêndido trabalho de Carlos Salvagem, agora revisto e melhorado, em que Lucília e Eurico nos dão, no 2.º acto, uma das melhores provas de quanto valem, e Samuel Dinis definitivamente se afirma, «O sinal d'alarme», agora em scena, é a comédia parisiense representada em Portugal que maior número de representações contará, de-certo. Assunto por vezes escabroso, mas muito bem tratado. Desempenho de Eurico, Lucília Simões e Amélia Pereira, notáveis. Samuel Dinis e Joaquim Almada, óptimos.

SAN-LUIS. — A estouvada garridice da eterna mocidade de Ausenda de Oliveira e a bela graça de Vasco de Santana, fazem deste teatro um dos nossos palcos mais queridos. A opereta «O Rato de Hotel», que sucedeu à «Benamar», empolga pelos seus scenários e fina graça.

COLISEU DOS RECREIOS. — Números de circo muito apreciados.

Arbre no pr. inverno, com a actriz Palmira Bastos, o teatro Ginásio.

ERRATA: A páginas 123 do vol. II, linha 2, onde está *oriental* leia-se *occidental*, e na linha 3, onde está *occidental* leia-se *oriental*.

· A CRISE DO ENSINO · RESOLVIDA EM PORTUGAL

SÓ NÃO APRENDE QUEM NÃO QUERE

¿QUE CONHECIMENTOS TENDES?

— CURSOS COMERCIAIS —
RECORREI AO INSIITUTO NACIONAL

(Ler anúncio noutra lugar)

¿QUEREIS SER ARTISTA?

ESTUDAI OS CURSOS DE DESENHO
PELO MÉTODO "A B C"

¿QUE DESEJAIS ESTUDAR?

SE ESTAIS NO CAMPO DEVEIS APRENDER
— AVICULTURA E CUNICULTURA —

Dirigi-vos à Escola Belga de Avicultura

Aeronáutica, automobilismo, electricidade:

Cursos elementares e de Engenharia, no

::: Instituto Moderno Politécnico :::

■ DESEJAIS APERFEIÇOAR-VOS ■

em estudos sobre caminhos-de-ferro, marinha, minas, química, arquitectura, construções, geometria, indústria hoteleira, trabalhos públicos, serviços hidráulicos, etc.? Dirigir correspondência à Escola de Engenharia Civil.

Ensino sempre por correspondência, todos os cursos em língua francesa, diplôma no fim dos cursos. Pagamento a prestações mensais. Proporcionam-se colocações aos alunos que os concluem. Certificados de estudos devidamente reconhecidos pelas altas esferas francesas e belgas. Prestam-se todas as informações. Pessoalmente trata-se todos os dias úteis das 16 às 18 e das 21 às 23. Para correspondência enviar 1 escudo para resposta detalhada.

NÃO PERCAIS TEMPO! NÃO DEMOREIS PARA AMANHÃ O QUE PODEIS FAZER HOJE!

Escrever para a delegação portuguesa destas Escolas

Rua Almeida e Sousa, 53, r/c-D — LISBOA

UM CONVITE!

A TODOS OS QUE SE INTERESSAM

PELO DESENHO



«Croquis» de um aluno

PELO desenho vós podeis instruir-vos e esquecer os dissabores diários, anotando com o lápis ou o pincel as impressões pessoais, discernindo os momentos felizes da vossa existência e fixando-os duma vez para sempre no vosso album de «croquis».

O curso A B C ensinar-vos-há imediatamente a fazer «croquis», desde a primeira lição, indicando-vos os princípios de desenho, pelo seu único método e ensino individual e pessoal. Venceis assim as primeiras dificuldades e sereis rapidamente senhores do vosso lápis e do vosso pincel.

Os que receiam não desenhar convenientemente, se quiserem, se sentirem o desejo, se apreciarem as coisas artísticas, em breve terão a técnica do desenho. O que vos falta é um guia.

Consintam, pois, que o curso A B C vos mostre como aí chegam! Pedir todas as indicações sobre o funcionamento do Curso à

Associação Portuguesa dos Alunos do Curso «A B C» de Desenho

Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D. — LISBOA

Não há um dia que nós não saibamos de novos êxitos de alunos.

Extracto do «Bulletin Trimestriel de la Société des Artistes Antillais», acerca dum concurso para um novo selo:

«M. de Chamberland (aluno do curso A B C), que foi o primeiro diplomado desse concurso, recebeu as felicitações do governador, na inauguração dos artistas das Antilhas e também a carta de que extractamos o seguinte:

«Fulgo muitíssimo em transmitir-lhe as minhas sinceras felicitações, agradecendo-lhe igualmente o facto de ter trazido o concurso do vosso talento a esta festa!...»

Também podeis obter igual êxito e além disso tirar uma parte prática do desenho, aplicando-o à ilustração, à moda, à publicidade, à ornamentação, etc., etc.

Eliseu & Saraiva, Lim.^{da}

ALFAIATES-MERCADORES

Fazendas Nacionais e Estrangeiras

Fatos em todos os géneros

: Sobretudos e Gabardines:

Óptimo acabamento — Máxima economia

RUA DA PRATA, 103-2.º — LISBOA

PREVIDÊNCIA

COMPANHIA DE SEGUROS

CONTRA

INCÊNDIOS E MARÍTIMOS

Sede em Lisboa: Rua do Ouro, 32-2.º

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

IN MEMORIAM DE

■ CAMILO ■

Direcção artística de

SAAVEDRA MACHADO

Editora: «Casa Ventura Abrantes»

Grosso volume: edição vulgar, 150\$00;

edição especial, 500\$00

10 % de desconto aos assinantes da ALMA NOVA (franco porte)

ALIANÇA COMERCIAL VIDREIRA, L.^{DA}

TELEFONE NORTE 4-215

Sede, Escritório e Armazéns de Vendas

29-1.º, Calçada do Garcia, 31 e 31-A (ao Rossio) — LISBOA



Artigos de zinco e ferro esmaltado:

— Alguidares, baldes, tinhas, gasómetros, etc.

Ferragens: — Camas, lavatórios, talheres, etc.

Artigos de iluminação: — Candieiros, bocais, torcidas e mais pertences.

Garrações: — empalhados de 1 a 30 litros de capacidade.

Metais: — brancos, niquelados, latões,

tais como: candieiros, palmatórias, bandejas, lâmpadas para álcool, etc.

Artigos de fantasia: — apropriados para brindes: candieiros em separado e em serviços, jarras, garrafas, copos, estojos e outros objectos.

PREÇOS: SEMPRE AOS MELHORES DO MERCADO

■ Importações directas ■

EXPORTAÇÕES PARA TODO O CONTINENTE E ILHAS

O COMBATE MODERNO

Breves notas
acerca da mis-
são, emprêgo e
organização da
Artilharia de
Campo de Ba-
tailha

Paulo Tanzi - Caravel

J. J. FERREIRA DA SILVA
LISBOA

(acção ofensiva). Prejudicar, e sendo possível neu-
tralizar, antes da eclosão, os preparativos ofen-
sivos do inimigo, e contribuir para o rápido restabe-
lecimento do equilíbrio das forças em benefício da
defeza (acção defensiva).

2.º — Em todas as occasões, incomodar e causar
perdas ao inimigo, em harmonia com a importância
dos objectivos e as disponibilidades em munições.

Esta missão geral traduz-se para as Bato-
rias numa série de *missões particulares* que,
dadas a natureza, resistência, distância e ca-
racterísticas especiais dos objectivos e obsta-
culos que a Grande Guerra criou e desen-
volveu, exigem não só a cooperação de todos
os calibres no Campo de Batalha, e a acção
de materiais de potência e características
muito diversas, como ainda, uma *mobili-
dade e potência de fogo* que lhe garantam uma *acção em massa e
por surpresa* sobre objectivos de qualquer
natureza, quer próximos quer distantes, e
do isso lhe seja exigido pelas circunstâncias.
Essa diversidade de *missões particulares*
que a Artilharia tem que desempenhar no
Campo de Batalha, e que a obrigam a utili-
zar materiais de todos os calibres e de todas
as potências, provocou a sua diferenciação
em 3 categorias principais:

A *acção em massa*, aliás já preconizada
por Napoleão, mas por completo esquecida
por Franceses e Alemães em 70, e muito
pouco posta em prática nos primeiros perí-
odos da *Grande Guerra*, garante efeitos mo-
rais e materiais rápidos, eficazes e por vezes
decisivos, e consegue-se concentrando um
grande número de bocas de fogo de todos os
calibres e potências na mesma zona de ter-
reno, e fazendo em seguida actuar com um
máximo de rapidez e precisão a *massa das
suas trajectórias*, sucessivamente, sobre objec-
tivos bem determinados.

A *acção de surpresa* constitui, pode di-
zer-se, a condição primordial e essencial de
garantia do sucesso, especialmente numa
acção ofensiva, e consegue-se pela integral
utilização da faculdade que hoje a Artilharia
possue de poder tomar posição e combater a
coberto das vistas, e até dos fogos, do inimi-
go, logo que as prescrições regulamentares
sejam fielmente cumpridas, todas as precau-
ções sejam judiciosamente tomadas, e se não
esqueçam os mínimos detalhes de dissimu-
lação.

Do que acabamos de expor, conclue-se
evidentemente que a moderna Artilharia ne-
cessita ser dotada de 2 qualidades indispen-
sáveis:

ARTILHARIA LEVEIRA.
ARTILHARIA PESADA.
ARTILHARIA DE TRINCHEIRA.

A *Artilharia leveira*, caracterizada pelo
pequeno calibre (7,5 a 9), pequeno alcance
(até 10 km.), tiro rápido, trajectória tensa,
traca potência e grande mobilidade, tem por
especial missão o *apoio directo da infantaria*,
por meio do tiro sobre alvos animados, car-
ros de assalto, etc., podendo ainda atribuir-
se-lhe outras missões, tais como a neutrali-
zação de baterias inimigas não protegidas ou
tracamento protegidas, destruição de defe-
sas accessorias, interdições próximas, infecção
com granadas de gás, etc.

A *Artilharia pesada*, que por sua vez se
subdivide em 3 categorias:

ARTILHARIA PESADA CURTA.
ARTILHARIA PESADA COMPRIDA.
ARTILHARIA PESADA DE GRANDE POTÊNCIA.

A *Artilharia pesada curta*, caracteriza-
da por alcances médios (10 a 15 km.), gran-
de ou média potência, trajectória pouco tensa
e grande mobilidade, compreendendo obras
e morteiros de calibres entre 10 e 22 centi-

O COMBATE MODERNO

EDIÇÃO DA
"ALMA NOVA"
:: MCMXXV ::
COLEÇÃO
RESSURGIMENTO

1.º — *Durante o combate, abrir caminho à infantaria, destruindo ou neutralizando todos os obstáculos que se oponham à sua marcha, quer sejam tropas quer organizações do Campo de Batalha*

Com efeito, antes como depois da Grande Guerra, a missão da Artilharia no Campo de Batalha pode sintetizar-se nas seguintes duas alíneas do actual *Regulamento Francês*:

A missão geral da Artilharia no combate moderno é absolutamente idêntica à que lhe estava atribuída antes da Grande Guerra, porém os meios de que necessita dispor para desempenhar essa missão é que tiveram que sofrer uma importante evolução.

Breves notas acerca da missão, emprego e organização da Artilharia do Campo de Batalha.

Esta tem por especial missão a *contra-bateria* sobre objectivos que não podem ser baidos pelas outras categorias de Artilharia, quer pela sua distancia quer pelo seu grau de protecção; *interdições* a grandes distancias; *destruições* de objectivos importantes e

A Artilharia pesada de grande potencia, caracterizada por grandes alcances (20 a 25 km.), grande poder destruidor garantido por projecteis de forte carga explosiva, fraca velocidade de tiro, mobilidade variavel com o sistema de transporte empregado, e comprehendendo bocas de fogo curtas e compridas, de calibres superiores a 20 centímetros.

A Artilharia pesada comprida, caracterizada por grandes velocidades iniciais, médios e grandes alcances (15 a 20 km.), poténia média, grande velocidade de tiro e grande mobilidade, comprehendendo peças de calibres entre 10 e 20 centímetros, e tendo por principal missão a *contra-bateria*, *interdição*, *concentração de fogos*, etc.

metros, e tendo por especial missão a *destruição* das organizações inimigas do Campo de Batalha, a *contra-bateria*, e eventualmente a *neutralização* e a *interdição*.

longinquos (depósitos de munições, gases, obras de arte, etc.), ou de organizações particularmente sólidas do Campo de Batalha.

A Artilharia de Trincheira é uma *artelharía ligeira* cujos projecteis lhe fornecem uma potência comparável à da *artelharía média*. É caracterizada por fracos alcances (1:000 a 2:500 metros), grande ou média potência, trajectórias pouco tensas, pequena ou média velocidade de tiro, fraca mobilidade e grande rusticidade; comprehendendo materiais muito curtos e de calibre médio (*morteiros* de 58^{mm}, 150^{mm} e 240^{mm} na artilharia francesa), e tendo por principal missão a *destruição das organizações inimigas* da 1.ª linha, o *tiro com granadas de gás*, e ainda, transportada em carros «à chenilles», o *acompanhamento da Infantaria*.

No *combate moderno*, para que a acção dos fogos da Artilharia atinja um máximo de efficácia é indispensável que os seus efeitos, tanto de ordem material como de ordem moral, sejam inesperados, rápidos e violentos, e esse «desideratum» só pode alcançar-se, como dissemos, garantindo à artilharia a *acção em massa e por surpresa*.

CHÁ "GORREANA"

SABOROSO
ECONÓMICO
SAUDÁVEL

Peçam sempre chá "Gorreana"

JAIME HINTZE

PRODUTOR

Ribeira Grande — San-Miguel — AÇORES

A MELHOR OFICINA DO PAÍS

Litografia MATA

Trabalhos litográficos em todos os géneros.

Os mais baratos por serem os mais perfeitos.

FABRICO DE CARTAS DE JOGAR
GERMANO & C.^a

Cartas para todos os jogos, em cartão de linho transparente, coucho e algodão.

Jogos da Glória, Assalto, Domino, Loto, etc. Venda avulsa de títulos para licenças, xaropes, aguentantes, etc.

Escritório Central — R. da Madalena, 69 a 70 — Lisboa

TELEF. 3223 C.

Officinas — R. do Barão, 2 e 4, 1.ª e 2.ª (Edifício próprio)

TELEF. 6177 C.

Pequenos anúncios — Úteis e económicos — Cada linha, 1 escudo

COMÉRCIO E INDÚSTRIA. Jornal mensal para propaganda do comércio e indústria nacionais. Anúncios anuais, 10 escudos. Redacção e Administração: Rua Almeida e Sousa, 53-e/c-D. — LISBOA.

A CABA de aperceber o PORTUGAL QUÍMICO. Único jornal químico português. Publica-se mensalmente. Anúncios anuais, 10 escudos. Redacção e Administração: Rua Almeida e Sousa, 53-e/c-D. — LISBOA.

UM BOM NEGÓCIO. Com uma pequena quantia e dispendio diminuído, relações aliadas a uma boa propaganda, poderá auferir grandes lucros e mesmo um grande capital. Prospectos ilustrativos em várias línguas. Escrever emendação para resposta a Comércio e Indústria. Rua Almeida e Sousa, 53-e/c-D. — LISBOA.

TODOS os estrangeiros e amigos da literatura devem assistir Le Pen- de Lafite. Publicação mensal. Única revista literária francesa com páginas em português. Anúncios anuais, 12 escudos. Aceitam-se colaborações. Direcção da Secção Portuguesa: Rua Almeida e Sousa, 53-e/c-D. — LISBOA.

A CEITAM-SE assinaladas para todos os jornais e revistas regionais, literárias e científicas nacionais e estrangeiras. Pressão-se todos os informes. Envia-se sempre postal. Na redacção do Portugal Químico, Rua Almeida e Sousa, 53-e/c-D. — LISBOA.

FOTOGRAFIA PORTUGAL. Se quer ter um bom retrato não deixe de ir a esta casa. Fotografias em todos os géneros. Fazem-se ampliações. Laís d'Assumpção, Lda. — Calçada do Duque, 18 — LISBOA.

BIBLIOTECA LUSA (Edições Ressurgimento, em organização), com secções infantil, primária, secundária, superior, técnica e popular. Admitem-se colaboradores. Fornecem-se todos os detalhes na Redacção do Portugal Químico.

TROCA DE CORRESPONDÊNCIA. M.^{re} Villette — 15, Rue St. Didier — à Langres (H.^{re} Marne), FRANÇA. Deseja trocar correspondência com senhora portuguesa ainda viva, para aperfeiçoamento mútuo de português e francês.

Faz a Barba?

Em casa ou no barbeiro, homens e rapazes, usem sempre o

PILOT VERITAS

(Marca registada)

Loção contra a fogueira e ardor causado pela navalha de barba.

Cicatrizante poderoso, que amacia, refresca e desinfecta a pele, evitando FOLICULITES, SICOSIS e outras infecções.

Com a sua aplicação pode fazer a barba todos os dias sem o menor incómodo.

DEPÓSITO

Mendes & Braga, Lim.^{da}
FARMACÊUTICOS

133, Rua do Mundo, 135 — LISBOA

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{da}



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL-NORTE-3538

INTE-RESSA-VOS

ANNUNCIAR NA
"ALMA NOVA"

PORQUE É A REVISTA PORTU-
GUESA

MAIS LIDA NO

PAÍS

A "ALMA NOVA" é lida nos Consulados, Legações e Associações comerciais de todos os países.
E' DO SEU PROGRAMA tornar conhecidos lá fora todos os nossos produtos de exportação

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA,"

(COLECÇÃO RESSURGIMENTO)

: Pedidos à C. João do Rio, 8-1.º — Lisboa :

Sangue d'Epopeia — *A Artilharia Portuguesa na Flandres*, por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1 vol. illust., broch., 5\$00; carton. . . 1\$500
 De Portugal à Flandres, id., broch. 1\$00
 Sinfonia Macabra — *Máximas da Kultur*, id., id. 1\$00
 Minha Pátria — *Poema em 3 livros e 3 jornadas*, id., id., 2.ª edição, broch., 3\$00; carton. . . 7\$50
 Cantigas (2.ª edição), por REBELLO DE BETTENCOURT, com prefácio de Luís Chaves. 1 vol. br. 2\$50
 Odes de Anacreonte, por LUÍS CALADO NUNES . 2\$50
 Campanhas Camilianas, por OLDEMIRO CÉSAR e CRUZ MAGALHÃES. 1 vol. broch., com ils. de Rafael Bordalo 5\$00
 O Inverosímil — *Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista LORDE PECHINCHA DE NADAVALE* (CRUZ MAGALHÃES). 2\$00

A Educação Moral — *Pelos exercícios de redacção*, (com a metodologia deste ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA 4\$00
 Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES 3\$50
 O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo, por SAAVEDRA MACHADO: edição de luxo, formato grande e profusamente ilustrada (a entrar no prelo)
 Eça de Queirós — «Revelado por uma ilustre senhora de sua família» (D. C. D'ÊÇA DE MELO) 3\$00
 A carta, um acto em verso, por Mateus Moreno (no prelo)
 Contos para crianças, por D. BRANCA LOPES MARTINS, com ilustrações de Roberto Nobre (Ed. Maranus — Porto) 8\$00
 A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES. 1 op. ils. . 1\$00

"ALMA NOVA" volumes I e II da 3.ª série, encad. 35\$00, broch. 2\$00

Em todas as remessas destes livros se faz o desconto de 20 % aos assinantes da *Alma Nova*

A EMPRESA EDITORA DA "ALMA NOVA" ENCARRREGA-SE DA COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E BROCHURA DE LIVROS E QUAISQUER PUBLICAÇÕES, A PREÇOS EXCEPCIONALMENTE CONVIDATIVOS
 Também se executam encadernações em todos os géneros e fazem-se remessas de quaisquer livros, franco-porte

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO :: E CONTABILIDADE :: POR CORRESPONDÊNCIA

NO ano da fundação do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência (em 1919), efectuaram-se 237 matrículas. No ano seguinte o número dos alunos foi além de 700 e de então para cá esse número tem crescido de modo tal que bem poucos são os estabelecimentos de ensino que contam anualmente tão grande frequência. Isto prova que são muitas as vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional, devendo este a maioria das matrículas que se vão registando diariamente à propaganda feita não só por aqueles que se habilitaram no Instituto, mas também por todos os que, não tendo ainda completado os estudos, reconhecem já quanto são proveitosas as lições cujos trabalhos executam em casa, agradavelmente, sem o menor transtorno. Uns e outros asseguram, pois, ao Instituto Nacional um êxito cada vez maior, lastimando muitos o tempo que levaram a tomar a resolução de requisitar matrícula por, na sua boa fé, terem dado ouvidos aos que, com ignorância ou interesse, depreciavam o ensino por correspondência, que no estrangeiro já há muito sobrepujou as lições em classe e a horas certas.

As condições para a matrícula nos cursos de Escrituração e Contabilidade são remetidas gratuitamente a quem as solicitar ao Instituto Nacional — Largo Trindade Coelho, n.º 6 — LISBOA.

Em breve vão começar os trabalhos de composição e impressão de novos cursos na tipografia que para esse fim o Instituto montou agora na sua sede.